

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO
REDACTOR-SECRETARIO: SERGIO MILLIET

S U M M A R I O

O MOMENTO	P. P	193
NOTAS SOBRE A COLONISA- ÇAO EM S. PAULO	Antonio Prado	195
A ORCHESTRA	Medeiros e Albuquerque .	200
A RECEITA	José Geraldo Vieira . . .	205
ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS	José Patricio de Assis . .	208
O MERGULHADOR	Carlos Alberto de Araujo .	211
OS CANTORES POBRES DA CI- DADE !	Oswaldo Orico	212
BLAISE CENDRARS	Mario de Andrade	214
A VOLTA A MUSICA PURA . .	Renato Almeida.	224
O FUTURO DOS POVOS	Villar Belmonte.	227
A BOTANICA NO DICCIONARIO C. DE FIGUEIREDO	Ed. Navarro de Andrade .	235
A MAIS BELLA	Iago Joé.	241
A "ROUGHNESS" EM NEW- YORK	Orlando Machado	248

BIBMOGRAPHIA — KESENNA DO MEZ — DEBATES fi PESQUIZAS
— CURIOSIDADES — NOTAS DO EXTERIOR — RADIO
NOTAS — AS CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO
MONTEIRO LOBATO & Co. - EDITORES
RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B



Obra da Contabilidade

Teleph. Cidade, 6278

DE ABRIL DE 1910
 Editora de Contabilidade, Rio
 de Janeiro, Avenida Rio
 Branco, 100.

Título Elementar de Contabilidade.
 Para adquirentes nas
 primeiras aulas de contabilidade
 em cursos de Contabilidade
 em escolas de Contabilidade
 em escolas de Contabilidade
 em escolas de Contabilidade.
 Em brochura. 10\$000

Elementar Prático de Contabilidade.
 com o curso Mercantil, Livro
 primeiro, que trata de
 as operações de Contabilidade
 em brochura. 6\$000

Arithmetica Contabil.
 para as primeiras aulas de
 Contabilidade. 1\$000

Notas de Sócios e Interlocutores.
 para as primeiras aulas de
 Contabilidade. 6\$000

Peças de Escrituração.
 para as primeiras aulas de
 Contabilidade. 8\$000

Contabilidade Mercantil.
 com o curso Mercantil, Livro
 primeiro, que trata de
 as operações de Contabilidade
 em brochura. 10\$000

Contabilidade Mercantil.
 com o curso Mercantil, Livro
 primeiro, que trata de
 as operações de Contabilidade
 em brochura. 10\$000

Contabilidade Mercantil.
 com o curso Mercantil, Livro
 primeiro, que trata de
 as operações de Contabilidade
 em brochura. 10\$000

Contabilidade Mercantil.
 com o curso Mercantil, Livro
 primeiro, que trata de
 as operações de Contabilidade
 em brochura. 10\$000

Contabilidade Mercantil.
 com o curso Mercantil, Livro
 primeiro, que trata de
 as operações de Contabilidade
 em brochura. 10\$000

Contabilidade Mercantil.
 com o curso Mercantil, Livro
 primeiro, que trata de
 as operações de Contabilidade
 em brochura. 10\$000

Contabilidade Mercantil.
 com o curso Mercantil, Livro
 primeiro, que trata de
 as operações de Contabilidade
 em brochura. 10\$000

Unicos depositarios:
Monteiro Lobato
 RUA VICTORIA, 47-A



in P. 100

REVISTA DO BRASIL - RUA victoria. ai - CAIXA. 2-b - são paulo

ASSIGNATURAS : — ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO - 25\$000. NUMERO AVULSO — 1\$800
 Toda a correspondancia deve ser dirigida ao Rôdactor Secretario : SERGIO MILLIET



^m
Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

RUA LIBERO BADARO', 169

8 . PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, Hew-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

Lições de Portuguez

Livro que Candido de Figueiredo, Altino Arantes, Afrânio Peixoto, Renato Jardim e outros receberam com applausos entusiastas. Obra nova em nosso meio, procura dar a linguagem por meio concreto, dos diagrammas, e assimilação do estylo dos grandes mestres do nosso idioma.

Para cursos commerciaes, normaes e gymnasiaes. 8\$000

Pedidos aos Editore»

MONTEIRO LOBATO & CIA.
RUA VICTORIA N. 47-A

Desconto de **30 o/o** aos revendedores e aos collegios e professores



"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Director : SILVIO DE ALMEIDA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NÚMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Emprêsa Editora

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO



EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até lioje mais diffundidas e usadas no Brasil são as deste autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — Cuitso ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.^o anno dos Gymnasios. 23.^a edição com um appendice sobre composição. 3\$500

Curso SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.^a edição com um appendice sobre estyllistica. 8\$000

GRAMMATICA HISTÓRICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.^a Edição. 10\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que delias se faz, confirmou o que dissemos.

PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47 - A

Desconto de 30 o/° ao* revendedores e aos collegios e professores.

" P É G A S O "

REVISTA MENSUAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

U R U G U A Y

REVISTA

DO

DIRECTORES:

Paulo Prado

Monteiro Lobato

LP L/ /W I I

U l v / v U l J - t

REDACTOR

secretario:

SERGIO Milliet

O Momento.

LEIÇÕES, eleições, eleições. Deputados, senadores, deputados: políticos.

Salvo uma ou outra excepção — entix as quaes a talvez ephemcra restituição de um grande Estado á vida civica — a nação, cm geral, conserva-se alheia a essas lutas de profissionaes. Nem mesmo compra ingressos para o vasto ring cm que se esbofeteiam os ases do jogo de box eleitoral. O povo segue distrahido o combate — uns adormecidos no fakirismo tropical, outros absorvidos nas prccupações do enriquecimento, na passividade das raças de transição, incertas do rumo dos seus destinos.

Todos esquecem que nesta terra só existe realmente, empolgante e irrcduzível, uma única questão — a questão politica. Della decorrem todas as outras, como as crearam o romantismo da monarchia e o arrivismo da republica. O ccu e o solo benignos livraram-nos da grande questão por que hoje se bate o mundo inteiro — a questão social. Desconhecemos, por completo, as dissenções de raça e religião que tanto perturbam os outros paiccs, e os problemas economicos e financeiros surgem somente cm acccs-



sos intermitentes, ao acaso das crises, e dellcs poucas cuidam, a não ser nas aperturas do momento.

A questão politica é a questão dos homens qu\$ governam. Numa sociedade anonyma ou numa casa commercial, para evitar a fallencia, substituem-se sem demora os directores e gerentes que compromettem a fortuna dos socios. Apenas no governo das coisas publicas toleramos a desastrosa insistência dos incapazes, ou a deslavada pouca vergonha dos peculadores-

E' corrente ouvir-se a phrase de quasi desprezo: "Isto é briga de políticos, elles se entendem...". Que erro funesto! Esses políticos que brigam, disputam posições de mando absoluto: votarão leis, criarão impostos, distribuirão o dinheiro do Estado. Intervirão assim em cada minuto da nossa vida de homens e cidadãos. E, segundo a férrea organização das oligarchias, são levados ao poder pelo systema das nomeações eleitoraes, em que Pedro indica João, e João indica mais tarde José, para este por seu turno voltar a indicar o Pedro primitivo, que será o fecho de abobada da igreja da partidaria.

Só a restauração estrepitosa da verdade do voto poderá restituir á immensa maioria dos que pagam e soffrem os direitos perdidos pela indiferença e pelo absenteísmo. A Allemanha que se vangloriou de ser, no apogro do imperialismo, um unpolitisches Volk está pagando caro o desuso e abandono dessas sagradas prerogativas.

Unicamente a solução do problema politico poderá nos safar da chafurda em que nos atolamos, e dissolver a camarilha que se julga dona e senhora dos destinos do Brasil E' pela politica — desde que afastemos outras soluções violentas — que conseguiremos abolir na republica da Camaradagem, em que a irresponsabilidade é um dogma, o culto molocheano da Incompetência.

P. P.





NOTAS SOBRE A COLONISAÇÃO EM S. PAULO

DEVE-SE á colonisação particular o desenvolvimento da lavoura caféeira em S. Paulo; sem o seu concurso não ouviríamos de Enrico Ferri esta sua conhecida phrase, pronunciada do alto do cafezal da fazenda Santa Veridiana, ao contemplar as plantações a se estenderem ao longe pelos municípios circumvisinhos: — "a transformação das florestas virgens paulistas em cafezaes é o facto economico mais importante do século 19!"

Data de 1847 o primeiro emprego do braço europeu na lavoura caféeira das fazendas. Coube essa iniciativa ao senador Vergueiro, homem publico notável de então, estirpe de numerosa e distincta familia paulista, com a introducção na sua fazenda Ibicaba de 400 colonos allemães, formando 80 familias. O systema de trabalho era o da parceria.

Neste inicio de colonisação particular tomaram parte outros fazendeiros importantes, contando-se entre elles o senador Souza Queiroz e o barão de Jundiahy, Antonio de Queiroz Telles.

Os nomes destes paulistas devem ser recordados como tributo de gratidão por terem sido os pioneiros da colonisação particular em S. Paulo a qual foi sem duvida o factor principal da riqueza publica e particular do Estado.

Não foram inteiramente satisfactorios os resultados da parceria como systema de trabalho nas colonias que o adoptaram, devido principalmente á defeituosa organisação do trabalho.

A causa, porém, do emprego nas fazendas do braço europeu ao lado do braço escravo, estava ganha, em favor daquelle. A semente foi lançada em terreno fértil, e, portanto, devia dar bons frutos.

De 1847 a 1871 foi pouco considerável o desenvolvimento da colonisação particular, apesar do effeito que deveria ter produzido no espirito dos fazendeiros a promulgação da lei de 4 de Setembro de 1850, que traz á nossa memoria o nome do grande estadista Euzebio de Queiroz, então ministro da Justiça, lei que extinguiu o trafico de escravos africanos, até então fonte quasi única de supprimento de braços á lavoura caféeira.

Maior influencia, porém, exerceo a lei de 28 de Setembro de 1871, que recorda o nome de outro glorioso estadista o visconde do Rio Branco, e a qual poz termo ao nascimento de escravos no Brasil.

Essas duas leis de 4 de Setembro de 1850 e 28 de Setembro de 1871, — estacando as fontes de supprimento dos braços, que até então existiam na maioria das fazendas, contribuíram efficazmente para o desenvolvimento da colonisação particular. Os fazendeiros convenceram-se de que estavam contados os dias da escravidão—

Data dessa época o começo do grande desenvolvimento da colonisação particular. Coube então, como sempre succede em São Paulo, á iniciativa particular, efficazmente auxiliada pelos poderes públicos, o principal papel no desempenho da patriótica missão de amparar a lavoura caféeira do golpe que a teria ferido de morte ou pelo menos gravemente, sem a sua acção nesse sentido.

Dois sociedades se fundaram para a introdução de imigrantes; uma durante a presidencia do Conselheiro Costa Pinto, ex-ministro do império e grande fazendeiro, outra na administração do barão de Parnahyba, Antonio de Queiroz Telles Filho, também grande fazendeiro, e que foi a *Sociedade Promotora de Immigração para S. Paulo*, presidida por Martinho Prado Júnior, a qual só ella introduziu mais de 100.000 imigrantes.

Ao mesmo tempo o governo imperial, sendo ministro da Agricultura um paulista, celebrava os grandes contractos para introdução de imigrantes, os quaes elevaram essa introdução, de 15.890 de 1880 a 1884 a 420.290 de 1895 a 1899.

Para se avaliar a importancia prestada por este conjuncto de esforço para a protecção da lavoura caféeira paulista devemos considerar o seguinte: Quando foi promulgada a lei de 13 de Maio de 1888, abolindo a escravidão, trabalhavam nas fazendas, dos 107.000 escravos matriculados nesse anno, cerca de 60.000; o numero de imigrantes nellas existentes não excedia da terça parte desse numero. Ora, dado o facto previsto do abandono do



trabalho pelos escravos libertados, qual seria a sorte da lavoura e da grande propriedade, que era então e será sempre a base angular da lavoura cafeeira de S. Paulo, sem o concurso da imigração, que, no periodo de 1885 a 1899, forneceu a S. Paulo ... 928.280 immigrantes?

Se foi este o papel da colonisação particular no periodo em que se realisou a transformação do trabalho empregado nas fazendas, é preciso considerar que foi na grande propriedade que ella se estabeleceu, se desenvolveu, e nella está principalmente localisada.

E' discutivel se a lavoura cafeeira de S. Paulo se teria desenvolvido na pequena propriedade como se desenvolve na grande. Parece que as condições geographicas e topographicas do Estado não permittindo a cultura do cafeeiro senão em zonas limitadas, nos logares altos e de terra fértil, não aconselham a divisão dessas zonas em pequenas propriedades, que teriam de utilizar-se de uma parte delias para outras culturas, necessarias para sua exploração. Seja, porém, como ifôr, a grande produção cafeeira de S. Paulo provem da grande propriedade; a sorte de uma, depende da sorte da outra e ambas experimentam actualmente os effeitos de uma grande crise — a falta de braços para o trabalho. A produção tem augmentado consideravelmente e o numero de trabalhadores, se não é o mesmo de 15 annos atraz, não tem augmentado na mesma proporção sendo o augmento pela natalidade contrabalançado pela retirada dos que procuram outras occupações. Explica-se o facto da falta de trabalho não ter prejudicado a produção, e antes coincidindo com o augmento desta, considerando-se que esse augmento provem principalmente das novas plantações que agora começam a produzir e que foram feitas quando a falta de braços ainda não se tinha manifestado com o mesmo caracter de gravidade. E' preciso considerar também que os primeiros effeitos da falta de trabalho se manifestam apenas pela imperfeição do trabalho de cultura das plantações e pelo defeituoso beneficiamento do producto, vindo só mais tarde a diminuição da produção pelo abandono das plantações. Por occasião da colheita da ultima safra, já começaram a manifestar-se mais accentuadamente os effeitos da falta de braços, pois, calcula-se que 10 % da produção foi perdida nos cafezaes por não ter sádo colhida em tempo opportuno, e 20 % foi muito prejudicada pela imperfeição dos trabalhos nos terreiros.

A crise de 1888, produzida pela abolição, foi efficazmente combatida pela introdução de immigrantes em grande escala, provindos principalmente da Italia. Infelizmente a emigração italiana subvencionada para o Brasil e especialmente para S. Paulo está



desde alguns annos suspensa, em vista da decisão nesse sentido do governo daquelle paiz.

A' iniciativa particular caberia agir nesse sentido, se ella pudesse obter o mesmo auxilio dos poderes públicos que delles teve em 1888. Será isso possível? Vejamos o que se passou a respeito em 1921. O caso é curioso, e, sendo característico da situação, convém referil-o.

Alguns fazendeiros importantes, urgidos pela necessidade de obter trabalhadores para as suas fazendas, resolveram fundar uma associação para tentar o engajamento delles na Itália.

O presidente da associação, então na Europa, entendeu-se directamente com o commissario geral da emigração da Italia, sr. De Michelis, teve com elle varias conferencias, tendo a satisfação de encontrar da parte deste, e, portanto do governo italiano, que elle representa officialmente, a melhor vontade no sentido de ser recomeçada a emigração particular para S. Paulo. Dessas conferencias resultou autorisação para a sociedade funcionar na Italia, assim como para o engajamento dos trabalhadores, feito pelo proprio commissariado e a aceitação de um contrato particular de trabalho a ser executado nas fazendas-

Estavam assim resolvidas as difficuldades que poderiam embaraçar na Italia a realisação da idéa dos fazendeiros.

A introducção dos colonos em S. Paulo dependia da concessão á sociedade pelo Governo do Estado do favor estabelecido por uma lei estadual, do pagamento das passagens. O presidente da sociedade, dirigindo-se para esse fim ao Presidente do Estado, declarou este que não pagaria as passagens, porque no contracto particular feito pelos proprietários com os trabalhadores havia tres clausulas com as quaes não concordava e eram as seguintes: — visita do cônsul italiano ás fazendas para verificar se os contractos eram fielmente cumpridos e offerecer os seus officios no sentido de evitar que as desintelligencias entre o particular e o colono (fossem levadas aos tribunaes; ensino da lingua italiana aos filhos menores que acompanhassem os seus paes e, finalmente, a reproducção, no contracto, da disposição da Constituição que estabelece a inviolabilidade de domicilio.

Em vista de semelhante deliberação do Governo do Estado, ficou perdido todo o trabalho feito na Italia com o engajamento dos trabalhadores, engajamento já realisado e do qual devia resultar a introducção em S. Paulo de algumas dezenas de milhares de trabalhadores, ficando os fazendeiros a vêr navios... que, em vez de trabalhadores, traziam automóveis destinados a desenvolver o automobilismo em S. Paulo!

Disse-se então, para justificar o acto do Governo do Estado, recusando dar execução a uma lei estadual de concessão de favores

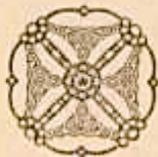


á introducção de immigrants, que elle assim procedia porque o presidente da sociedade usurpara attribuições governamentais celebrando o contracto de trabalho de combinação com o commissario geral da emigração italiana; que, assim procedendo, sacrificara a dignidade nacional, e, portanto, devia ser tido como traidor da patria- A verdade, porém, é que o contracto por elle feito era um contracto particular, sem envolver nenhuma responsabilidade do Governo do Estado.

Disse-se mais que a questão do restabelecimento da immigração italiana para S. Paulo estava confiada ao estudo e decisão do Governo do Estado, e que, em breve tempo, estaria satisfatoriamente resolvida. São passados, porém, tres annos e a Italia mantém os seus portos mais que nunca fechados á emigração para S. Paulo.

Ha um facto que impressiona quem procura verificar o que ocorre em S. Paulo a respeito da immigração — é a abundancia da legislação a respeito, contrastando com a improductividade desse serviço. E' preciso confessar que as leis e regulamentos sobre o assumpto são excellentes, graças á incontestável competencia do pessoal auxiliar da administração. A machina é perfeita, está bem montada, com todas as suas peças devidamente ajustadas e promptas para funcionar; entretanto ella é posta de lado e fica á espera de quem queira ou tenha competencia para fazel-a funcionar-

ANTONIO PRADO.





A ORCHESTRA

HA sempre, dentro de cada um de nós, toda uma grande e tumultuosa orchestra. Orchestra estranha! Orchestra como nenhuma outra, em que, lado a lado soam, martelando, vibrando, silvando, todos os instrumentos de todos os tempos, mesmo os de povos desaparecidos. Orchestra em que nunca os instrumentos obedecem de todo á batuta do regente e ha dissonâncias e cacophonias horríveis, apesar das quaes ás vezes se eleva uma harmonia superior.

Selvagens, outr'ora., quando tinham de emprehender excursões bellicosas, dansavam, á noite, diante das fogueiras crepitantes, preparando-se desse modo singular para as luctas que iam travar. E essas dansas eram aggressões figuradas contra os das outras tribus. Havia nellas a mimica feroz da setta que se lançava, da setta que se cravava no inimigo, da setta que o fazia rojar-se por terra, sangrando, estrebuchando de dôr. E os esgares barbaros da dansa diziam o contentamento do vencedor subjugando o vencido, diziam o prazer de tortural-o e matal-o-

Durante todo esse tempo, os tregeitos dos selvagens eram fortemente rythmados pelo ruido monotono do tan-tan.

Hoje as luctas nos tempos normaes não parecem ter essa fúria. São polidas e elegantes. Menos se diriam pelejas que meneios de cortezias. Mas tudo isso é apparencia enganosa. Dentro de nós,

muitas vezes, nessas ocasiões, o tan-tan sôa acompanhando, marteladamente, a dança selvagem. Selvagem, o odio se accende em nossa alma. Sorrisos, que então se entreabrem graciosos, são os mesmos esgares ferozes de outr'ora, apenas disfarçados- E quando sabemos o inimigo aniquilado, é como si no nosso cerebro alguém dansasse, jubiloso, — jubiloso por vel-o soffrer, jubiloso por vel-o prostrado, succumbido.

*
* *

Trompas de caça! O hallali dos que perseguem os animaes, ao galope dos cavallos em fúria, não pela necessidade de os matar, mas pelo prazer de lhes assistir á agonia.

Trompas de caça! Os caçadores soltam os cães na perseguição dos animaes e correm atraz dos cervos meigos e timidos, que no desespero da fuga, se atiram, loucos, devorando o espaço...

Trompas de caça, ellas soam ainda na orchestra que ha dentro dos homens e das mulheres de hoje. E quando algumas destas, divinamente bellas, procuram attrahir os incautos fingindo amal-os só para depois os ver aniquilados, perdida a dignidade, perdida a honra, perdido tudo o que faz o incentivo da vida, as leves e graciosas palavras com que ellas assistem a esse miserável fim, são feitas de uma alegria cruel. E as trompas guerreiras cantam dentro delias o hallali dos caçadores victoriosos.

*
* *

E enquanto esses instrumentos — o tan-tan e as trompas de caça dos homens de outros tempos — mostram que o espirito selvagem do odio e o desejo de ver o soffrimento alheio, não morreram dentro de nós, — a acompanhar outros sentimentos alguns delles purissimos e nobilissimos, indisciplina e incoherente, continua sempre a sôar, no intimo de noss'alma toda uma grande e tumultuosa orchestra.

*
* *

Sôam harpas... A harpa diz o sonho branco da virgindade e da pureza. Braços formosos, parecem passar diante das cordas tensas, que mãos delicadas dedilham- E a harpa canta a indecisão dos desejos de um amor em que nada possa haver de grosseiro, um amor eíhereo, um amor diante do qual revoadas de anjos pai-



rem, pasmos, entreabertos os lábios em sorrisos cândidos, batendo as azas de vagar para não perturbar a harmonia da musica ce-
leste.

Sõam harpas ; mas quasi que se não ouvem. A orchestra lou-
ca, em que cada um toca á parte o seu instrumento, soffoca-lhes
quasi sempre o brando, o leve, o delicado som.

Mais forte, o violino faz vibrar suas cordas. E' que elle canta
o grande amor completo, em que ha a paixão integral. Elie exprime
a doçura dos longos beijos, cujo rumor se faz ouvir, voluptuoso
e quente. Elie exprime os deliciosos enlaçamentos, em que, de
dois corpos se parece fazer uma só chamma estuante de paixão
e de goso. Elie exprime o que é todo o bem e todo o mal da vida :
o peccado divino, pelo qual nós já renegamos uma vez e renega-
ríamos de novo, se necessário, qualquer paraíso em que elle fosse
impossível. E as cordas do violino vibram, ás vezes tão forte-
mente que supplantam o conjuncto de todos os outros sons-

*
* *

Gemem flautas, não raro, no meio de orchestra infernal, a
saudade de alguém que partiu ; alguém que lá por longe nem pensa
talvez nessa safidade, que assim está cantando... E as flautas ge-
mem, docemente, tristemente, num enlevo tamanho, que nem se
apercebem do barulho infernal dos outros instrumentos.

*
* *

Em algumas almas femininas vibra, festivo e grave, ao me-
nos uma vez na vida, o rumor solemne e magestoso de um orgam
que toca uma marcha nupcial. Evoca-se, ouvindo-a, a igreja em
festa, os altares illuminados, os santos e santas hieraticamente
immoveis nos seus nichos a multidão anciosa para ver os noivos
que entram. A noiva, essa, é um enovelamento branco de gazes
e de flores de laranjeira. E ha por baixo disso um rosto feminino,
aceço em um sorriso extactico de felicidade, embevecido num
sonho de ventura, sonho que quasi nunca se réalisa...

*
* *

Tan-tans e trompas, violinos e organs... Como é extrava-
gente essa mistura de cousas tão diversas. Mas a orchestra tem
mais, muito mais instrumentos !



Tem os clarins que proclamam os triumphos dos vencedores, num excelso clamor de gloria.

Tem sinos e guizos — mescla extranha do que é fúnebre e do que é louco. E não raro, quando os clarins vão gritando mais alto a gloria de vencer, a alegria da superioridade em todos os dominios, os louros conquistados na guerra ou nas lettras, — dobres de sino rebentam de súbito, sobrepujam tudo. Sinos de morte, desde o lento sôar dos grandes bronzes, que são entre os instrumentos o que é o cantochão entre as vozes humanas, até as pequenas sinetas dos cemiterios, que, annunciando quando chega cada enterro, parecem gritar zombeteiramente: "Vermes! Outro! Outro que chega para o vosso festim!".

Mas ainda quando é mais grave, mais demorado e mais triste o badalar sonoro dos bronzes da morte celebrando mortes alheias, ha sempre num canto qualquer do cerebro um bater de guizos, em pandeiros alegres de loucura despreoccupada. Elles estão a dizer que a morte dos outros pouco importa e que, emquanto a nossa não chega, é preciso ser alegre. Os que choram num dia riem no outro. Os mortos mais pranteados tornam a morrer dias depois no esquecimento. E a orchestra, sempre incoherente, segue misturando sinos e pandeiros, tan-tans e trompas de caça, violinos, harpas, clarins, e tudo, tudo, tudo.

*
* *

Ha só uma vez em que não se ouve sinão um instrumento: é quando a todos sobrepuja o grito rouco das sereias.

A bordo, nos dias em que a bruma é espessa ou o vapor corre perigo de naufragar, as sereias uivam em meio da cerração. E' um pedido de soccorro: "De pressa! De pressa! A agua já vai invadindo os porões e o navio aderna e se afunda" — A sereia ulula: "Soccorro! Soccorro!"

Nesses instantes, toda a nossa grande e tumultuosa orchestra se cala— O instincto de conservação quasi nunca consente que nada perturbe o appello despedaçador da sereia, que vai pela noite a fóra, a supplicar que nos salvem...

Mas vem sempre um dia em que esse apello é vão... O navio, os porões cheios de agua, já inclina os mastros que começam a mergulhar... A's vezes, nessas occasiões, vendo que a morte á irremissível, o que vae para sempre fechar os olhos, pensa na sua infancia e, ao lado dos uivos desesperados da sereia, ouve-se o leve bater de um chocalho infantil, o primeiro brinquedo que a

criança agitou, pequenina, nas pequeninas mãos tremulas... Última incoherencia da orchestra louca...

O navio já está de todo sob o oceano. E como o oceano é grande! Como elle é profundo e escuro! Somem-se agora rapidamente mesmo as pontas dos mastros mais altos... Faz-se no mar durante um momento — só um momento — um torvelinho: num ultimo sorvo, as ondas engolem a náu perdida, dentro da qual emfim se cala completamente aquella grande e tumultuosa orchestra, que vibrou dentro de nós durante toda a vida... •

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.





A RECEITA

SUBIU a escada muito devagar como que arrependido da resolução tomada.

Vendo, depois, num relance, que a sala estava repleta, tomou-se dum desanimo hostil; mas, entrou, passando entre pessoas que ali esfiavam e resignadamente se poz á espera da sua vez.

Estava mal vestido propositalmente, e a barba crescida de alguns dias ainda mais avivava o feitio decidido desse homem que se expõe aos médicos por bisarrissimo sarcasmo...

Aquillo era, pois um consultorio... Começou então a observar, de soslaio, com um mysterio maldoso no olhar, toda aquella gente que ali esperava o papel miraculoso da receita.

Havia uma familia compacta, de ar alvoroçado, num feitio tácito de algarismos de estatistica.

Sereno, quasi ironico, um velho conversava sosinho, todo tremulo, olhando na parede o retrato de Voronoff; olhava o sábio, inchava as bochechas e deglutia gostosamente o ar pelo vão vermelho das gengivas decrépitas. E, em frente d'elle, esguia como um desenho moderno de Benito, uma mulher, trajando um vestido exotico, genero Tut-Ank-Amen, estava sentada num sofá, folheando com lassitudes bau"el?.ireanas uma revista d« cinematografia. Ella possuia, seguramente, na sua belleza frivola o cunho dessas doentes paradoxaes que fasmem via sacra pelos gabinetes médicos narhando extranhos fenomenos pessoases de esphera mórbida freudiana...

A porta do consultorio de quando em vez se abria deixando passar cidadãos aliviados: sujeitos magros, desnutridos de attitudes indecisas; typoç em convalescença, com largas satisfações no modo grato de diser adeus; senhores rotundos que enchiam a porta como anedotas ambulantes, desses que têm procuração para substituir senhoras impossibilitadas de comparecer.

Novos clientes subiam, mudando o scenario monotono da saleta.

Chegou a hora do homem que se costuma expor aos médicos por bisarrissimo sarcasmo.

Entrou.



O medico o recbcbu com apupos sonoros e encorajamentos retumbantes. Fel-o sentar. Emmaranhou-o na rede minuciosa de confissões extranhas, retrospectivas, desde o tempo infantil. Obrigou-o a passar para um salão onde o ascultou numa intimidade primitiva de indagações materiaes.

Depois, lavando com esforços maníacos, ambas as mãos num jacto de álcool, entrou a falar com energia, dando convicções apostolicas a voz.

O homem ironico, sorriu, mas devagar e com certa tristesa.

Pela vigésima vez subia ao consultorio de sumidades scientificas para ouvir pleonasmos maldictos...

O medico, tal como os outros também lhe falou em cura: de repouso, em mudança de clima, em pneumothorax.

Elie ali estava, deante do espelho, nú e cambaleante comicamente desgraçado, com o esqueleto a flor da pelle. E aquella barba, oh! como ella tornava quasi uma caricatura aquelle homem assim grotescamente curvo como uma interrogação de cartaz!...

Vestiu-se lentamente, perdendo aos poucos o modo fraglantemente bar-
baro de ha pouco. Recebeu o papel immaculado da receita. Tossiu, com enorme esforço; quiz perguntar ainda, mais por mania do que por necessidade, qualquer cousa. Gaguejou; cheio de redundâncias explicou particularidades, com uma precisão doentia e aguda. Depois, zozzo, desilludido, sahiu.

Fôra, na cidade era a loja abjecta da burguesia contar o dinheiro, antes de recolher á casa.

A multidão passava sob a massa hostil dos quarteirões.

Elie atravessou as ruas febris e as praças estagnadas de gente e enveredou pelas calçadas, parallelamente a multidão. Ia triste, com uma amarga indisposição para com tudo. Passavam, irritando-lhe os nervos, velhos omnibus derramando luses tremulas no asfalto molhado. Fachadas se aclaravam, com annuncios luminosos, dum vermelho yankee.

Vozes apregoavam, nas esquinas, complicações internacionaes. Mulheres lépidas, de silhueta honesta, mettidas em tailleurs modernos crusavam deante de senhores circunspectos que fasiaam horas... Sussurro compacto. Fechavam-se as ultimas vitrinas e as ruas transversaes de commercio iam ficando desertas. Grupos de homens entravam, sahiam e se aglomeravam á porta de cafés conversando sobre cambio, mulheres, titulos e telegrammas.

O homem ironico, sumiu, galgou a parte silenciosa da cidade, caminhou junto aos muros onde o operariado tinha gravado signaes dúbios.

Por fim entrou em casa. Soube que a mulher ainda não tinha chegado. Chamou então a mãe para um canto da janella e, deante dum jardim trivial de arrabalde pobre, lhe narrou a historia toda como se ella a ignorasse. Depois, com ar imperativo, como que abrindo um parenthesis com os braços, juntou:

— Será bom, pois separar tudo quanto for de meu uso.

Depois oecultou a ideia de uma estação de clima; falou até em arranjar um empréstimo com um amigo.

Quiz, depois, chorar... Mordeu os lábios, disfarçou e ficou olhando o trecho pacato da rua.

Aquella era a hora habitual da febre; já começava a sentir as mãos grossas e pesadas; a testa se lhe empapava de suor c um sub delirio lhe avinagrava as ideias.

A mulher ao chegar teve um calmo e comedido espanto.

Elie se sentou junto a mesa a brincar com as pontas dum lenço, calado, pensativo, com rugas sinistras ao canto dos olhos húmidos.

A mãe velhinha, á cabeceira da mesa, com meiguices brancas no rosto encovado tinha tacitas bênçãos no modo de o aureolar com a sua bondade exuberante e tremula.

Um relógio tocou oito badaladas vulgares. A mulher calçou de novo as luvas; poz o chapéu, explicou que ia á sessão de Caridade, que voltaria para darem juntos um geito áquillo...

Elie ainda ficou, num meio extase; ergueu-se, voltou a contemplar a perspectiva suburbana da rua, e o canto triste do jardim...

Ideias fixas lhe enxameavam a cabeça. Pensou com particularidades vivas, no suicídio; mas afastou essa intenção, por que lhe repugnavam escândalos melodramáticos.

Tomou o chapéu, sahiu e começou a descer a rua, lentamente. Um sereno estupor lhe boiava na fisionomia macillenta de tuberculoso.

Aonde ia? Sabia lá! Fumou um cigarro, outro, e outro. Viu luses tremulas num casarão escandaloso, a cuja porta crianças mastigavam gulodices. Uma orchestra infernal paramentada de librés encarnadas, tocava uma marcha de revolução.

Aquillo era um circo...

Cartazes em profusão exhibiam informações coloridas de todo e qualquer numero...

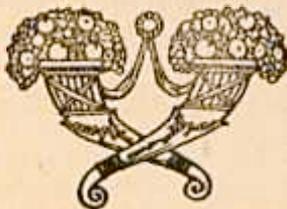
Um circo...

Casaes simplorios, de ar honesto, entravam conduzindo creanças e creadas ingênuas.

Então, com a sua pobre e innocente filosofia provisoria de desgraçado elle -voltou quasi a correr, até a casa; tomou pela mão a mãe já velhinha tremula e atarantada e sahiu apressado, anhelante, alegre, quasi como um resuscitado, voltou até á porta do casarão escandaloso e, como quarenta annos antes, entrou com ella na archibancada plebea daquelle circo feliz.

Rio, 924.

JOSE' GERALDO VIEIRA.



"O pique é de mestre; mas a censura *carece* de fundamento, salvo..." (Heráclito Graça, *Fatos da Linguagem*, p. 445).

"*Careci* de piedade, é certo; mas tu, que me trouxeste á existencia, divindade perversa, (Prometeu), foste a causa original de tudo." (Machado de Assis, *Varias Historias*, p. 290).

"Não ha tempo em que melhor se julgue, e entenda o bem da paz, que quando se *carece* dela." (João de Barros, *Panegirico a cl-rei D. João III*, p. 30).

"...D. Quixote vai pelos campos e pelas azinhagas... buscando viivas... que *careçam* de amparo..." (Olavo Bilac, *Conferencias Literarias*, p. 182).

"A cidade... *carece* totalmente de edificios públicos..." (Silveira da Mota, *apud* C. de Figueiredo).

"...é emenda artificial subjectiva, e portanto *carece* de autoridade" (Gonçalves Viana, *Palestras Filologicas*, p. 121.)

"... *tiecessidade* porém, quando para exprimir uma idéa *carece* de termo a lingua" (Dr. Castro Lopes, *Neologismos Indispensáveis*, p. XII.)

"*Carecemos* de autoridade para essas considerações". (Solidonio Leite, *Rev. de Ling. Port.*, vol. III, p. 111).

"Esta *carece* de toda a realidade". (Gil Vicente, *Obras*, v. III, p. 388).

"Os juizos e proposições do sr. Duque Estrada são arbitrarios, por *carecer* de testemunhos ou provas". (Mario Barreto, *Fatos da Lingua Portuguesa*, p. 313).

"*Carece*, pois, de fundamento a paixão que..." (Carlos de Laet, *Microcosmo*).

"Tal conclusão... *carece* de base scientifica". (C. de Figueiredo, *o que se não deve dizer*, tomo I, p. 218).

"...a regra dos gramaticos relativa ao modo de escrever a preposição á *carece* de bom fundamento." (José de Alencar, *Iracema*, p. 245).

"As flores que anoiteceram secas e murchas, por que *carecem* de vozes, posto que lhes não falte melodia para louvar a quem as fez tão formosas..." (Antonio Vieira).

Emfim, o erudito frei Francisco de S. Luís, *Glossário das palavras da lingua francesa*, condenando a construção *bom tom*, escreveu: "Parece-nos expressão afetada, de que podemos *carecer*."

Belo Horizonte.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS.





O MERGULHADOR

*O Poente perpendicular
tremu, á beira da planície.
E' um mergulhador que vacilla,
antes de atirar-se ao mar,*

*Vacilla... E no grande cenário,
eis que repentinamente
muda-se o quadro azul da tarde
pelo da noite serena.*

*E nesse quadro incomparável
que é o fundo do mar escuro,
por entre as massas de água azul,
vê-se o nadador passar.*

*Passa... E vai afflicto, e vai rápido,
e lueta e corre e se fêfe
e estende em vão os braços pallidos,
á caça fria das pérolas.*

*Depois... nas manhãs refrescadas,
todo molhado aparece,
agitando jóias claras
sobre os jardins que adormecem.*

CARLOS ALBERTO DE ARAUJO.



OS CANTORES POBRES DA CIDADE

*Artistas pobres, tristes cantores,
que de instrumentos fatigados
ainda arrancaes, por entre dores,
delicadíssimos bailados.*

*Aquelle violino tristonho
como um poeta decadente
tem a alta impressão de quem sente
a volúpia de um lindo sonho.*

*Nas mãos dos cegos o violino
parece uma creatura humana,
faltando á vida quotidiana
tristes cousas de seu destino.*

*Em suas notas ha matizes,
ha subtilezas coroadas,
que faliam de cousas passadas
e de uns homens muito infelizes...*

*Ha uma suavidade que deixa
na alma da gente que passa
a cinza de uma vã desgraça
sobre o tecido de uma queixa.*

*Aquella musica frequente
de cavatinas dolorosas
canta na voz do homem que a sente,
apagando todas as rosas.*

*Linda musica descuidada
sem pretensões a formosura,
mas onde ha uma grande finura
completamente abandonada.*



Amo-a, por que não hei de amar
os dons de cada instrumento,
onde ha muito mais sentimento
do que cordas para tocar?

Vejo naquellas partituras,
cantos da vida transitória,
passarem como crcaturas
todos os artistas sem gloria.

OSWALDO ORICO.





BLAISE CENDRARS

*"Then to turn destruction in4o creation
Is not enough:
But out of this turmoil a Self must be won:
And he only wins Self who loses it in another."*

JAMES OPPKNHEIM.

NÃO falemos da snra. de Noailles. Veio a guerra. O tumulto permitiu aos poetas esquecerem-se de Mallarmé. Não falemos do snr. Paul Valéry. "Puis l'époque: construction, simultanisme, affirmation Calicot: Rimbaud: changement de propriétaire. Affiches. La façade des maisons mangéeá^par les lettres. La rue enjambée par le mot. La machine moderne dont l'homme sait se passer. Bolchevisme en action. Monde". Toda a critica, e a melhor, de Cendrars deu-a êle mesmo nessa carta de 1920.

Logo depois da guerra publicava o "J'ai tué". Conto. Fazia ainda impressionismo. Aliás toda a sua obra de escritor é trabalho de impressionista. Mas dentro do impressionismo se distinguirão duas fases. A primeira, continuação e consequência do romantismo: fim de trajectória, dissolução. Manet, Degas, Vuillard. A segunda, tendencia ascencional para novo classicismo: sistematização, aparelhamento, construção. Início de nova trajectória. Seurat, Rousseau, Cézanne. O impressionismo destrutivo da primeira fase espraia-se num lago fechado, sem continuidade estetica. Abuso de liberdade; individualismo absoluto. O "fauve" da pintura e o "dada" das artes literarias o representam. O impressionismo construtivo da outra fase é continuidade natural, humana e social de evolução. Permite desenvolvimento; organiza a liberdade, cerceia o individuo. Dirige-o para a humanidade. Em vez de análises pessoais dispersivas, sintetiza as comoções dentro duma ordem mais g«ral e. clássica.

Em "J'ai Tué" (1919), Cendrars emprega mesmo o pontilhismo. "Tout pète, craque, tonne, tout à la fois. Embrassement général. Mille éclatements. Des feux, des brasiers, des explosions. C'est l'avalanche des canons. Le roulement. Les barrages. Le pilon. Sur la lueur des départs se profilent éperdus des hommes obliques, l'index d'un écrieteau, un cheval fou. Battement d'une paupière. Clin d'oeil au magnésium..." Ou no magistral ataque á trincheira inimiga: "... Voilà le groupe qui stimule les autres. Le fanfaron se fait petit. L'âne braie. Le lâche se cache. Le faible tombe sur les genoux. Le voleur vous abandonne. Il y en a qui escomptent d'avance des porte-monnaies. Le froussard se carapate dans un trou. Il y en a qui font le mort. Et il y a toute la bande des pauvres bougres qui se font bravement tuer sans savoir comment ni pourquoi. Et il en tombe! Maintenant les grenades éclatent comme dans une eau profonde. On este entouré de flammes et de fumées. Et c'est une peur insensée qui vous culbute dans la tranchée allemande".

No "Profond Aujourd'hui (1917) o poeta já prênunciara o processo. Página excelente êsse "Profond Aujourd'hui"; Um pouco *perimée* pela adoração da máquina, da sciencia e do movimento, mas em que o artista teve a maestria de fugir do manifesto, embora lhe bordeje nas aguas.

Este começo de século, talvez o caracterizem mais tarde como a época do manifesto. Época terminada. Aragon teve o espirito de lhe dar o golpe de misericórdia com o impagavel "Manifeste du Scandale pour le Scandale". Acabou.

Devo esclarecer o que disse mais atrás: Não comparo o pontilhismo pictural com o processo de Cendrars. Servi-me de palavra capaz de expressar o que quero dizer. A prosa de Cendrars tem outro caracter que o pontilhismo dissolvente e envolvente dum Signac ou Previati. Cada palavra, cada frase curta, de significação exacta, essencial, concorre, por juxtaposição, em sintese sistemática, para uma arquitectura extraordinariamente equilibrada e franca. E assim rapida, cinematica, cria vida intensa — ultrarealismo de objectivação dramática, ainda não visto nunca na comedia e esterilizada prosa de França. Sinceridade de expressão que toca ás vezes a segura. Ingenuidade primitiva, voluntariamente pobre, Cendrars descobriu o segredo de certas frases musicais de primitivos, selvagens, ou populares e a rigidez crua, plastica, saxeia das lendas negras que tão bem soube reunir na "Anthologie". Frases musicais ou lendas que através de gerações e gerações vieram se construindo, estratificando, condensando, para finalmente adquirir sóbria concisão, como que indiferente e estóica, mas que no fundo guarda a dor continuada, a força em luta aberta, a alegria intercadente dos homens em successão. O que não quer dizer que Cendrars seja definitivo. Mas eu creio que, principalmente nos poemas, realizou a definitiva expressão do decenio 1910-1920.

Ainda em "La fin du monde" o mesmo artista se encontrará. Nos dois outros livros de prosa publicados depois da guerra, tanto no "Monganni Nameh" livro inferior, como em "L'Eubage", Cendrars é já menos energico e mais deleitoso. Isso em parte se justificaria pelo assunto... Livros de fantasia um pouco fácil, onde se reconhecerão, eivando o mineiro puro da personalidade Cendrars o calcareo de outras fontes. E da mesma forma oue o espirito, nestas obras o estilo fraqueia. Mais agradável porventura... O fulgor abundante das imagens scintilla. Já não é o Cendrars da Prosa incontestavelmente forte das outras obras. Compare-se:

"L'Eubage", cap. 1.º: "Après avoir levé l'ancre, nous quitâmes la Terre pour entrer dans cet océan de lumière solaire qu'est notre atmosphère respirable. Ayant atteint ses extrêmes limites, nous nous engageâmes résolument dans les rapides de la région de l'ozone. Nous allons si vite que nous ne pouvions estimer la vitesse acquise et qu'il nous semblait

rester imóveis. La Terre était invisible dans notre sillage et devant nous les astres n'existaient plus. Enfin nous fîmes la grande chute dans le vide, ébloussés par une écume d'étoiles. Nous louvoyâmes devant la Grand'Ourse durant sept siècles d'horloge, passant souvent sous des arcs-en-ciel noirs; puis, ayant doublé le cap d'Orion, nous piquâmes droit devant nous dans la direction du Sud qui est le Nord du Ciel. Nous péchions des êtres interstellaires qui nous ébahissaient tant ils nous semblaient étranges, mais dont la chair exquise nous régala et était un précieux adjuvant à l'ordinaire de l'équipage... "A frase se alonga, sensual. Cadencias. O adjetivo não é imprescindível: colore e harmoniza.

Mas eis o cap. 1.º de "La Fin du Monde": "C'est le 31 Décembre. Dieu le père est à son bureau américain. Il signe hâtivement d'innombrables papiers. Il est en bras de chemise et a un abat-jour vert sur les yeux. Il se lève, allume un gros cigare, consulte sa montre, marche nerveusement dans son cabinet, va et vient en mâchonnant son cigare. Il se rassied à son bureau, repousse fiévreusement les papiers qu'il vient de signer et ouvre le Grand Livre qui est à sa droite. Il le compulse un instant, note des chiffres au crayon sur son bloc-notes, souffle la cendre de son cigare qui est tombée entre les pages du livre. Il s'empare soudain du téléphone et téléphone furieusement. Il convoque ses chefs de rayon. "Plena síntese. Objectivação directa. O adjetivo funciona bem. O contador desaparece. Vida. Movimentação do leitor. Colaboração.

Aliás o que mais desagrada nos livros de plena fantasia é a absoluta observação passiva a que sujeitam o leitor. Eis porquê pouco aprecio Lautréamont. Prefiro Julio Verne e Sue...

"Et ce n'est pas le moindre mérite que de citer le roi des Voleurs".

Deverá procurar-se essa dosagem bem medida entre a fantasia sentimental e a verdade vivida, que está em "Une Saison en Enfer", em "Le Poète Assassiné", em "Le Panama". Então a obra-prima aparece.

Como prosista, Cendrars me interessa principalmente pela maneira com que trabalhou a palavra. Aprecio sobretudo o problema da forma de que deu as duas soluções diversas, caracterizadas sobretudo por "L'Eubage" e "J'ai Tué". Prefiro de muito a acção rápida deste á divagação colorida daquelle. A prosa francesa é branca... Não me lembro de quem o disse. "Profond Aujourd'hui", "J'ai Tué", "La Fin du Monde" são brancos.

Mas em Cendrars o poeta é maior que o prosista.

Redrado o solo da poesia de França por êsses précursores que foram Rimbaud, Laforgue e Lautréamont. Fortificado pelo adubo americano de "Walt Whitman, a Kosmos, of Manhattan the son", despargido principalmente pelo belga Verhaeren, nela surge uma árvore mágica: Guilherme Apollinaire. Não se discutirá a influencia deste sobre a poesia moderna francesa. Remy de Gourmont é a única influencia aceita por Cendrars sobre sua personalidade... Respeite-se a opinião do poeta. Mas chamei Apollinaire de árvore mágica. Para poder agora afirmar que as suas sementes produziram árvores diversas dêle. A influencia de Gourmont será também exacta... Mas imperceptível, antes virtual. E, mais ainda que a sua crítica psicologica e iluminada, creio que a grande, maxima influencia nos veio da propria psicologia experimental, que permitiu penetrar nos arcanos do processo com que Rimbaud genialmente construiu as "Illuminations". Foi a psicologia experimental que nos descobriu as verdadeiras nascentes do lirismo puro.

E Cendrars aproxima-se do lirismo puro mais do que nenhum outro poeta moderno. Nunca a subconsciencia foi posta a nú com tanta exactidão e sinceridade como nos "Dix-neuf Poèmes Elastiques" (escritos em 1913 e 14). Si ainda nas "Pâques a New-York" (1912) uma certa organização intelectual e consciente (geminção de versículos rimados, certa lógica na



concatenação das ideias) se percebe; (desconheço a "Légende de Novgorode", 1909, e "Séquences", 1913, inteiramente inachaveis); si nas obras-primas do poeta "Prose du Transsibérien" e "Le Panama" a própria designação do assunto obriga a um esforço de atenção dirigente que intelectualiza um tanto esses poemas; já nos "Dix-neuf Poèmes Élastiques" o lirismo subconsciente é expresso quasi de modo integral. Só um espirito despedido de qualquer vaidade literaria e de retórica pode atingir essa expressão por assim dizer completa do lirismo puro. As próprias metáforas perdem aquele encanto de transposição e de fantasia com que, em geral, a inteligência as reveste; e as imagens correlatas aparecem, despidas de todo embelezamento intelectual, em toda a sua eficacia e cristalina pureza. Em

Journal :

"J'ai passé une triste journée à penser à mes amis
Et à lire le journal
Christ
Vie crucifiée dans le journal grand ouvert que je tiens les bras tendus
Envergures
Fusées
Ebullition
Cris
On dirait un aéroplane qui tombe.
C'est moi".

Do *Mardi Gras* veja-se este final:

"Il y a des heures qui sonnent
Montjoie !
L'olifant de Roland
Mon taudis de New-York
Les livres
Des messages télégraphiques
Et le soleil t'apporte le beau corps d'aujourd'hui dans les coupures des
journaux

Ges langes"

Mas na realidade esses poemas se livraram das metáforas. Há nelas a simplicidade que vem da incomparável sobriedade mecânica. A primeira impressão desagradam quasi. Sempre sobra em nós, por mais esforços feitos, uma certa dose de retórica e de convencional, a que tal sinceridade repugna. Ultrarealista.

Não se negue: o subconsciente é eminentemente realista. Liberta-se, na sua maneira de agir, dessas funções (chamadas cognitivas, ah!) de inteligência: a razão, a consciência, a compreensão intelectual (melhor: a apreensão), e principalmente a imaginação que desvirtua a realidade. O subconsciente (Delwshauvers) lida apenas com as sensações memoriadas as associações de imagens propriamente ditas, a distração, a cenesesia que o tornam exacto espelho do exterior, humano ao contrário de pessoal, e realista. O mesmo Cendrars o observa e aplica quando escreve em *Titres*:

"Formes sueurs chevelures
Le bond d'être
Dépouillé
Premier poème sans métaphores
Sans images
Nouvelles
L'esprit nouveau
Les accidents des fêtes
400 fenêtres ouvertes..."

Exemplo magistral:

"Je suis un monsieur qui en des express fabuleux traverse les toujours
mêmes Europes et regarde découragé par la portière



Le paysage ne m'interesse plus
Mais la danse du paysage
La danse du paysage
Danse-paysage
Paritatitata
Je tout-tourne"

de *Ma Danse*

Nessa aplicação poética do lirismo puro está a grande importancia de Blaise Cendrars, ao mesmo tempo que a grande comoção dos seus poemas.

Como base espiritual construtiva, já disse, seu princípio generico é o emprêgo mais aproximado possível do subconsciente. E disso vem toda a sua poética. Sobre esta nada ha que dizer. Ou por outra: ha demais. Apenas, por se utilizar da liberdade aparentemente vagabunda das partes profundas do ser, não ha como organizar sobre essa poética um tratado ou apenas re-senha de leis de versificação. Verificar-se-á tão somente a bela desordem da mais convicta liberdade. Mas liberdade de que não abusa como o alemão Becher, como o americano Sandburg, que organizam num só verso, frases e periodos de S, 7, 12 linhas e mais! O proprio Whitman, aliás. Em *Salut au Monde* está o verso: "I see them raised high with stones by the marge of restless océans, that he dead men's spirits when they wearied of their quiet graves might rise up through the mounds and gaze on the tossing billows, and be refresh'd by storms, immensity, liberty, action." Verificar-se-á tão somente, eu dizia, nos poemas de Cendrars essa bela desordem que o não é. Porquê se supreende a ordem misteriosa do subconsciente associando e coordenando as sensações; legitimando a distração; dirigindo a scisma; enca-deando realidades, comoções, lembranças num todo harmonioso e coerente.

Certos poemas seus, notadamente a "Prose du Transsibérien", onde está o famoso passo das associações de imagens:

"Tric-trac
Billard
Caramboles
Paraboles
La voie ferrée est une nouvelle géométrie
Syracuse.
Archiméde
Et les soldats
Et les galères
Et les vaisseaux
Et les engins prodigieux qu'il inventa
Et toutes les tueries
L'histoire antique
L'histoire moderne
Les tourbillons
Les naufrages

Même celui du Titanic que j'ai lu dans le journal..."; certos poemas de Cendrars são lindíssimas, lições praticas sobre o eu profundo.

Nos dois anos de intensa produção lirica, 1913 e 14, o poeta, sempre fugindo cada vez mais do esclarecimento analítico intelectual, foi-se concretizando, sintetizando até conseguir o ascetismo de expressão dos "19 Poèmes Elastiques". Seu verso se encurtou, resumido muitas vezes na palavra. Também os poemas passaram daquela eloquente prolixidade de "Paques", da harmoniosa compleição do "Panama" e da "Prose du Transsibérien" para o pequeno poema de poucas linhas, verdadeiramente esquemático. Não os chammosu êle de *elásticos*? Mas jamais Cendrars, por sobrio que se tornas-se caiu na segura, safara e nebarbativa já, de alguns poetas da Sturm. Ain-



Da no último número da revista holandesa "Het Overzicht" transcrevia-se este poema de Thomas Ring, pertencente ao grupo dirigido por Herwarth Walden :

"Rat viistet Weh
und
wehe wüste
wüstet
wüst
o
weh
o
rot
weh
o".

Só um poeta alemão soube atingir na síntese fraseológica a justa medida alcançada por Cendrars : Kurt Heinicke.

Essa justa medida, que poderia dizer-se clássica, dos "19 Poemas Elásticos", onde dominam, verdadeiras jóias, *Journal, Tour, Portrait, Atelier, Ma Danse, Aux S Covis, e Construction*, representa já Cendrars na posse total da maneira de exprimir que procurara. Com amiga ironia poder-se-lhe-ia observar que, atingindo os antípodas da retórica, ele caíra numa retórica pessoal. Sim. "19 Poemas Elásticos" representam já a sistematização de meios expressivos individuais.

A mais pura e perfeita manifestação que Cendrars nos deu da verdadeira liberdade está nas duas obras-primas: "Prose du Transsibérien" e "Le Panama". Aqui, á correspondência exacta entre a expressão formal e o lirismo puro, se liga (principalmente pelo esforço da atenção) o equilíbrio entre a manifestação subconsciente e a consciência.

E nesses dois poemas se tornou o mais verdadeiro dos poetas cósmicos. Amplo, palpitante, com sonora grandeza:

"Les catapultes du soleil assiègent les tropiques irascibles
Riche Péruvien propriétaire d'une exploitation de guano d'Angamos
On lance l'Acaraguan Bananan
A l'ombre
Les mulâtres hospitaliers
L'oiseau Psecrétaire est un éblouissement
Belles dames plantureuses
On boit des boissons glacées sur la terrasse
Un torpilleur brûle comme un cigare
Une partie de polo dans le champ d'ananas
Et les paletuviens éventent les jeunes filles studieuses
My gun
Coup de feu
Un observatoire au flanc du volcan
De gros serpents dans la rivière desséchée
Haie de cactus
Un âne claironne la queue en l'air
La petite indienne qui louche veut se vendre à Buenos-Ayres
Le musicien allemand m'emprunte ma cravache à pommeau d'argent et
une paire de gants de Suède
Ce gros hollandais est géographe
On joue aux cartes en attendant le train
C'est l'anniversaire de la Malaise
Je reçois un paquet à mon non, 200.000 pésétas et une lettre de mon,
sixième oncle :
Attends-moi à la factorie jusqu'au printemps prochain
Amuse-toi bien bois sec et n'épargne pas les femmes

Le meilleur électuaire
Mon neveu...
Et il y avait encore quelque chose
La tristesse

Et le mal du pays. "Cendrars surpreendeu e captou nos seus versos o grugrullo vasto do universo. Agora sim: inteiramente isento de retórica, pois que livre até de si mesmo e de seus próprios processos. E' poeta que não olha para trás., a semear achados, ou embrionários nas obras dos antecessores, ou inventados por éle mesmo. Não economiza, não conserva, não desperdiça. Como o selvagem vai, deixando-se levar ao sabor das associações, das sensações, dos raciocínios, conjugados apenas pela intenção do poema, vai, movido pelo cosmico entusiasmo, mostrando, como com tanta realidade jamais foi mostrada, a vertiginosa eloquencia da vida contemporânea.

Sua maneira directa de expressar, a naturalidade irresistível, como inconsciente, com que maneja a humanidade inteira nesses poemas, é a poesia mais representativa da Babel universal. Não pesa sobre tais asas uma abstracção, uma filosofia politica, um idealismo quimérico de concordia universal. E' o mundo apanhado do vivo, concreto. Algumas vezes mesmo esse mundo rasga as carnes do peito. E escuta-se o palpitar do imenso coração:

"J'ai vu

J'ai vu les trains silencieux les trains noirs qui revenaient de l'Extrême-Orient et qui passaient en fantômes.

Et mon oeil, comme le fanal d'arrière, court encore derrière ces trains
A Taïga 100.000 blessés agonisaient faute de soins

J'ai visité les hôpitaux de Krasnotarsk

Et à Khilok nous avons croisé un long convoi de soldats fous

J'ai vu dans les lazarets des plaies béantes des blessures qui saignaient à pleines orgues

Et les membres amputés dansaient autour ou s'envolaient dans l'air rauque

L'incendie était sur toutes les faces dans les coeurs

Des doigts tambourinaient sur toutes les vitres

Et sous le pression de la peur les regards crevaient comme des abcès.

Dans toutes les gares on brûlait tous les Wagons.

Et j'ai vu

J'ai vu des trains de 60 locomotives que s'enfuyaient á toute vapeur pourchassées par les horisons en rut et des bandes de corbeaux qui s'envolaient désespérément après

Disparatre.

Dans la direction de Port-Arthur." (Prose du Transsibérien).

Cendrars estava no ponto de se enternecer. Mas em geral éle repele a comoção contada. Não tem a coragem alemã de ser sentimental. Nisso é bem francês. Muito discreto. Demasiado disoreto. Fica-se a desejar um pouco mais de.... De que?... Não sei. Sobra-nos sempre esta sensação de insaciedade, que talvez seja um dos segredos da sua arte. E preciso criar á margem desses poemas cm que o mundo palpita, a glosa das nossas proprias palpações. Assim, recordando a morte do pai:

J'avais un beau livre d'images

Un grand lévrier qui s'appelait Dourak

Une bonne anglaise

Banquier

Mon père perdit les trois quarts de sa fortune

Comme nombre d'honnêtes gens qui perdirent leur argent dans ce
crach

••



Mon père
Moins bête
Perdait celui des autres
Coups de revolver
Ma mère pleurait
Et ce soir-là on m'envoya coucher avec la bonne anglaise."

(Le Panama)

Com rapidez, a elasticidade e a psicologica certeza da sua maneira de lidar a frase, Cendrars representa o ponto culminante do verso livre. Realizou-o na sua exacta variedade, na liberdade possível, energico e eficaz.

O verso-livre adquiriu hoje definitivamente direitos de existência. E' a terceira métrica; e levou meio século para implantar-se. Mas não creio se fique nêle. Sendo o mais primitivo e natural dos meios de verser, é ao mesmo tempo o mais erudito. Requer a rica educação das elites. Não se popularizará. O povo, a grande maioria dos ledores (sempre povo) pede aquela ritmica fácil, em que a volta das mesmas medidas e a regular coincidência dos acentos ajudam a compreensão, despertam a memoria e embalam sensualmente. A poesia não pode circunscrever-se ao verso-livre, que ao mesmo tempo exige o despreconceito do selvagem e a fina estesia dos de grande nobreza intelectual. O poeta não pode ficar nêle sem que se singularize e se torne raro. O verso-livre não satisfaz a burguezia das massas. Nunca será a expressão preferivel da poética.

Si Cendrars é já humano em sua expressão psicologica; si como índice de classicismo se poderá determinar o equilibrio entre a comoção particular e o interesse geral, que nos seus poemas se verifica; por outro lado o verso-livre, de que faz emprêgo sistemático, é a consequência final da exasperação romantica.

Não é mais possível já a um poeta circunscrever-se a êsse verser. Dever-se-á obedecer á pressão virtual das necessidades humanas.

Eu pretendia publicar na íntegra um dos poemas de Cendrars para que melhor se aquilatasse do imenso valor do poeta que agora nos visita. Desisti. Reconheço que falam de modo incompreensível e de coisas irreconhecíveis para a infinita maioria dos brasileiros leitores. Defeitos da nossa semi-cultura. Aceite-se embora que um brasileiro se desinteresse e mesmo os ignore, pela Europa de hoje e pelos esforços que esta faz, envelhecida e trôpega, por se libertar de si mesma... Mas então que êsse brasileiro, atento, se volte para si proprio e para os progressos e possibilidades da terra onde vive. Isto justamente não se dá. A semi-cultura, a grandíssima, interminável pandemia que nos infelicita, aos sulamericanos, transporta-nos para uma Europa já morta, Europa de ficção, e nos leva a um fetichismo pelo passado europeu, que não pode mais ser a manivela tradicional da nossa evolução, nem o sistema circulatório de nosso corpo aventureiro e novo. Isto seja dito cm perfeita calma de espirito. Não se trata de insultar coisa alguma; nem parnasianos, nem arcados. Que se reconheça a existência das pndinas do Reno bem como a magestade de Zeus no acume dos degraus do Olimpo. E' sabido que essa criatura dos doricos tirou de si mesmo filha dilectissima e nobre protectora de helenos, Pallas Athenas, deusa da sabedoria. Mas havemos de concordar que si Sabedoria existir para nós, terá de tirar-se de nós mesmos; não será nem a Pallas Athenas, grega nem a Saravasti indiana. Para nós, que evidentemente começamos agora a esboçar na argamassa caótica das nossas aventuras e circunstancias a consciência nacional, sabedoria consistirá em observarmos com maior entendimento de nós mesmos as nossas forças presentes, e apenas ajuntar-lhes do presente dos países europeus, ha mais tempo lidados pelas pesquisas do espirio e pelas necessidades da vida, aquela parte da verdade que, transplantada para os nossos trópicos, Poderá continuar nêstc solo o caminho das suas raizes e produzir frutos



fecundos e actuais. Temos de seguir o exemplo dos chefes do Brasil colonia que, como observa Oliveira Vianna, tudo criaram pelas necessidades do povo e acidentés da terra. A desintelligencia entre a verdade e o ideal, eis a grande causa dos nossos depauperamentos e pobreza. E foi em grande parte a inata macaqueação vinda do nosso temperamento preguiçoso e pachorrento que nos levou á copia de constituições como de escolas literarias. Existe uma ridícula desintelligencia entre o brasileiro e o Brasil. Emquanto isso perdurar seremos um povo de infelizes.

Na poesia, parte geratriz deste artigo, si fôra servil, mesmo torpe imitarmos a Cendrars, é certo que o exemplo dos seus poemas nos facilitará a criação da poesia livre, forte, vibrante, audaz e colorida que tem de ser a da nossa raça em formação. Porquê si nossa raça não for livre, forte, nem vibrante, audaz e colorida será fatalmente melancolizada pela incompreensão da propria terra, esquartejada pela inadaptação, definitivamente vencida, morta.

Como amar sem interesse? Odiosa a porfia desumana dos platonicos. Nada é bom, nem mesmo belo, que não derrame os seus benefcios, muito embora sejam estes de desinteressado prazer, sobre mim, em tudo o que sou: ser nacional, humano. Por isso amo sobretudo, da poesia viva de França, Blaise Cendrars, porquê o mais rico de benefcios para mim. Ele me libertou da incompreensão do passado, pelo qual eu não vivia na terra do meu país e do meu tempo. Eu existia sem viver. Livrou-me do ritmo impessoal, dando-me, não o seu, mas o meu ritmo; tão diferentes estes! Descobriu para mim as puras nascentes do lirismo, muito mais que escritos de estetas e experienoias de laboratórios. Porquê sempre foi caminhar estrada mais certa, em vez de cartas geographicas, ter um prático sarado e sacudido por companheiro de viagem. Eu escutara a prédica alemã do universalismo. Era já porém como um eco do sumptuário idealismo do Whitman... Em vão as páginas unanimistas de Romaine e companheiros me seduziram. E muitas vezes forte comoção me prendia mesmo, como no "Bourg Régénére", como no "Livre d'Amour". Mas eram sempre ideas, sistemas de pensar, abstracções. Admiti o universo como teoria. As patrias eram teses por discutir. A dialéctica reinava. Foi Cendrars que me revelou o universo. Si do mundo aqueles me tinham dado uma *filosofia*, Cendrars deu-me o *conhecimento*. E, poeta francês, libertou-me da França.

Esse é o homem que S. Paulo hospedará por alguns meses. A' sua chegada deu-se um incidente grandioso. As autoridades de Santos quiseram impedir-lhe o desembarque, porquê era mutilado. Tudo se arranjou; felizmente para nós que possuiremos o poeta por algum tempo. Mas o acto policial me enche de sincero orgulho. Que vêm fazer entre nós os mutilados? O Brasil não precisa de mutilados, precisa de braços. O Brasil não precisa de recordações penosas sinão de certezas joviais. Numa descida de vapor a policia não podia pesar as riquezas espirituais que Cendrars nos trazia. Impediu-lhe a entrada. Fez muito bem. Inteirada depois, permitiu que passasse. Fez todo o bem. Essa tem de ser a nossa forma habitual de proceder. Nada temos que aprender com o snr. Henri de Regnier, poeta de França. Temos muito que aprender com Cendrars, poeta do mundo. O snr. de Regnier é mais mutilado que Cendrars para as necessidades do organismo nacional.

Um tempo nós também, os famanados modernistas brasileiros, acreditamos que a França resumia toda a arte. Era ainda a herança má dos mestres, quasi que só voltados para a lingua do *oui*. Muito esforço pessoal foi preciso para que alem do "jaune, la fière couleur des romans de la France à l'étranger" percebessemos que outras grandezas presentes havia e novas expressões. Esse conhecimento nos permitiu nos integrássemos na consciência do nosso país, porquê nos tornamos os homens livres que hoje somos. Brasileiros, sem quasi nenhuma tradição artística, sem a tremenda herança de

séculos e séculos de intelligencia crítica, é como homem livre, sem ligação de escola alguma francesa ou italiana, alemã ou portuguesa, como selvagem, que saúdo o poeta francês. Ele escreveu no *Hamac*:

"Apollinaire
1900—1911

Durant 12 ans seul poète de France".

Continue-se o poema :

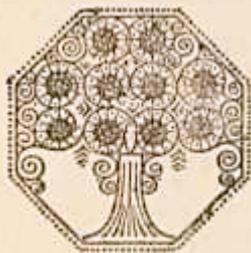
"Blaise Cendrars
1912—1924

Durant 12 ans grand poete de France."

Não falemos do sur. João Cocteau.

Fevereiro—1924

MARIO DE ANDRADE





A VOLTA A' MUSICA PURA

NUM dos seus artigos enviados para a *America Brasileira*, Camille Maclair, estudando o movimento musical francês na sua tendencia anti-romantica, nelle encontra uma reacção, em que se occulta o desejo da volta a uma tradição nacional. Sem dúvida, desde Debussy que essa tendencia se manifestou victoriosa e, apesar das influencias russas, ainda hoje evidentes, principalmente através de Stravinsky, e dos rythmos americanos do prodigioso jazz, a musica francesa se esforça para volver ás origens de simplicidade e clareza, evitando todo o vago e todo o fantasmagórico wagneriano. Tenho com o illustre critico que o humorismo não pode ser o fundamento de uma esthetica, no que se refere ás tendencias do grupo dos *seis*, mas creio que, neste momento, será talvez uma das pedras angulares da construcção nova. Ademais, não sabemos a que destino nos conduzirá essa rebeldia contemporânea, mas acreditamos estar mais do que nunca proximos dos verdadeiros clássicos, de Bach e de Mozart. Procurando-se o prazer da arte pura e abandonando-se a musica de programma, que findou por se tornar o mais intolerável dos preconceitos e sobretudo o mais anti-musical, volveremos ás fontes puras da musica. Não o som pelo som, como prazer sensorial apenas, mas o som pela suggestão intensiva da idéa e da emoção. Os românticos, culminando em Wagner (para não falar nos sub-produtos), fizeram da musica o desenvolvimento das longas historias, raciocínios, doutrinas e philosophias, que findaram por dominar a musica, tornando-a uma simples expressão sem valor intrínseco. Os modernos procuram exactamente reagir contra essa deturpação musical e aspiram a intensa volúpia da musica pura, em que a sonoridade tenha o grande prestigio de suggerir e exaltar, livremente, sem significar isto ou aquillo. A musica cria ambientes, onde a emoção se exalta no mais furo goso esthetico.

A esse proposito, o sr. Mario de Andrade, num magnifico artigo publicado em *Ariel*, nesta admiravel revista, com que o maestro Sá Pereira honra a nossa cultura, escreve com justeza que teremos para amanha um novo periodo de hegemonia da Arte Pura, tal como a praticaram Scarlatta Hayden e Mozart, cm que os prenomenos sonoros são tomados pelo se

aspeto puramente musical, sem programma, mais pela sensação artística, desinteressada que produzem que pela sua relação d'elles com a vida individual". E' a musica sem schemas. Assim, ao ouvi-la, não precisarão os de amanhã de se incomodar, levando ao theatro os livros dos Lavignacs, para seguir o drama, como é bonito fazisr nas operas de Wagner... A musica não tem que contar, nem desenhar, nem modelar. Não é descriptiva nem plastica. A musica é suggestão apenas e deve permittir um ambiente de interpretação, em que a alma humana, liberta e exaltada, sinta a vida na mais intensa plenitude. A essencia da musica é a musica, pairando acima das coisas, dominando-as e elevando-as pelo prestigio do som, incompreensível e mysterioso. E' certa a palavra de Wagner: quando as outras artes dizem — isto significa, a musica diz — isto é, porque penetra na realidade e cria, pela emoção, um mundo sensível mais alto e mais integral. As demais artes, insiste Nietzsche, são as artes da apparencia, do phenomeno, do sonho. A musica surpreende e traduz o *noumena*.

A grande ansia dos modernos é o prazer dessa musica pura, que não seja literatura, philosophia, ou pintura, mas musica. Admirável a expressão de Cocteau: "Ni la musique dans quoi on nage, ni la musique sur qui on danse: DE LA MUSIQUE SUR LAQUELLE ON MARCHE." Os verdadeiros clássicos nos deram exemplos maravilhosos e, se hoje temos sobre elles vantagens immensas (no nosso ponto de vista) e descobrimos thesouros formidáveis, poderemos igualal-os. Em arte não se ultrapassa ninguém, são grandes todos os criadores, e estes são os homlens livres e que vivem nas contingências do seu tempo. Approximando-nos da sensibilidade de uma época, não vamos imital-a, ao contrario, só depois da realização é que verificaremos as afinidades. Imitar o passado é o apanagio dos espíritos menores e das épocas infecundas e, fóra do seu tempo, as obras não vingam e tudo será *pastiche* inútil e perdido. Os modernos são admiráveis sempre, porque são livres e realizam á sua maneira. Estão com a sua época e desafiam todos os reaccionários e conservadores. Interessante é que os defensores de Wagner e Rodin, quando esses 'eram negados e vaiados, tomem agora a posição daquelles contra os quaes combatiam hontem. Venceram na vespera, mas serão vencidos hoje. Os homens, na sua variação, com que buscam enganar a fraqueza da especie, não se commovem na contemplação apenas, querem a acção redemptora. Mutilarão a obra do passado, se isso lhes causar um prazer forte e integral e assim darão a seus filhos direito de imital-os.

Não andaram errados os músicos do século passado, desviando-se da musica pura, para a musica intencional, pois esta é que convinha á sensibilidade do seu meio e do seu tempo. Dahi um Beethoven e um Wagner. Não os poderíamos acompanhar e a nossa admiração delles nos afasta, pela consciência de que, não mais sentindo como elles, deturparíamos a sua grandeza. A emoção moderna exige novas fórmulas e novas audacias e não se discute se somos maiores ou menores, puerilidade que atormenta muito cavalheiro de bom senso. Nós somos nós — e isto basta. A arte não se cria para prazer dos vindouros, que nos devem ser tão indifferentes como os passados, mas para nos dar, no momento, o prazer esthesico, em que o homem se exalta e a vida se justifica. A arte é pois uma funecção do tempo. Strasvinsky ou Satie são músicos, criam; Strauss, um artífice, admirável por vezes, mas trabalha em matéria já amassada, dahi a sua obra não ter inédito e a arte é um mysterio perenne.

Porque havemos nós de imitar e com a aggravante de buscar os modelos em outros meios? Temos ao alcance de nossas mãos um prodigioso material, no qual ellas modelarão com volúpia a obra criadora e maravilhosa. Não temos que ser modernos á Milhaud, ou á Schoemberg, mas modernos dentro de nossas forças e da nossa sensibilidade. Trair o meio



seria tão funesto quanto trair o tempo. Sejam modernos á Villa Lobos, cuja independencia é uma victoria magnifica do espirito brasileiro, no mais largo universalismo, de cuja fusão ha-de resultar o surto da nossa arte. Não temos de nos enquadrar em esteril regionalismo, mas, sentindo a cultura universal, de nos integrar no seu rythmo, dentro da vibração intensa do nosso espirito. Só assim seremos humanos e dominaremos os entraves das contingências locais, onde estiolam os que se alargam nessa plenitude, deixando-se absorver nos limites do meio em que germinaram. A cultura é uma fórmula de equilibrio. Nosso destino se traça nessa conquista do espirito universal, mas possuidos de um possante temperamento, que se affirma para obter esse equilibrio almejado. Do contrario tudo será dominação e todo esforço perdido, de corrompida sensibilidade.

RENATO ALMEIDA





O FUTURO "DOS POVOS

§ III — *Immigração e natalidade.* § IV — *O futuro povo americano*

III

Conhecida a porcentagem, em cada decennio, da natalidade sobre a mortalidade, num paiz, tem-se o coefficiente do crescimento de sua população e até o quanto de tempo necessário para a sua duplicação. Mas, para um resultado seguro, na America, parece, não bastam as formulas demographicas:

$$N = \frac{n \times t}{p} \text{ ou } P = \frac{n \times t}{p} \text{ ou } T + P = \sqrt[n]{\frac{\log 2}{\log (T+P)}}$$

Porque ha dous úteros aqui: — a immigração em massa, como jamais se viu em povo algum, — com a natalidade excepcional do italo e do teuto (elementos ja agora predominantes na America), — e o *habitat* inegalavel no mundo pelas suas condições vegetativas, assombrosas. Faz-se mister uma outra ou outras formulas — ante a extensão territorial massiça, o factor triplíce — natureza, abundancia e dima-americanos — multiplicando a fecundidade, — e ante a avalanche de povos que nos inflecte o immenso leque aberto das linhas de navegação de Hamburgo e



Liverpool a Nova York e Panamá, a Rio de Janeiro e Buenos Aires.

Que formula poderia explicar este prodigio?

	População	
	Em 1824	Em 1924
Est. Unidos	8.000.000	120.000.000
Mexico	7.000.000	20.000.000
Brasil >	4.500.000	34.000.000
Chile	1.600.000	6.000.000
Argentina	700.000	11.000.000
Uruguay	200.000	3.000.000
Total		194.000.000

Lespagnol, em seu livro "L'Evolution de la Terre et de l'Homme" (Paris, 1917) diz que a população do globo em 1810 calculada em 680 milhões era de 1 bilhão 743 milhões em 1913; e acrescenta que a dos Estados Unidos attingiu em crescimento a proporções inacreditáveis: 4 milhões em 1790, — 8 em 1822, — 39 em 1870, — 62 em 1890 e 92 em 1910! Canadá e Norte America, Argentina e Brasil recebem a forte floração humana da Inglaterra e Allemanha, da Italia e Hespanha. São estes os maiores núcleos emigracionaes. Mas, perguntar-se-á, na constituição da raça futura absorverão os caracteres anglo-germanicos — os italo-hespanhoes? E' provável que sim. Allemanha e Áustria, em face da actual pressão dos aliados e do bolchevismo da banda oriental, tendem a triplicar a sua emigração em massa para a patria americana da liberdade. Os escandinavos para o Canadá e Norte dos Estados Unidos avançam numa proporção media de 50 mil por anno. A' Irlanda e Hespanha quasi se despovoam...

Hickmann (Estât. 1913) diz que a America, no decurso de 40 annos (1870 — 1910), recebeu só nos Estados Unidos 21 milhões de immigrantes (números redondos) na Argentina 4, no Canadá 3, no Brasil 3 e no Uruguay quasi 1 milhão. A guerra europeia de 1914 e as revoluções delia decorrentes farão sem duvida o dobro ou triplicação desse numero... A Italia fecunda se renova constantemente e tem na America o seu ninho predilecto. Outros pontos do globo, onde pollulam rebentos fortes de civilizações decadentes, nos projectam esses voluntários do trabalho, — sonhadores de um futuro melhor e que por isso ousam pobrissimos transpor o Atlântico. E o jovem continente da promessa os recebe a todos paternalmente, com a segura consciencia de sua superioridade e de seus altos destinos. Outr'ora era a "invasão de



barbaros" (estrangeiros) do norte da Germania, do fundo da Escandinavia, do Danúbio e dos confins da Asia Menor precipitando-se frementes, — de armas em punho — no coração latino, dentro da Europa. Hoje — é o jacto de energias ethnicas, a migração pacifica e vigorosa de alem-mar na America, como desafogo ás populações sem liberdade e sem pão e que nos buscam, graças ao clima, aos tratados de commercio e á politica, internacional moderna. A Historia nos traduz o quanto de benefico ás instituições da Europa foi a migração dos germanos do Rheno, dos normandos da Escandinavia e até dos serranos da Asia... Pois nosso scenario é mais promissor.

A America nada tem de sombria ou feudal: é a mais liberal e humana das civilisações no planeta; reveste-se de caracteres proprios, originários, naturaes.

Tem a maior area terrestre no globo e o maior viveiro humano conhecido em relação á sua idade histórica; e si, como affirma J. Korosi (Chefe de Bstatistica em Budapést) "o augmento da população está na rasão inversa de sua densidade (lei de Sadler) quanto maior o territorio mais favorecida fica a fecundidade humana".

Proust (Traité dTlygiene, 1898) nos apresenta este quadro da população no globo:

	<i>Supcrf.</i>	<i>Popul.</i>	<i>Densid.</i>
Asia	44.000.000	841.000	19
America.	39.140.000	141.000	3
Africa	30.000.000	180.000	6
Europa	9.700.000	400.000	40
Oceania	9.000.000	6.000	0,6
Reg. polares	4.500.000	—	

Outro é o quadro de Lespagnol (1913):

	<i>Popul.</i>	<i>Densid'</i>
Asia	920 milhões	21
Europa	450 <i>ff</i>	44
Africa C	144 <i>ti</i>	4
America	176 <i>>t</i>	4,8
Oceania e poios	153 <i>ti</i>	—



Bem se vê que nosso seculo não é ainda o da estatística... E' um calculo de probabilidade muito vago... Pois só o total da população em 1924 dos seis paizes que apresentamos ultrapassa o computo de 176 milhões para a America toda! Mas o que está bem fóra de duvida é que temos os mais vastos massiços florestaes, os mais saudaveis planaltos, a mais rica rede hydrographica, participamos de todas as latitudes terrestres entre os dois maiores mares com o Panamá inter-oceanico, servindo de pharol a todas as gerações da Terra. O Mississippi — Missouri e o Amazonas não teem similares no mundo. Tristes figuras as do Transiberiano e do Metropolitano ante os gigantes de aço do Canadá (de Montreal a Vancouver) com 4.700 klm. de percurso, a Central Pacifico de Philadelphia a São Francisco e dentro em breve a Transcontinental Panamericana com 16.000 klm. de Nova York a Buenos Aires! A Argentina tem o seu Trasandino de Santiago a Assumpção e breve terá o Brasil a Internacional Santos — Recife — Arica. Das 500 estações radiographicas do mundo 300 estão na America, cabendo á Europa apenas 100 e as restantes á Asia, Africa e Oceania! Em 1910 o movimento postal nos Est. Unidos apresentou um total de 22 bilhões de cartas, cartões e impressos contra 4 bilhões na Allemanha, 3 na Inglaterra e 2 na França. (Archio für Eisenbahnwesen.) Nesse mesmo anno só a America possuia 550.000 klm. de estradas de ferro assim especificados — em relação ao resto do planeta:

Est. Unidos	400.000	Klm.
Amer. Ingl. e Latina,	150.000	"
Europa.	339.000	"
Asia	105.000	"
Africa	40.000	"
Australia	32.000	"

Donde: as fontes de nosso progresso e as causas da preferencia da emigração estrangeira.

A Argentina tem mais de um terço de europeus, o Brasil, 10 %; e suas artérias no Rio Grande e Santa Catharina, em Paraná e S. Paulo se robustecem cada vez mais com a fecundidade extraordinaria e esthetica do italo e do teuto. No Rio Grande, onde ha para uma população de 2 milhões mais de 1 de origem estrangeira — o coeffericiente vegetativo é de 20 % nunca verificado em nenhum outro núcleo do Brasil meridional.



IV

(Conclusão)

Não ha propriamente patrias: ha nação. Estado pode ser o governo politicamente organizado, — mas nação o conjunto de povos da mesma raça, embora sob bandeiras diferentes... E' o principio sociologico das nacionalidades: a única formula legitima para a organização de povos ou formação de verdadeira democracia. Nem ha sinão uma grande Hespanha das fronteiras do México aos confins da Patagônia ou um só Brasil que atravessa o Atlântico e vai morrer nas montanhas do Douro, embora, contra isso clamem os nossos preconceitos de origem religiosa e monarchica... A fixação arbitraria de fronteiras, riscadas a espada ou por effeito de tratados inexequiveis, é que corta a harmonia das raças, porque estabelece barreiras internacionaes e outras restrições — geradoras de conflictos — onde, ás vezes, tudo é commum: interesses de raça, o habitat semelhante, o intercambio inevitável, a lingua e até os costumes.

A guerra ou a paz armada surge nesse caso como um enurgitamento ou hemorragia por embaraços oppostos á circulação internacional. Viemos do *período guêrreiro dos thronos* e estamos no da luta industrial das raças. Qual destas vencerá? Em nosso século, predominam tres agrupamentos raciaes apreciaveis á civilisação: a) os mongoes, slavos e turcos, em geral, b) povos chamados latinos e c) povos de origem germanica. A hegemonia mundial caberá a um dos dois últimos grupos, que menos assimilar as normas do primeiro. Poderá, também, dar-se o apparecimento de um quarto grupo — oriundo dos latinos e germânicos e que bem poderia chamar-se o povo americano. Verdadeiramente, ainda não temos essa federação de raças, que a teleologia social convencionou appellidar — humanidade: essa confraternização não existe, — apenas vagos delineios de um grande esboço, que aos poucos se condensa. Falta o entrelaçamento politico e economico: Por isso muito tem de lutar a sonhada Sociedade das Nações...

Falta-nos aproximação entre os Estados, faltam o mesmo nivel de cultura, as mesmas características de educação, e o que é mais, aquella possível identidade physica, racial por assim dizer, entre os diferentes typos humanos, que como animaes ainda se repellem por causa do pello differente! Dahi a causa de, nas sociedades — o orgulho entre os indivíduos; e entre povos — as prevenções e os preconceitos...



De facto, muito variam as tendencias moraes e as necessidaes estheticas entre o industrioso sueco, o fidalgo inglez, o religioso espanhol e o bulhento americano, mas essas arestas, dissídios ou discrepâncias... na assembleia das nações poderiam ser aplainadas ou extintas quando ahí se representarem — pão interesses políticos de Estados, disfarce sob o qual se esconde a figura pessoalissima do monarcha — mas os interesses vivos das nacionalidades, os interesses nacionaes das raças, attendendo-se a fronteiras, mas a fronteiras economicas e commerciaes, onde as populações irmãs ou semelhantes crescem e querem prosperar. Tal pleito só poderão exercel-o pro-homens de reputação mundial, sociologos que longe dos politiquismos regionaes de camarilhas, e fóra da influencia do dogma Estado-soberano, sabem interpretar os dictames da politica scientifica (e não pessoal) e podem ditar scientifica e não politicamente as coordenadas geraes para a estabilisação da ordem interna e solução dos conflictos internacionaes. Só os super-homens podem coordenar os ideaes anarchicos ou divergentes da humanidade, e substituir os Estados — politica pelos Estados — nação. O passado foi a guerra, no interesse do tyranno; o presente é a paz, no interesse dos Estados sem systema representativo; mas o futuro será a justiça da sociedade internacional, no interesse da confederação das raças. Os homens teem sua *politica*, a humanidade outra! As raças teem um norte: seguem a marcha das civilisações — do oriente para o occidente. Da Ásia vieram os sacerdotes e guerreiros cujos descendentes povoaram a Europa, e desta — os navegantes e exploradores que depois colonisaram e civilisaram a America. Aqui, segundo as coordenadas históricas, reinará o futuro povo-americano. Quaes projecções do velho tronco commum, celtas e iberos do norte e do sul da antiga Europa estão hoje se reproduzindo no yankee e no americano-latino: Inglaterra, Hespanha e Portugal renascem hoje respectivamente nos Estados Unidos, na Hispano-America e no Brasil: habitat maravilhoso onde resplandecerá a futura America, como metropole das nações, sede das riquezas e cerebro do mundo. Hoje a Suissa não é sinão uma synthese aperfeiçoada — uma Germania franco-italiana; — e a Bélgica — uma Franconia flamengo-vallonica.

Em consequência de sua má politica perderá a barreira militar da Rússia para confundir-se com a Asia corrupta: assim foi no Egypto dos pharás, na Grécia de Alexandre, na Roma dos Cesares e na Berlin do Kaiser. A grande guerra de 1914 marcou o ultimo dia da existencia politica do Velho Mundo: não mais se restabelecerá o predomínio historico de Petersburgo a Lisboa e de Dublin a Constantinopla.



Ahi já está a fortuna se diluindo em sangue e miséria... O antiquado regimen burguez-feudal, hostile a reformas, esboroar-se-á no anarchismo multiforme da burguesia parasitaria e do proletariado faminto e sem instrucção: Europa e Asia então, em longas convulsões tetanicas, abraçadas irão morrendo aos poucos... E' ante essa medonha perspectiva, que dali fogem ja as emigrações emancipadas e sedentas de liberdade: é o sangue novo e seleccionado que reflue para as artérias da America. Lá — o amarello amoldavel e idealista dominará o preto e suas sub-raças — fazendo emergir um novo pelle-vermelho (branco-amarello) como o antigo inca e asteca da America Central. Cá — formar-se-á a raça-synthese (branco-vermelha) de typos altos como o norte-americano, alvos como o argentino e de cabellos negros e fartos — como os do brasileiro. Esse futuro povo vencedor — resumo de raças seleccionadas pelo habitat virgem e enérgia da transplantação — gosará a flora paradisiaca e nella a mais alta civilisação do globo. Só os povos viris moldam civilisações. Hoje em todo o palco da Historia tres povos distinctos apparecem: a Asia, como expoente da religiosidade, a Europa — do militarismo e a America — da democracia.

O asiatico resa, o europeu declama e o americano — trabalha. Lá — a inversão dos ânimos, a atrophia dos instinctos, a oppressão das autocracias; cá — as conquistas do direito, a cosmopolis do operário, o berço da liberdade. Na Asia moram o mysticismo e o mandarmato, na Europa — o canhão, a agua benta e a diplomacia secreta, e na America — o livre pensamento, o codigo civil, internacional, etc. Nós — os americanos do norte e do sul é que operamos a civilisação verdadeira: temos maior extensão territorial, sólo e sub-sólo mais ricos, mais affinidade com o progresso e poder assimilativo quanto ás demais raças. Fundiremos num só typo as raças universaes: — a futura especie americana — una e integral, sob o substracto commum do indio americano. Seremos o formoso typo caucasico do porvir, erguido em pedestal sob a massa informe do gorilla e gibbon, do papua e negro, do amarello e vermelho! Vaticina-o de sobejo, o liberalismo de nossa politica e de nossa philosophia, em que aliás já se desenhnam as supremas conquistas da moral, da arte e das sciencias. A belleza, a abundancia e a paz — vertices do triangulo sociologico, em que repousam seguras — as columnas do direito e do progresso social — farão daqui o sonhado paraíso terreal da legenda christã, em que — indígenas e immigrants seleccionados constituirão a nova formula humana solidarizada e feliz — em lares mais abençoados e governos mais cooperativos.

E a America irmanada — com suas classes mais identificadas pelo trabalho e interesses economicos será a *Pacifica* pela con-



sciencia de seu poder e a *Respeitada* pelos triumphos da scieracia de Edison e da moral positiva. E a Eurasia e Oceania?

— Adquirirão mais consistência — e argamassadas e fundidas — precipitarão na massa luminosa do Novo-Mundo! Aqui no supremo olympo da humanidade com a radiotelephotographia levando as palavras e os retratos a distancia, a electrodactylographia copiando ideias e multiplicando-as em raciocínios, o radio illuminando as cidades, o Niagara e o Iguassu' movimentando as industrias e os transportes! Não mais nacionalismos, sectarismos nem partidarismos: apenas a consciência mais clara dos valores humanos e das cousas, — estas pelas suas utilidades praticas e aquelles pelo seu character moral e capacidade de realisação.

Os Clóvis pensadores valerão mais que os Ruys imaginosos. Os Japões militarizados menos que a Hottentotia esteril... Os altares da Asia menos que as ruínas de Pompeia.

E para vivo indicio ahi estão as linguas asperas de alem-mar se adelgaçando e se suavizando ao contacto do continente da America, as intolerâncias politicas e os despotismos religiosos conquistando eras de paz e de harmonia, as raças se confraternizando, o trabalho, a propriedade e o capital mais socializados que nunca, fecundando e prosperando e se multiplicando.

Na ampulheta immensa da America (do Norte e do Sul,) yankees e latinos, europeus e asiaticos passam e repassam, mesclam e se fundem, caldeando as raças universaes. America! Novo Mundo! como a própria palavra indica — não é um paiz com thronos e canhões, muralhas e fronteiras, mas o continente livre, terra de promissão, onde todos os povos se abrigam, hvre como os mares que o rodeam e rico como as cordilheiras que o guardam!

VILLAR BELMONTE.





A BOTANICA NO DICCIONARIO C. DE FIGUEIREDO

DADA a vastidão dos conhecimentos humanos, não é mais possível a um simples mortal, por mais encyclopedico que seja ou se julgue, salvo no caso de uma vaidade que toca as raiaas da sandice, metter-se a fazer sósinho um dictionario. O de Webster, que pode ser tomado como modelo, representa o trabalho de uma pleiade de scientists, cujos nomes o seu orgauisador lealmente declina no prefacio da obra.

Em hespanhol, temos o Dictionario de Alemany em cujo frontespicio se lê que foi publicado "bajo la direccion" de D. José Alemany y Bolufer. O Sr. Candido de Figueiredo, porém, não quis saber de historias, achou que os seus conhecimentos philologicos eram sufficientes para empresa de tão grande vulto e impingiu ao publico o seu dictionario, que é um repositorio de erros, inexactidões, tolices e disparates. Esqueceu-se o Sr. Figueiredo, com toda a sua candura, de que para fazer um dictionario é indispensável uma solida cultura scientifica, coisa de que s. s. não possuem nem tintas.

Confessa o autor, na "Conversação preliminar" da sua obra, que a Botanica lhe deu muito trabalho (o que não admira, porque não conhece dessa matéria nem as mais rudimentares noções) e que andou pelos museus e jardins botânicos, nos relatorios de agronomos, nos jornaes de agricultura e no trato directo com a



gente do campo a *cavar* nomes para figurarem no seu dicionario e que os anteriores, com grande gáudio seu, não registavam. Esfalfou-se inutilmente o Sr. Candido, pois muito mais acertado e fácil teria sido encarregar dessa parte da sua obra qualquer dos grandes botânicos portuguezes, felizmente, ainda vivos. Talvez s. s. ignore que Portugal possui duas autoridades no assumpto, os Srs. D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, da Escola Polytechnica e da Escola Superior de Agronomia, de Lisboa, e o Sr. Dr. Julio Henriques, da Universidade de Coimbra. Mas essa ignorância é indesculpável, tanto mais que ambos são autores de obras consagradas e numa delias vem um copioso vocabulario botânico, que o Sr. Candido nunca compulsou, como claramente o demonstram as deficiências, erros, tolices e disparates do seu dicionario.

Rapidamente vae o leitor ficar convencido da veracidade do que affirmamos.

Diz, por exemplo, o Sr. Candido que *achlamydas* são algas, cujos filamentos são desprovidos de segundo envoltorio, quando são as flôres desprovidas de periantho, como as de *Saururus*, que só são algas na fértil imaginação de s. s.

Diz que *aculco* é o *espinho* de certas plantas, quando qualquer principiante de botanica sabe fazer a distincção entre uma coisa e outra.

Define *anthelo* como a inflorescencia dos juncos, quando é a cymeira com indeterminado numero de ramos sob cada flôr e da contorno geral indeterminado. 'Não é só a inflorescencia dos juncos, como não o é de todas as especies do genero *Juncus*.

Colloca o nosso *ararilá* na familia das rubiaceas, sendo ella uma leguminosa do genero *Centrololium*.

Baga, para o Sr. Candido, é pequeno fruto redondo e carnudo. Se lhe dessem uma banana, como a classificaria o illustre dicionarista? Parecer-lhe-ia pequena e redonda uma banana, anã? Vê-se que s. s. é muito exigente. E um tomate "Ré Umberto" também não lhe enche as medidas? Não será bem *carnuda* a romã?

Ao *cacho* chama conjunto de flôres ou frutos sustentados por peciolos e dispostos em escádeas num eixo commum. Primeiramente, cacho, em botanica, é inflorescencia, e, por isso, não pode ser conjunto de frutos; em segundo logar as flôres das inflorescencias são sustentadas por pedunculos ou pedicellos e não por peciolos. Para quem sabe botanica, a differença é grande. E, além de tudo, a definição está errada.

Ao *cambium*, cabio, ou camada geradora, que é a camada de tecidos formada entre a madeira e a casca das plantas exógenas, chama s. s. "succo mucilaginoso", que se observa, tirando, na pri-



mavera, a casca de uma planta dicotyledonea, e que parece ser a seiva elaborada". Contem mais asneiras que virgulas!!

Não diz o que é *bainha* nem *capsula* e define erradamente *capitulo*.

Depois de definir o que é *caqui*, diz, entre parenthesis: "Nos jornaes, vejo *kaki*, cuja razão ou pretexto desconheço." Quer isto dizer que s. s. confessa a sua ignorancia, o que já não é máu. A razão é simples: é o nome botânico de uma das especies do genero (*Diospyrus kaki*), arvore frutífera da China e do Japão, em cuja língua *kaki* quer dizer amarello. E' tão simples para quem estuda...

O Sr. Candido é infeliz com os frutos: diz que o nosso *cajú* é o mesmo que *cajueiro* e *acajou!* Que trapalhada, santo Deus! *Acajou* é o nome francez de uma arvore, o magno, do genero *Swct cnia*.

Não define *carpopharo* e diz que *caryota* é genero das palmeiras que dão tamaras! Que pena que não haja palmeiras que dêem palmadas... A tamareira, Sr. Candido, é do genero *Phcenix*. Bonita é a definação de *cassa*: involucro exterior das plantas! Deficiente, tola e errada. Zuo de involucro exterior lembra a historia do camarão recheado por fóra!

Vejamos se na *copa* s. s. é mais feliz: a parte superior e convexa da ramagem da arvore. Por aqui se vê que a parte inferior da ramagem não faz parte da copa e que o nosso pinheiro (*araucaria brasiliana*, Rich.), na adolescência, não tem copa, porque a sua ramagem é concava, em forma de candelabro.

A definição de *cotyledone* está errada, como errada está a de *cynuí*, que s. s. dá como typo de inflorescencia, caracterizada pela presença de flôres (teria graça se o fôsse pela ausência de flôres), que limitavam superiormente cada eixo.

Em todas as inflorescencias, as flôres limitam superiormente os eixos. Na *cyina* ou *cymeira* o que a distingue é ter o eixo principal pouco desenvolvido em relação aos eixos lateraes.

O Sr. Candido é tão desastrado nas inflorescencias como nos frutos. Aseim, diz que *espiga* é parte de plantas cerealíferas, que lhes termina superiormente a haste e contem os grãos e que é também estame de varias flôres.

Ora, espiga é a inflorescencia grupada, com as flôres sesseis, dipostas sobre um eixo mais ou menos alongado. Também se denomina espiga o conjuncto dos esporacigeos, das cryptogamicas vasculares.

Achará o Sr. Candido que as cryptogamicas vasculares são plantas cerealíferas? O *plantago* também o será?

Espim — Diz-se de uma variedade de uva.



Ora, por amor de Deus! Uva-espim é o *Berberis vulgaris*, planta hospede das Puccineas e que nada tem que vêr com a videira, s- s. ouviu cantar o gallo e pensou que era gallinha a pôr ovo!

Espique — Caule lenhoso de certas plantas.

Quaes são essas *certas*? Estará neste caso o caule lenhoso do casinlho? do eucalypto?

Foliolo — Folhinha ao lado do peciolo.

Não, senhor; é um dos limbos parciaes das folhas compostas ou recompostas. A tal *folhinha* ao lado do peciolo é *estipula*.

Galha — Fruto globular de arvore glandifera, não contendo semente.

Quanto disparate! Galha é uma excrescencia provocada pela acção de um parasita. S. s. ouviu falar em noz de galha e, como noz é fruto, zás... tollice no caso. E' das arabias este sr. Candido!

Gluma — Invólucro da flôr dos gramíneas a que serve de cálice e de corolla.

E' a bractea da inflorescencia, e não da flôr, das gramíneas e das cyperaceas.

Guaraná — Planta sapindacea do Brasil. Resina da mesma planta. Substancia alimenticia preparada pelos guaranis do Uruguay e do Pará.

Tudo errado. E nem sei como o sr. Zanotta não processa o homem!

Leguminosas — Ordem de plantas, caracterizada pela frutificação em' vagens.

Não serão leguminosas as *andiras*? O nosso *alecrim* (*Holocalyk Glajiovii*) não será leguminosa? Serão vagens os seus frutos?

Samara é fruto indebiscente, secco, monospermico e não debiscente como affirma s. s.

Sorose — Fruto formado pela reunião de muitos num só, como a amora, o ananaz, etc.

Fruto formado pela reunião de muitos num só é o que se chama, em botanica, infrutescencia, sr. Candido.

Sycone — Inflorescencia em que o receptáculo envolve as flôres, como succede no figo.

Também, é de mais! Nem, ao menos, acerta no figo, Sr. Figueiredo! *Sycone* não é inflorescencia, mas sim infrutescencia.

E por ahi afôra, que é nunca acabar.



Não define *cstivações*, *protonesma*, *circumnutações*, *flecha*, *galocha*, *noveta*, *sclercnclyma*, *galbula*, *rhytidoma*, *cutina* e mil outras coisas.

Erradas são também as suas definições de *pcrispcrma*, *conc*, *amcnilho*, *pernicula*, *thypso*, *prefolhcação*, *pcriantho*, *mergulhia*, *aderno*, *ahnecegueira*, *bastio*, *fuste*, etc., etc.

Pensará o leitor engenuo, como eu já pensei, que a infelicidade do Sr. Candido se limita á botanica e que nas outras matérias s. s. *é um bicho*. Dê-se do trabalho de folhear o *notável* dicionario da lingua portugueza do homenzinho e verá como se esboroa essa idéa — Para panno de amostra, e para lhe aguçar o desejo, porque vale a pena e é de a gente se fartar de rir, aqui lhe indico algumas e não das melhores:

Aeroplano — Apparelho aerostatico, movido a vapor, e sustentado sobre planos ou laminas, postos em acção por um motor da força de um cavallo. Inventado recentemente, em 1896, por Langley.

Boldrame — termo brasileiro — Alicerce de alvenaria. Base de parede ou muralha.

Capoeira — termo brasileiro — Mata, que se roça *ou* é destinada a roçar-se.

Cupi — termo brasileiro — Genero de insectos da região do Purús.

Estiva — termo brasileiro do Norte — Ponte, feita de um só madeiro, sobre forquilhas, em terrenos alagadiços.

Estrada de ferro — termo brasileiro de Minas. Especie de jogo de azar.

Florianista — Admirador *ou* rectoris da feição literaria de Florian — Cf Rui Barbosa., *Cartas de Inglaterra*, 38.

Invernada — termo brasileiro — Curral de novilhos para engorda.

Jequitirana — termo brasileiro — Borboleta venenosa dos sertões.

Não é borboleta, não é venenosa e não é dos sertões. No certo, a definição é admiravel! Faz lembrar a historia do caranguejo, *poisson rouge*, *qui marche à reculons!*

Laca — Resina ou fécula vermelha, estrahida das sementes de algumas plantas leguminosas.

E' a incrustação resinosa depositada pela femea de um insecto (*Tacahrdia lacca*) sobre os renovos de certas plantas, taes



como o *Ficus religiosa* e a *Zizyphus jijuba*, nenhuma delias leguminosa.

Lua — Satellite, que gira em volta da terra e que a illumina de noite.

Pianola — Maquina, que se applica aos pianos, para os fazer tocar automaticamente.

"Basta, basta", como diz o incomparável Zaconi, na "Morte Civil"!!

Rio Claro, Fevereiro de 1924.

ED. NAVARRO DE ANDRADE.



Li sou um menino
Gordo e corado
devo tudo ao
Biotonico
Fontoura



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

T.P.



Biotonico Fontoura!

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
famosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA - PRODUZ
SANTIFICAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAÚDE - EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR :

BIOTONICO elixir

Adultos : 1 colher das de sopa ou meio cálice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos : 2 antes do almoço e 2 antes do jantar,

Crianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

Biotonico

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I - Aumento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II - Levantamento geral das forças com volta de
appetite.
- III - Desapparecimento completo das dores de ca-
beça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV - Aumento intenso dos globulos sanguineos e
hyperleucocytose.
- V - Eliminação completa dos phenomenos nervosos
e cura da fraqueza sexual.
- VI - Cura completa da depressão nervosa, do aba-
timento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII - Completo restabelecimento dos organismos de-
bilitados, predispostos e ameaçados pela tuber-
culose.
- VIII - Maior resistência para o trabalho physico e
melhor disposição para o trabalho mental.
- IX - Agradavel sensação de bem estar, de vigor e
de saúde.
- X - Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a
mais antiga.
- XI - Após o parto, rápido levantamento das forças
e considerável abundancia de leite.
- XII - Rápido e completo restabelecimento nas con-
valescências de todas as moléstias que produzem de-
bilidade geral.

O Biotonico Fontoura
fulgido pela probidade
científica do professor
Dr. **HENRIQUE ROXO**
Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o
Biotonico Fontoura
que tenho tido ensejo de
servar que ha, em geral,
Quitados vantajosos. Par-
ticularmente, mais proficuo
me tem afigurado o sett
quando ha accentuada
nutrição e occorrem ma-
estações nervosas, delia
dependentes.
Rio de Janeiro, 10 de
tombro de 192P.

Dr. Henrique de Brito Belfort

Professor de moléstias
diversas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado cons-
tantemente em minha clini-
ca o

Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado
que não me posso mais fur-
tar á obrigação de o recei-
tar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica
Medica da Faculdade de
Medicina do Rio de Ja-
neiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado
com os maiores resultados
na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de
Julho de 1921.

A. Austregésilo

Professor cathedratico
de clinica neurolojica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

Palavras do eminente
cientista **Exmo. Snr.**
Dr. **JULIANO MOREIRA**

Tenho prescripto
doentes meus e sempre
lhe acho indicação therap-
tica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira

€ 2)

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo





A MAIS BELLA

ATE' os quinze annos a Joanninha Pivatelli gastara o tempo no meneio da casa, ás voltas com os cosinhados e com as roupas brancas, além da trabalhadeira de vender pinga ao balcão da tasca, enquanto a mãe, corcova e ranheta, acarinhava o pello de uma gata preta, e o irmão andava á tuna, ou se divertia a jogar malha, de parceria com o visinho carniceiro.

O carniceiro, esse mesmo, deu-lhe um dia de namorar a taverneira. E dahi avante, ao entardecer, o maroto se ostentava, de par com o poste, na esquina mais próxima, de arte que a italianinha, de cotovelos ao balcão, ou aprumada ao limiar, lhe reparasse no laço de borboleta da gravata e na pirotechnia da bengalinha de junco, indecentes cuidados que já ninguém levava a sério, sabido que elle buscava sensibilisar corações imprevidentes, por simples gosto de obsequiar a própria vaidade. Mas vae daqui um recadinho, e vem de lá um presentinho, a comedia acabaria em casamento, se o jornaleco da terra não desviasse o curso das duas existencias.

O *Correio de Santa Monica* — eis o caso — instituirá de primeira mão, na localidade, essa coisa nefanda, hoje tradicional, que se chama um concurso de belleza. Então o carniceiro, ou melhor, o José Antero, ambicioso dos fóros de galanteador afortunado, entendeu de intervir directamente na apuração, em favor da namorada. Para tanto não se correu de insinuar ao jornaleco o recurso



venal dos votos adquiridos pela impressão extra das cédulas que o *Correio* estampava ás quarta-feiras, no teor que segue:

VALE UM VOTO

A mais bella de Santa Mónica :

Residencia _____

O director do periodico oppôz-lhe embargos aos intuitos escandalosos, um pouco por dignidade e outro tanto por pirraça. Mas o interessado voltou a carga, a persuadir o outro de que no mundo tudo se resume a compra e venda. Se porventura estivessem em jogo suffragios de verdade, ainda bem! Que instituição, porem, ficaria ameaçada, se a Pivatelli levasse a palma, em belleza, a Luisa Godoy ou a Suzanna Cerqueira? E estribado em dialéctica clessa estofa, a mais consentanea ao espirito de um açougueiro, tanto apertou a consciência do homem do periodico, que este lh'a vendeu peremptoriamente.

Graças á astúcia, o Zé Antero acumulou mais votos no nome de Joanninha que duas vezes o numero de habitantes de Santa Mónica não o conseguiria no pleito de um deputado. "Como foi isto, seu jornalista?" — perguntava a gente, tomada de extranheza. O jornalista, engasgado, coçava as melenas. A's vezes appellava para as localidades circumvizinhas, querendo suggerir que a fama da Pivatelli se espalhava a olhos vistos.

No dia da apuração dos votos, prenunciada pelos nuncios officiosos, houve na redacção solennidade grossa, com vinhos e brôinhas de milho. Foi uma commissão á eleita, buscal-a para o brinde que o padeiro alli do lado engatilhara de vespera. Appareceu ella — pobrezinha! — de faces vermelhas, mingoadas, sob um vestido caseiro, tão malgeitoso e surrado, que, franqueza, mettia dó! Por cumulo teve de recorrer-se do emprestimo mais á mão, se não quiz passar pelo desprazer de exhibir tamancos no dia de seu festival.

Não obstante, Joanninha emergiu á nata social de Santa Mónica, com o fragor de uma revelação, arrastando após si o entusiasmo e a rhetorica de elefantes marmanjos tão imaginosos como sentimentaes. Veiu gente de toda parte — de todas as classes, de todos os feitios, e até doutores! — para admirar na menina os bellos quadris que rebojavam, os olhos azulados e espertos, os bastos cabellos alourados, com immensa satisfação do carniceiro, que até se embebedava, entusiasmado!

Em consequência, a Joanninha nunca mais se mostrou a den-



tro do balcão. Pepino, o irmão, tomou a sua conta os encargos da baiuca, para desencompatibilisar a rapariga com aspirações de mais vulto. E com effeito, pondo reparo na louçania das contemporâneas, ella entrou de cuidar dos atavios com que fazer jus aos salamaleques de uns elegantes de Santa Mónica e notadamente aos de um bacharel de Ituverava, ainda imberbe, ainda idealista, de quem recebera recado para um baile de espavento, em regosijo ao resultado do concurso. De sorte que, ao entrar, pela primeira vez, num salão de baile, apertada no vestido mais gracioso que jámais se apresentava em humilde sociedade, os demais convidados se entreolharam, boquiabertos, como a indagar se era possível a uma simples locandeira, affeita ao cheiro de bacalhau e da cachaça, apurar o olfacto á flagrancia dos finos perfumes emanantes de seu collo, e sentir-se tão a commodo num meio de complicadas convenções. Joanninha fez a contento geral o papel de rainha dessa festa. Vieram fragalhotear em volta delia rapazolas de chiste que á competencia lhe arrendavam a attenção, ao passo que a diabrete, muito empertigada, muito atrevida, com ares de enjoamento, como quadra a meninas de imaginação, se alienava de todos os galanteios para se concentrar numa única pessoa — o bacharel imberbe e idealista. Seguia-o, com os olhos accesos, por todos os cantos. Se o amou logo, isto não faz ao caso. Mas propalou-se que numa contradança ambos juraram fidelidade eterna, consoante a praxe. E tanto é possível que ella se encapellou toda quando uma rival lhe deu entender mimicamente que o pobre Zé Antero, refugiado ás danças por desprezo de seu baixo officio, implorava lá fóra, de olhos fitos numa das janellas, um pouco de condescendencia para o laço de borboleta da gravata.

— Está mesmo de encommenda! — gritou a vendeira, briosamente — Pois não vê que o Zé Antero é um simples carnicheiro?

Assim, pois, a tempo que o pobre diabo desmedrava na consideração da mocetona, ella e as partes salientes davam brado em toda a cidade. O laço de borboleta e a bengalinha de junco perderam o encanto das novidades. Joanninha amava o bacharel. E o bacharel, empolgado com a belleza de Joanninha, por suggestão do concurso, combinou com ella que iria contractal-a apenas recebesse, em Ituverava, o beneplácito do velho.

A Pivatelli andou alguns dias açodada em enfeitar o casebre de festões, cortinas, alguns berloques meio esborcinados, meio poidos, coizinhas, emfim, mais á mão nas urgências de um apresto. Mas passaram os dias com odiosa lentidão e, porque o doutor não viesse cumprir a promessa, a Joanninha, meio chorosa, meio irritada, acreditava em perfidias, e, não contente com injurial-o, protestou entre si que, se tardasse uma semana a realização do ajuste, nunca mais daria confiança a typo de semelhante igualha.



Nunca mais se viu esse moço em Santa Mônica. A própria Joanninha, farta de esperar a execução do projecto, assestou as atenções para um sujeito esgrouviado, commerciante de quinquelharias, em quem se invejava o herdeiro de um tio finorio e avarento que imaginava no fundo de sua fazendola, a urdir dolosos expedientes a prôl de seus haveres.

A rapariga ia-lhe, ás vezes, ao negocio, a titulo de vêr uma bularinha chegada na vespera. Trocavam olhares fugidos. Mas, acanhado como fresta de janella, o toleirão não se animava nunca a confessar-lhe nada. E era a tremelicar que a informava dos preços, sóbrio de palavras, riscando o balcão com a unha do pollegar, como se temesse perder a cabeça, olhando-a de frente.

O negociante perdeu Joanninha por excesso de candidez. Mais tarde, quando comprehendeu que era preciso reagir contra a sua parvoice e dizer-lhe, de fito a fito, que a desejava para mulher, já a sujeita andava ás beijocas com o Justino Roque, sob promessas de casamento.

Desordeiro, rico, estróina, — esse Justino Roque completou a desmoralisação em que, de resvalo em resvalo, se achafurdara a infeliz Joanninha, agora relegada da consideração das mesmas familias que a recebiam dantes ás honras da sala.

— Aquilio acaba mal — dizia o desvelo popular.

E tanto acabou que algum tempo depois ella se confortava em casa pittoresca, com varanda na frente e um parasitismo fresco que, grimpendo pelos corrimãos da escada, guarnecia a platibanda e se confundia com as heras entrelaçadas pendentes dos beiraeas.

O proprio Justino é que lhe arranjava o *ninho* em sitio afastado e propicio aos extases. Lá passou elle os melhores dias de sua vida, segundo assoalhou, com chocarreira malicia, intentando espicaçar o despeito aos moços de imaginação e sentimento, que de certo lhe cubiçavam a amante malaventurada.

Todavia o arrependimento começou cedo a entenebrar a existencia de Joanninha. Não lá propriamente pela questão de honra! Mas o Justino, logo no começo da vida em commurn, faltou á palavra quanto aos arranjos da casa. Elle se obrigara a formar uma habitação de gosto, onde os caprichos da companheira encontrariam um luxo meticuloso e difficil. Pois nada disto. Tudo lá era mediocre como o José Antero.

E, para maior gravame, o sujeito desconversava sempre que a Joanninha trazia á balha o problema do casamento.

— Então. Justino, você não casa commigo?

— Que duvida! E' pinhão cosido.

— Mas quando, homem?

— Quando? Mais tarde... Eu vou tratar disto...



E sahia a pretexto de "tratar disto" para voltar a dez horas, cheirando a cachaça.

Depois não se tocou mais no assumpto. Porque a Joanninha passara a reparar num acrobata algo geitoso, que fôra atolar-se com seu circo em Santa Mônica após uma peregrinação dolorosa pelos confins do Estado, acochado pelos credores e pelas vaias. Vira-o, da bancada, numa noite de representação, quando elle fazia giros na barra fixa. E de tal geito a impressionou a desenvoltura caprina e mais a elegancia athletica do artista, que ella não soube parte de si. Ao voltar a casa entrou de girar-lhe também na imaginação, sob a forma de barra, uma idéa fixa virginal: seguir o nômada, pertencer ao elenco da parandula. E então, quando, numa tarde, passou o artista, sorumbático e abstracto, como cão desilludido, pela casa do Justino Roque, ella suspirou fundamente. Suspiro tão preguiçoso foi esse, que o acrobata voltou-se, meio desconfiado. Mas a Joanninha aventurou um sorriso gracioso e desembaraçado, como a insinuar-lhe que deixasse lá de ceremonias... O moço sorriu também, também alegrete. E á noitinha, sem mais preâmbulos, os dois se encontraram ao pé da casa, trocando idéas temerarias.

O José Antero soube disto e perdeu a cabeça. Que o bacharel de ítuverava e o tal das quinquilharias namorassem a Joanninha, vá! Já a custo se compadecia com que justamente a bisca do Justino se antecipasse na conquista a quem tudo contribuirá pelo triumpho da rapariga, desde o dinheiro com que sitiou os escrupulos do jornalista, até os esforços em favor da cabala. Mas vá lá também, que o Justino inda tinha proposito. Era seu conterrâneo, seu freguez de carne... Mas um acrobata! Um forasteiro! A troco de que? Se direito assistia a alguém de possui-a, era a elle, Zé Antero, que se esfalfara e gastara dinheiro a mancheias para furtal-a á sordidez de uma taverna.

E concluiu, amargurado, cheio de remorsos:

— Que grande idiota eu fui!

Um dia, porque lhe coriscasse no cerebro a idéa de apoderar-se de Joanninha e porque o Justino se ausentasse de Santa Mônica, empenhado, então, a uma hespanhola de Itaquí, mundana e bonita, o carnicheiro penetrou em casa do rival. A rapariga só teve um ah! de espanto ao deparar-se-lhe a phisionomia descomposta do antigo namorado.

— Que quer você? — perguntou ella.

E o Antero, com muito sentimento:

— O' Joanninha, eu te amo, eu te quero — Vem, vem comigo...

— Fôra, fôra! — gritou a mulher, recuando. — Que pensa que eu sou, carnicheiro dos quintos?...



José Antero parou, aturdido. Raio de carcamana! Porque não tinha ella daquelles brios, quando andava ao balcão, exposta ás gaiatices de negralhões fedorentos? Era assim que se falava com gente de qualidade?

— Joanninha, Joanninha!...

— Fôra, fôra!

O açougueiro não se conteve e atirou-lhe um murro na face. E como a rapariga cambaleasse até a rua, a chamar soccorro, precipitaram-se os curiosos em massa. Que era? O Zé Antero invadira a casa de Justino Roque! Pobre magarefe! Estava alli, estava morto! Terror de Santa Mónica, o amante da Pivatelli supportaria com menospejo uma cosedura de faca a um valentão, que a mais simples affronta a um carnicheiro. Antero sabia-o bem. Por isto, perseguido pelo temor, entocou-se no seu quarto, no fundo do açougue, a curtir as angustias de sua sorte miserável. Muitos dias passou o pobre diabo sem se mostrar ao cepo, onde esquartejava a sua mercadoria. Substituia-o no mister um negroi-de, o Zéca Saúva, com recado de ignorar o paradeiro do amo.

E ficou nisto. Justino voltou de Itaqui, soube do escandalo e, ao reverso do que se esperava, nem sequer pediu noticias do açougueiro. Elie tinha lá os seus planos. Farto já da italianinha, as intenções do devasso voltaram-se para a mundana de Itaqui. Para tomal-a a sua conta, precisava, porém, que alguém o salvasse da Pivatelli. E quem mais, senão o Zé Antero?

E vae dahi, vem attender aos protestos de fidelidade da amiga, Justino lhe discoseu a reputação e sahiu a rua annunciando que sua casa estava sendo frequentada por extranhos. Isto assim phantasiado levava também em mira ferir as pretensões da Pivatelli mãe, que, havia muito, reclamava ao Justino a indemnização de praxe pelos damnos materiaes causados com a perdição da menina, — uma ninharia, que talvez se pudesse arredondar em cinco contos de reis. O Justino não achava o preço exorbitante. Cinco contos por uma rapariga bonita até lhe affrontava a liberalidade... Explicou, em certo encontro com a interessada:

— Eu estava disposto a dar a somma. Isto é, dava até de lambugem outro tanto. Mas agora, velha, nem mais um déreis, entende? Se quizer a indemnização converse com o Zé Antero. E deixe de lambança.

— *Ma ignore...*

— Nem chêta, já disse. Você o que quer é exploração... Cinco contos, dinheirinho limpo, hein? Você está solta... Não acha, Zé Antero?

Era que o carnicheiro, facilitando mais a sua liberdade, se animara a passar naquelle momento pela casa da italiana mãe,



a vêr se dos olhos delia surtiriam algum alvitre... Ao ouvir a pergunta, muito perturbado, muito frio, declarou com o ar mais ingênuo deste mundo que não achava coisa nenhuma.

— Eu estou dizendo aqui a esta madama que a Joanninha é um peixão!

Antero sorriu, escusando-se de uma opinião acerca de assumpto tão melindroso; mas julgava-se autorizado a confessar que *dona* Joanninha era mesmo bastante graciosa. ..

— Um peixão! — confirmou o Justino.

Antero engorolou mais algumas attentiosas sandices, despediu-se respeitosamente do scelerado e passou, respirando forte, desopprimido.

Afinal, no dia seguinte, Justino entrou em casa, disposto a pôr na rua a sujeita. Não a encontrou.

Ao passar, porem, pela sala de jantar, os seus olhos cahiram sobre um papel cuidadosamente dobrado sobre a mesa. Abriu-o e leu o bilhete que vae reproduzido, sem a orthographia do original :

"Amigo Justino. •— Fui contractada pelo circo para fazer a galã *ri Os bandidos da Serra Mónica*. Adeus, eu me lembrarei de você algumas vezes. — Joanninha."

O homem deixou-se eahir sobre uma cadeira, devéras aniquilado.

— Ah, cadella escachada! — rugiu elle, ameaçando o vácuo, com os punhos cerrados — Porque não fugiu hontem, desgraçada?

E sahindo dalli, furioso, ás cegas, atropelando poeira — foi dar uma surra ao Zé Antero...

Piracicaba, 16—10—23.

IAGO JOE'





A "ROUGHNESS" EM NEW-YORK

UMA ocasião, na Regent Street, em Londres, tive que recorrer a um "policeman" para obter uma informação. Elle, depois de ouvir-me com atençãb, lesboçou benévolo gorrião e respondeu — "I ara sorry".

Eu que sou triste por temperamento, e que sei quanto é triste a tristeza, não quiz incomodar mais o homem grande e gordo que contra toda a expectativa, estava triste como os magros, em vez de estar alegre como os gordos.

Ao meu primeiro encontro com o meu professor de inglês, narrei-lhe o facto. E', explicou-me elle, que na Inglaterra, fica-se triste quando não se pode auxiliar o seu semelhante, naquilo que elle deseja ser auxiliado; por isso, o policial não sabendo dar-lhe a informação pedida, ficou triste.

Alguns annos depois, fui obrigado a interromper um "policemcn" new-yorkino na celebre Broadway, para fim idêntico. Elle ouviu-me com a cabeça erguida, e, ao terminar eu a minha pergunta, respondeu-me com displicência: "Help yourself", continuando em seguida a empurrar a sua formidável pança para a frente, com a importancia do jacamim em galinheiro.

O "help yourself" da Broadway, não podia deixar de rememorar ao meu espirito o "I am sorry" da Regent Street, e esses dois efeitos tão dispares de uma mesma causa, ao defrontarem-se em contraste, mal deixavam perceber que o primeiro nada mais era que degenerescencia ou involução do segundo. O "help yourself" da Broadway, feriu-me os ouvidos como o ruído abafado da queda de massa de chumbo, destinada a descer sempre calcando-me para os logares mais baixos da existencia; e então instinctivamente, apeguei-me ao "I am sorry" da Regent Street, que soou-me aos ouvidos como acordes de instrumento super-afinado pela ação juxtaposta de milhares de gerações successivas: a sua harmonia límpida e evocativa, pareceu-me enlevar a alma para as regiões sem fins do Belo e do Bom.

Um mesmo facto, um pedido de informações por um estrangeiro que desconhecia a cidade, provocou tristeza no londrino e desdém no newyorkino.

Desdenhar de quem pede um auxilio, constitue traço forte de energia; mas de energia mais animal que humana. O animal homem, só começou a ser humano, quando compreendeu a necessidade da vida em sociedade; a característica por excelencia da vida em sociedade, é o auxilio mútuo, é a interdependencia que transforma o homem em célula desse organismo abstrato que não se pega com a mão, mas se percebe com o cerebro, organismo ao qual se deu o nome de humanidade.

O "I am sorry", é planta de janfim, com a delicadeza e as blandicias que a humanização lhe imprimira; o "help yourself", é a mesma planta, porém egressa do jardim, restituída á robusteza e á rusticidade do mato de terra virgem.

O desdém newyorkino, representa pois retrocesso, involução, volta do já humano ao ainda animal.

Essa involução é digna de meditação, e talvez comporte timida hipótese no sentido de fixar-lhe a verdadeira causa.

Quem atenta para o regimem de trabalho de uma grande fabrica, percebe logo duas categorias de operários — a dos que se ocupam mais com a perfeição técnica do produto, e a dos que se ocupam com o seu aperfeiçoamento artístico. Os productos de uma fabrica, depois de dados por prontos pelas oficinas técnicas, passam, antes de serem lançados ao mercado, por oficinas artísticas, onde recebem os necessários arremates — o lixamento, o polimento, o brunimento, a pintura, o envernizamento, a galvanização: destas oficinas saem elles lustrosos e embelezados, agradaveis á vista e macios ao tacto.

Ora, pensando bem, a Natureza não passa de uma grande fabrica, de proporções desmedidas, assentada em moldes finalisticos, em cujas oficinas associando-se e dissociando-se perenemente, vac produzindo essa estonteante variedade de productos, dos quais o homem é certamente o mais bizarro e caprichoso.

Mas essa grande industrial que é a Natureza, parece desinteressar-se por completo do aperfeiçoamento artistico desse importante produto da sua fabrica: ella fabrica o animal, contenta-se com o animal — á evolução do animal a humano, ella conserva-se estranha.

De sorte que somos obrigados nós mesmos, a prover os nossos proprios arremates, a nossa própria galvanização, ou melhor, a nossa própria fuga á animalidade.

Ser operário de oficina artistica destinada ao aperfeiçoamento de produto tão estranho ao homem como sóe ser o proprio homem, é realmente missão delicada e complexa.

Pode dizer-se que essa missão se desdobra em duas partes bem distintas: a instrutiva e a educativa; a que fala ao cerebro e a que segreda ao coração; a que illtmina a razão e a que edifica o character; a que amplia a intelligência, mostrando, em quantidade, o que ella pode, e a que constringe, mostrando, em qualidade, o que ella deve poder.

Para a primeira parte dessa missão, afigura-se-me que o homem é mais capaz que a mulher; outro tanto porém, não pode dizer-se da segunda parte.

A missão de nos formar o coração, de nos falar directamente ao sentimento, de nos acompanhar dia a dia, instante a instante, na tormentosa viagem pela vida, sensível aos nossos desvios, como o é a bussua ao dos navegantes; a missão de nos inculir qualidades que mais se adquirem pelo contagio que pela persuasão — essa missão, só á mulher pode ser confiada c«m probabilidade de êxito completo. E isso é bem explicável. A estima que votamos ás coizas, é função do preço que por ellas pagamos. O que a mulher paga em sacrificios pela evolução do gcnero humano, é bem mais do que o pago pelo homem. E' pois bem natural que ella seja mais hábil



e mais zelosa que elle, sempre que se tratar da conservação e do aperfeiçoamento das qualidades em que essa evolução culmina.

As oficinas da especie considerada, não podem dispensar o concurso da mulher, da operaria do siexo feminino.

Quero crer que em New York, as oficinas dessa especie estão em crise por falta de operarias desse sexo: em New York, as operarias são todas do sexo masculino.

Em tais circunstancias, poderão aí nessa cidade, ser devidamente arrematados os toscos productos humanos da grande fabrica da Natureza?

O futuro nos dirá, ou melhor, dirá ás futuras gerações.

E' realmente interessante que a transformação das operarias do sexo feminino, em operarias do sexo masculino, tivesse acarretado a transformação do "I am sorry" em "help yourself"; mas essa é a minha impressão; essa é a hipótese que eu timidamente submeto ao juizo dos entendidos no assumpto, depois de meditar muito sobre esses belos productos newyorkinos, privados de um acabamento artístico proporcional ao seu impecável acabamento técnico.

Em New York, encontra-se por toda a parte o viço sadio das florestas, mas é raro o perfume suave dos jardins.

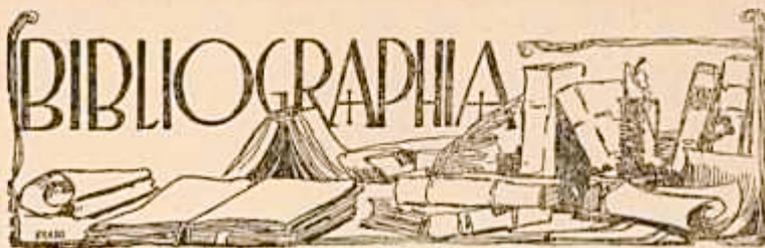
Bemaventuradas as terras em que a mulher se sente bem como operaria do sexo feminino, e compreende que a luta contra o inelutável, é uma luta da qual se sai sempre vencido, e por isso, degrada, degenera, deprime; bemaventuradas as terras em que a mulher compreende que, no lar, mais vale o seu papel de metade que o de unidade.

E bemaventurada a mulher que assim procedendo, não fica devendo o facto de não haver caído no ridículo, ao facto de não poder provocar o riso, aquilo que provoca piedade.

Rio, 12 de novembro de 1923.

ORLANDO MACHADO





MENTIRAS E... RETICENCIAS MEDICAS, dr. Lauro de Oliveira. Porto Alegre.

Merece ser assinalado esse livro, no qual o autor reúne varias conferencias sobre assumptos clínicos, de grande interesse entretanto para qualquer leitor. O livro empresta o titulo á primeira conferencia, que é, quem sabe, também a melhor da collectanea. Consolar e alliviar são os mais altos destinos da medicina, diz o Dr. Lauro de Oliveira, apóiado essa affirmacão com exemplos, e explicando-a pelos methodos mais recentes da suggestão e da psychanalyse.

NATALIKA, por Guilherme de Almeida. A Candeia Azul — Rio de Janeiro.

De Guilherme de Almeida só conheçiamos até hoje livros de poesias. Como poeta, sua fama já é grande e justificada. Desde *Nós* vem elle seguindo uma róta ascendente e deslumbrante. Cada um de seus novos livros é um passo para a frente. E' hoje um dos maiores poetas brasileiros, ninguém o pôde negar.

Como prosador, agradou-nos também com *Natalika*, conferencia cujo assumpto, a Arte, é de constante actualidade.

Guilherme de Almeida é um homem espirituoso. Malabarista da phrase, brinca com os paradoxos, sorri, convence. Junta á elegancia de Oscar Wilde a novidade de suas próprias concepções.

Para o leitor distrahido, *Natalika* é um "badinage". Para nós, é uma obra seria. Entre os jovens da litteratura elle é quem, com menos pretensão, escreve as mais deliciosas verdades.

E' pena que Guilherme de Almeida não seja jornalista. Com Ronald de Carvalho e Paulo Silveira, formaria um trio perigoso e temido. Espirito, erudição e bom humor. Trez factores importantes na conquista do publico.

Sob o ponto de vista didáctico, *Natalika* será, para muitos, um livro difficil e irreverente. Sob o ponto de vista literário, será, para todos, um livro adoravel.

Guilherme de Almeida usa de uma maneira muito pessoal para falar de arte. A fabula, o paradoxo, o trocadilho, são trunfos que emprega com habilidade. Como no pocker, o leitor pôde "filar". E' um prazer que poucos escriptores nos dão.

Como todos os bons livros, *Natalika* necessita e supporta varias leituras. O que primeiro encanta, é a verve, o espirito; depois, a fabulação,



a maneira; depois, o estilo; enfim, a erudição disfarçada, escondida debaixo da escriptura displicente.

Não temos espaço para analysar essa conferencia. Cada capitulo é uma affirmação, e o desenvolvimento dessa merece um estudo especial. E cada capitulo pôde dar origem a polemicas violentas.

Sei que ha espiritos facilmente irritáveis. Esses fulminarão Natalika com a má fé e a inveja dos impotentes. Inútil! Natalika, a pequena deusa que resistiu ao tempo impiedoso, não teme a cólera dos criticos. Mesmo sepulta num montão de escombros, ressurgirá um dia, perfeita e pura.

A apresentação typographica do livro, muito agradável, é obra da Can-deia Azul, nova casa de edições do Rio de Janeiro.

E' o primeiro volume de uma série que comporta, entre outras cousas interessantes, o *Domingo dos Séculos* de Rubens de Moraes.

REVUE DE L'AMERIQUE LATINE — Rue Scribe 2 — Paris —

A revista da America Latina, que se publica em francez, é das que mais interessam o leitor sul-americano.

Ao par de todo o movimento litterario, economico, politico e social da America e da França, essa revista é um traço de união indispensável entre Paris e nossas capitaes. Tendo por collaboradores uma elite de escriptores dos dois continentes, cada novo numero é um novo successo litterario.

Recommendamos calorosamente aos nossos leitores essa excellente publicação.

L'HOMME DE LA PAMPA — Jules Supervielle — Nouvelle
Revue Française — Paris

Jules Supervielle, esse homem de 2 metros de altura e de mais talento ainda, viveu longos annos no Uruguay e no Brasil. Já no seu livro de poemas "Débarcadères" haviam allusões ás paisagens tropicaes do rio Paraná. A nostalgia levou-o a escrever esse romance de psychologia sul-americana.

A mentalidade do rico fazendeiro da Pampa, Juan Fernandez de Guanamirú, que é a mentalidade media de todos nós, tentou-lhe a inspiração. Escreveu o melhor romance francez de 1923. E, escrevendo-o, achou o que faltava na literatura de seu paiz: o assumpto. Envolve o seu livro uma atmosphéra de liberdade, de ar puro e de rejuvenescimento. Voronoff das letras francezas!

CHOLE'RA — Joseph Deiteil — Simon Kra — Paris.

O dadaista Joseph Delteil publicou ha tempos um romance intitulado "Sur le fleuve Amour" cuja acção se desenvolvia na Sibéria bolchevista. Psychologia de mascate, estilo rebuscado, sensualismo mystico, eis o que era esse livro que muito nos desagradou. *Choléra* causou uma surpresa geral. Ha, ainda, na literatura de Delteil, muito recheio e muito desse espirito vulgarmente chamado gaulez.

Mas, ao lado dessas doenças do temperamento, incuráveis talvez, encontram-se, em seu novo livro, a truculência e a verve de Rabelais. A imaginação desenfreada do autor nos conduz, através do mundo das sensações e do subconsciente, á região da blague e, por vezes, do mysterio.



Alice, Corne e Choléra são as principa-es personagens desse romance que o não é.

Joseph Delteil, muito moço ainda, promete tornar-se um dos melhores romancistas da geração actual franceza. Falta-lhe tão somente a coragem de abandonar a quinquilharia das chapas modernistas (já existem) e não mais se deixar tentar pelo espirito grosseiro e fácil do defunto Rio-Nú.

RECEBEMOS MAIS:

Rassegna de Coltura n.º de Dezembro de 1923 — Milano — Via Clerici, 10.

Historia de Agaba — J. C. Ferreira de Mello — Itabayana — Parahyba.

Vozes de Petropolis n.º de Fevereiro.

Revista do Instituto Archeologico Historico e Geographico Pernambucano — Recife.

Veranos Marplatenses de 1887 a 1923 — Dae — Buenos Aires.

Revista do Instituto Historico e Geographico da Bahia — Imprensa Official do Estado — Bahia.

Rcnovación — números de Dezembro e Janeiro — Buenos Aires.

Almanach do Ceará 1924 — José Alano — Fortaleza.

Journal des Débats — Janeiro 1924 — Paris.

Pégaso — Novembro e Dezembro — Montevideo.

La Revue Bleue — Janeiro 1924 — Paris.

La Revue Hebdomadaire — Janeiro 1924 — Paris.

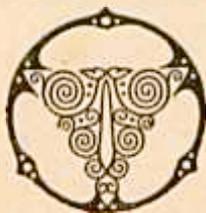
Rassegna Nazionale — Janeiro 1924 — Roma.

Synopse do recenseamento realizado em 1 de Setembro de 1924 — Typographia da Estatística — Rio.

Boletim da associação commercial da Bahia — Dezembro 1923 — São Salvador.

La Grande Revue — Janeiro 1924 — Paris

Archivo General de Economia — Barcelona.





MAURICE BARRÉS

A França, quando lhe foi raptada a Alsacia-Lorena, já era uma nação de vencidos. O cataclysmo inicial produziu-se nos fins do século dezoito, mas a sensação do vácuo, a impressão do desalento, veiu á plenitude depois do novo abalo de 48. Os grandes espiritos francezes tornaram-se desde esse trágico momento artistas da destruição. Renan esforçou-se por desenraizar o catholicismo. Taine por matar a metaphysica, anniquilar a lenda napoleonica e entorpecer o gênio militar da raça. Flaubert revelou o bovarysmo, que é a caricatura do idealismo creador e escarneo do romantismo, de que Napoleão III fóra uma fugaz apparição politica. Zola excedeu-se em patentear num paroxysmo realista a decomposição das cellulas sociaes. Quando os prussianos, barbaros e depredadores, invadiram a França, onde a força para resistir-lhe? Não havia mais nada, exclamou-se cobardeamente na hora da capitulação. O sentimento patriotico indomável e perenne, refugiára-se nos abysmos da nacionalidade. Desse amago obscuro surgiu Maurice Barres, inspirado pelo espirito da desforra. Para reconstruir moralmente a França affirma, no pensamento e na literatura, alma de vencedor. Escriptor estranho > decrepita urdidura tradicionalista, não se reproduz nelle a figura classica de um joven deus mythologico, de um Dyonisos infante, bello, surprehendente, desdenhoso a sorrir na perpetua alegria. Maurice Barres representava a imagem de

um passaro esquivo, intratavel e bravo, sempre aggressivo, uma aguia infantil, um falcão adolescente. Permaneceu até o fim, raro e singular. A sua voz guardou o som agudo, guttural e estridente, que dilacerava a trama subtil da velha lingua-gem franceza. Todo elle era anciedade e vigilancia. A ave selvagem debatia-se em gritos violentos, como se a estivessem afo-gando num pantano de cobardia e imbecilidade. Os olhos agudos fixaram-se perpetuamente no inimigo. Maurice Barres deu o alarme para o permanente combate e postou o seu eu irreductivel deante dos Barbaros, em desafio a todas as barbarias. Cumpria-se uma longinqua predeterminação. O neto de um soldado de Napoleão, o descendente de enraizados antepassados auvernezes, o loreno, filho de loreno, encarnava assim o espirito das raças, que formavam a nação e aticavam nesta o victorioso sentimento da perpetuidade.

A unidade da França se fez por aggregação. As regiões as mais diversas, trabalhadas pela historia, foram pouco a pouco se desfazendo da primitiva rudeza e annullando as separações até se amoldarem nessa homogeneidade politica, que se imagina hoje inteiramente ininterrupta e inquebrantável. O auvergne, sendo geographicamente o centro do paiz, é também o centro da resistencia, onde pulsa o coração. A terra foi vulcanica; é activa e solitaria. Maurice Barrés reflectia essa sobrançeria; era arredio, apezar de

politico e patriota, e trazia na alma esse fogo secreto do solo, que lhe aquecia a tempera e explodia em erupções intellectuaes. A Lorena é a terra indecisa entre a Gallia e a Germania. E' varia e incerta, lutando pela sua personalidade ameaçada de successivas invasões e absorpções. Dessa formação lorena, provém, por singular infiltração allemã, o individualismo de Barrés. Percebe-se á primeira vista, no doutrina nacionalista do reconstruc-tir do pensamento francez, a iniciação germanica Maurice Barrés confessa a procedencia de Fichte. Podia remontar a Leibnitz, á theoria da mónada, de onde dimana o conceito do Estado, como o grande individu, o grande Eu. Desse conceito individualista deduziu Barrés a concepção da patria como a categoria do eu. Quando o subjectivismo allemão avassalou o espirito de Fichte, já havia extrahido o mundo real da idéa pura. O eu de Fichte tornou-se universal e preparou o Estado universal de Hegel. Em Barres o eu colectivo, a Nação, contra hiu-se, tornou-se restricto. A Patria é uma limitação e para Barrés, que era loreno, oriundo de uma incerta e pequena patria, situada* na fronteira dos Barbaros e cujo espirito se formou sob o terror da invasão do inimigo e sob a esperança da desforra, a Patria devia ser uma cidadella defendida pela energia do eu, dentro da tradição, cuja argamassa é feita pela lingua, pela historia, pela religião que se nacionalisa até os limites do schisma. Para esse sentimento patriótico o estrangeiro é o inimigo. Dentro dos muros não ha culto mais fervente do que o dos mortos, tutelares da continuidade. Volta-se ao conceito primitivo da Patria, que se inicia em torno dos tumulos e cuja formula exclusiva tem a estructura de uma religião.

Antes de systematisar a sua doutrina do patriotismo, Maurice Barrés, instinctivamente levado pelo espirito da desforra e pelo pensamento da victoria, fi-xou o seu eu deante dos Barbaros. No fundo do seu nacionalismo descobre-se o conceito dualista gerado na consciência humana pelo terror metaphysico, "eu e o universo", "eu e os outros". E' a formula de Fichte. O culto do eu concretisa-se na reacção systematica do ser individual contra tudo o que procura domi-

nal-o e esmagal-o. A força physica ou moral, hostile ao eu, é o que Barrés chama "o barbaro". O dever primordial é defender o eu, eleva-lo, engrandecel-o. Ao egoismo dos outros oppor ao nosso próprio egoismo, e mesmo no Amor não se deixar observar. E por isso o Amor no sentido barresiano não attinge jámais a altura em que a fusão integral dos Amantes realisa a unidade com o Universo.

Se para o escripter metaphysico o bar-ftaro é tudo o que resiste ao eu, para o joven loreno essa resistencia se corporifica no Prussiano, que é o barbaro por excellencia, tangível e ameaçador. O conhecimento desse barbaro, desse inimigo hereditário, revelou a Maurice Barrés a patria, que assim surge do sentimento racial. Maurice Barrés alargou a categoria do eu, que de individual se tornou a collectiva. A nacionalidade é a somma e a summa dos infinitos eu da mesma progenie, da mesma idealidade, da mesma projecção no futuro. A Patria, categoria do eu, oppõe-se ás outras patrias e o antagonismo persiste como a profunda e successiva expressão do dualismo inicial. Por um momento o conceito barresiano, movido pela metaphysica allemã, como instatanea desforra do barbaro, alarga-se para fundir o eu no Inconsciente. Sem demora o espirito loreno reaparece, recompõe o mysticismo individualista, não permite essa elasticidade vaga, essa posse do Universo. Ao contrario, o eu retráe-se, torna-se nacional, volta ao conceito pragmatico da patria deante dos barbaros. Para Barrés a patria é a continuação do Passado, tem a sua cidade invisivel povoada de sombras, que inspiram os vivos na missão primacial de zelar pela tradição. O mysticismo anarchista destróe todas as restricções, que possam limitar o surto do individuo. O mysticismo patriótico de Barrés enraiza o individuo na terra dos antepassados e o encerra dentro das muralhas da nacionalidade. Por esta formula Maurice Barrés rompe definitivamente com o idealismo de Fichte, que o estimula no principio, e repellc a theoria hegeliana que considera os povos, as sociedades humanas como reflexo e dominio do Estado e moveu a Allemanha para o pan-germanismo. No conceito barresiano a patria franceza tem a suprema missão de defender-se dos Barbaros germanos, de fortalecer-se dentro dos



seus limites naturais e históricos e entreter o espírito numa perpetua vigília contra toda invasão física e moral, sem sobrar-lhe tempo para as aventuras da conquista. A doutrina nacional de Maurice Barrés é uma contradição ao imperialismo alemão.

Quando essa doutrina nacionalista se crystallizou, a França vencida, ultrajada, não offerencia resistência às vagas do anarchismo, que vinha com a sua ideologia completar a dissolução dos alicerces da nacionalidade. Por esse tempo os governantes estavam ao serviço de uma burguesia cúpida. A França foi o campo de rapina, onde tudo foi lama, sangue e morte. Nos destroços da catastrophe moral, viu do subterrâneo da nação um sobresalto, que a salvou. Maurice Barrés incorporou o seu idealismo à acção política e tornou-se um dos reconstructores do paiz. A base da reconstrução está na idéa da patria, qua a fortalece e se organisa em culto. A idéa faz-se sentimento para ter vida. Essa força ideal foi a que em primeira linha se oppoz aos Barbaros e os venceu. A victoria, que foi uma desforra, Maurice Barrés consagrou-se integralmente. A sua actividade combativa foi um maravilhoso espectáculo. Reagiu contra o scepticismo. Reagiu contra Renan, patriarcha da indiferença. Ao cynismo que exclamava: "a França morre, não perturbamos a sua agonia", Barrés oppõe a violenta therapeutica da fé. Disciplinou-se para disciplinar. Já nos seus primeiros livros individualistas aspira a uma disciplina, que lhe dissipasse o torpor doloroso, em que se entibiava o seu espirito. Clama por essa força, pelo "Mestre", que seria um axioma, uma religião, um principio ou uma doutrina. Encontrou no nacionalismo a sua disciplina e desde então passou a servir o seu "mestre". A finalidade do seu nacionalismo era a desforra, que libertaria a França da humilhação de 1870 e restituiria na aureola de victoria a integridade gloriosa. "Eudgo, exclamou, que Metz e Strasburgo nos voltarão um dia... Que dia será esse?... Os Francezes serão vencedores ro dia em que serás homem", assegurou Barrés a seu filho. E Philippe Barrés collaborou para cumprir-se a prophacia do pae; soldado da grande guerra, deu o seu sangue para que Metz e Strasburgo

voltassem à França fosse restaurada a velha Lorena, geradora desse egotismo patriótico immorredouro.

A construcção barresiana assentada **110** nacionalismo rejeitou toda a libertação para manter o espirito subordinado à tradição. Impregnou-se da formula que não limita o patriotismo ao amor do sólo, enraiza-o no amor do passado. Voltou-se para este e o defendeu nas suas expressões mais definitivas, na religião, na hierarchia politica, no génio militar e no culto dos mortos. O excesso da disciplina levou Barrés ao automatismo. Parece que procurou na energia um remedio ao seu temperamento, independente e vago, de descendente renegado de Rousseau, de herdeiro da melancolia de Chateaubriand. Para curar-se do traiçoeiro veneno do romantismo innato, para libertar-se do sentimentalismo, empregou a disciplina de Loyola e de Gethe. Subordinou o mundo e o proprio *cu* à vontade. Desta faz um cilicio, em que constrangiu a liberdade. E por um singular paradoxo, nos seus livros de iniciação, ha tanta vontade, tanta disciplina para libertar dos barbaros o joven Philippe, que este se torna um automato, um mecanismo, um homunculo fabricado pela Intelligencia.

E' na funecão cerebral que reáide o segredo de Barrés. Tudo, universo, sensações, fôrmas, sentimentos, tudo transfigura em idéas. E' a operação secreta da sua sensibilidade. Esta apura-se, estrema-se e de tão vibrante, torna-se seductoramente intellectual. O encanto barresiano, que se infiltra pela literatura franceza, vem do mysterio romântico, da hyperesthesia egotista que, domada pela disciplina, torna-se sortilégio. Os espiritos, ávidos de metaphysica para fugir ás torturas do relativismo scientifico, encontram no estylo de Maurice Barrés a repercussão procurada e entranhada dos seus proprios desejos de libertação. A phrase barresiana tem ás vezes uma secoura interior, e da sua vibração resulta uma sonoridade aguda e irritante. Não é a fonte de melodia que se transmuda em ondas doces e correntias. E' uma musica dissonante, cuja volúpia cerebral é deliciosamente attrahente.

Que resta dessa musicalidade? Barrés foi o primeiro a corrompel-a pela volta ao sentimentalismo. Uma invasão de sen-



sibilidade deturpou grande parte da magia ativa e aspera do primeiro estylo. O rythmo permaneceu o mesmo, mas a sonoridade estava viciada. O cheiro da morte infectou a atmosphaera. A morbidéz degenerou em compaixão. Tudo tornou-se triste neste homem, soberano de desdém e orgulho. Aquelle frémito febril que, na aurora da espiritualidade, se compiaz na pestifera Veneza, vem no crepúsculo excitar-se da phosphorescencia dos cadaveres, alimentar-se da morte. Ama o oue é sombra e mysterio. O creador do enthusiasmo patriotico, o sarcastico dominador da vida, consagra-se ao culto dos mortos. Procura defender tudo o que passa e exprimir tudo o que morre. Quando lhe faltam expressões do seu idioma, o nacionalista pede aos idiomas extranhos a palavra piedosa... Assim transportou para a sua phrase melancólica a maif triste das nossas palavras, saudade. Er.cadeiou os vivos aos mortos. O Oriente pérfido lhe revelou que o filho é o segredo do pae. Descobriu Barrés que o Occidente, sobrecarregando o conceito mystico, accrescentára: "Nossos filhos são a imagem dos nossos pensamentos os mais profundos". Dessa falsidade psychologica concluiu a formula, com que resolve o mysterio da tradição, e revendo a sua sentença contra Renan, termina por absol-

vel-o do scepticismo religioso em face do sacrificio dos netos, martyres da guerra, cheios de fé e de illusão christã. Neste auge de piedade patriótica, que tudo incorpora ao patrimonio moral da França, morre o encantador e entra serenamente na communhão dos mortos. Desde o instante supremo da desforra triumphante, de que fôra annunciador e constructor, estava cumprida a sua bella fatalidade. Veiu tia subtil raiz lorena e da profunda fonte auverneza, revelou o seu *cu* na magia de uma musica estranha, encerrou-se no quadro nacional, disciplinou-se, serviu o génio da sua raça, de onde brotou a estirpe que elle continuou e que continuará depois d'elle. "A' ma mort, Philippe, rtcommendava Barrés, il ftudra me conduire dans l'ombre du clocher de Sion et ne point t'attrister, car ma fortune sette comblée si je me confonds dans cette terre riche de toute la continuité lorraine".

Agora abram-se as janellas. A musica barresiana, ao longe, dá o rythmo sepulcral ao silencio das cathedraes e á melancolia dos tumulos. Outra sonoridade, vívaz e victoriosa, vinda da alegria do Universo, enche a França, que se renova indefinidamente.

Graça Aranha.

("America Brasileira").

O CLARO RISO DOS MODERNOS

Na carta que escrevi ao meu querido amigo Jackson de Figueiredo, e á qual o illustre escriptor catholico deu tão nobre resposta, faltou-me espaço para precisar alguns pontos essenciaes do nosso movimento modernista. As suas raizes metaphysicas não são puramente metaphysicas mas também, ethicas. Não é somente das formas estreitas que nos libertamos, porém, dos preconceitos mesquinhos de um falso espirito inferior, formado e alimentado por um artificialismo livresco, da peor espécie.

Hedamos uma voz melancólica: a voz da Terra. Perdido na vastidão da floresta insidiosa, que, a cada passo vem arrancar-lhe os frutos do seu labor, o homem brasileiro reflecte no pensamento a tragedia áspera e continua da sua adaptação ao meio

cosmico. As forças que tentam esmagai o são de tal apparencia que Buckle, e, depois d'elle, Rivet, Lapouge, Lecoinge e vários anthropogeographos da escola de Ratzel, ou da corrente de Vidal de La Blache, o condemnaram a um perpetuo exilio no seio da natureza impiedosamente exuberante. Da Amazónia opulenta de Humboldt, e de Constantin, affirma Le Coindre, no "Climat de l'Amazonie", que é "um deserto vestido de verdura, á espera de occasião propicia para resurgir". Desde 1876, Stanley, o celebre explorador inglez, já ne referia á enganosa magia das mattas virgens, que deleitam os olhos, mas opprimem a vida humana, reduzindo-lhe as energias, despojando-a dos seus attributos superiores. O homem da zona tropical é um ser destinado ao terror e á humilhação deante da Natu-

reza. Nossa literatura apresenta, a esse respeito, depoimentos celebres. Basta mencionar os Caucheiros e o Judas Ahsverus, de Euclides da Cunha. Tudo se entredesvora nessa panphagia formidável da selva barbara. Os rios saltam dos leitões e engolem as terras marginaes: pullulam nas fermentações dos mangues e igapós milhões de insectos, desde a borboleta ao pium sanguedento. A sombra de certas arvores é mortifera, e ha grandes corolas que se abrem como bocas esfaimadas. Sômente o homem se encontra deslocado nesse monstruoso divertimento das forças elementares.

O sentimento confuso dessa luta permanentemente, vindo través do indio totemista, do africano fatalista e do portuguez nostálgico, povoou de fantasmas a alma brasileira. Ficamos attonitos ante o destino. A dor e a volúpia embriagaram o nosso espirito. Foi essa, a herança que recebemos do passado, mesmo daquelles que melhor interpretaram a nossa psyché, a exemplo de Gonçalves Dias, Alencar, Castro Alves e Raymundo Correia.

A historia dos nossos valores é em grande parte, o espelho desse combate entre a terra e o homem. Não direi, de certo, que a situação presente seja totalmente diversa da anterior, mas não é possível negar que o homem brasileiro começa a modificar-se, nesse sentido. Fomos, até bem pouco, um povo de agricultores, vivendo na dependencia immediata dos factores mesologicos, sujeito aos caprichos do clima e da gleba. O fazendeiro era o patriarcha da nação. A existencia politica e economica do paiz girava em torno d'elle. A vida bucólica das desmedidas sesmarias, onde se concentrava toda a riqueza nacional, vinha reflectir-se directamente nas aglomerações urbanas, porque, das fazendas saiam os dirigentes da raça, os "condottieri", de maior prestigio e influencia. E a terra, naturalmente, os acompanhava. Todo o nosso chamado Romantismo foi feito por essa gente rude, mystica e fundamentalmente conservadora do campo. A melancolia da floresta, o amollecete perfume das roças, languor mysterioso dos vastos horizontes, as sombras húmidas das moitas, o monotonico rumor das aguas, toda essa concepção idyllica e primitiva das coisas, entrou com alta porcentagem para o nosso pensamento.

Mais uma vez, dominaram os sentidos. "Nihil est in intellectu".

Hoje, porém, ha profundas modificações na substancia nacional. O brasileiro de escola não é mais "filho de fazendeiro", habituado aos longos silências do sertão, testemunha dos soffrimentos de uma raça escrava, em cujo leite mamou as primeiras duvidas. E o brasileiro, em synthese, não é mais, também, o exclusivo producto de caldeamentos limitados a tres grupos ethnicos: o indio, o africano e o luso. O italiano, o allemão, o polaco e o russo trouxeram a machina para a nossa economia. O Brasil industrializou-se, principalmente, ao sul, no Rio, em São Paulo, em Minas e no Rio Grande, nos focos mais importantes de immigração estrangeira. Tornou-se a vida, portanto, mais activa, mas vertiginosa, mais cosmopolita, menos conservadora, em summa. Essa nova raça de sangue mais temperado vencerá o meio cosmico que os nossos maiores conquistaram, mas não puderam dominar, desmentindo, assim, os postulados levianos de uma pretenciosa anthropographia, que, nos impunha a fatalidade dos seus dogmas superficiaes.

Demonstra a sciencia moderna, que a civilização é uma conquista do homem sobre a natureza. O factor mesologico é mais complexo do que parecia aos continuadores de Demolins ou de Semple. O homem deforma, adapta e modifica o seu "habitat", preparando as realidades necessarias ao seu desenvolvimento social. Tudo nos ensina, por exemplo, que não devemos desesperar da Amazônia, "embora o deserto, despojando-se do seu manto de verdura, reapareça". As solidões aggressivas do valle de Texas converteram-se em campos de algodão, de milho e trigo, pelo esforço do norte-americano, cortando aquelles interminos areaes escaldantes de canaes admiravelmente distribuidos, fazendo o reforestamento de zonas safaras e mortas, irrigando-as largamente por meio de calculado processo de açudagem.

Ora, o contingente de coragem equilibrada, de saudavel optimismo que a gente de hoje vae transmittir á de amanhã, é irrecusável. Somos diferentes dos nossos avós e da sua mentalidade, formada em ambiente distincto do nosso. Ehes fizeram a sua cultura na letra fria dos livros, sob a disciplina dos grammaticos e reitores da antiguidade. Realizaram, assim, aquelle ty-

po do "honnét homiuc" conselheiral e pedante amigo dos títulos, da anecdota pittoresca e da citação vaidosa. Foram elles que nos herdaram esse enthusiasmo fácil e esse pessimismo radical em relação a tudo quanto se refere ao Brasil. Todas as suas formulas podem resumir-se nestas: "Paiz privilegiado", mas "Paiz perdido". Lyricos por indole e educação nunca procuraram olhar face a face a nossa realidade. O discurso com a mão no peito, o artigo de fundo com as /inevitáveis passagens históricas, o soneto com a chave de ouro e a querela das infecções grammaticaes, eis o que, na verdade, era admirado e applaudido.

Sua influencia ainda se manifesta por muitos modos, e a indecisão nefasta dos nossos dirigentes é fruto daquella therapeutica livresca, daquella fetichismo do papel impresso que se prolongou até nós. Pagamos em nossa adolescência o imposto da melancolia. Adoramos os idolos terríveis que pesaram sobre a imaginação dos nossos queridos antepassados. Fizemos do mundo um amavel jogo de formas decorativas. Dialogamos com as sombras, nas primeiras luzes da nossa juventude. Philosophamos com a dor. Quem, dentre os modernistas, não teve receio de ser barbaro, não subiu com Renan as escadas daquelle templo de Athenas, cujo nome o mais rudimentar pudor literário impede que seja escripto até o século XXX? Quem, de todos nós, não se revoltou aos vinte annos contra o verso famoso:

"Qui nous delivrera des Grecs et des Romains?"

Somente Graça Aranha, desde o "Chanaan" até a "Esthetica da Vida", riu do nosso pavor. Ao contrario dos nossos inspiradores, que dormiam no leito da melancolia, Graça Aranha foi o primeiro que affirmou: Deveis vencer a natureza pela intelligencia. Sua confiança no Brasil foi um raio de sol sobre essa desalentada lenda regionalista da terra cansada, do homem acovardado deante do destino, que deu tantas metaphoras ás civilizações dos nossos políticos. Os homens novos do Brasil sabem que para ser forte é mister libertar o espirito do culto estreito do passado. Não queremos alimentar-nos de cadaveres, como aquellos Bandjas do Oubanghi, que se disputavam sinistramente os mortos nos cemitérios. Não queremos a gloria nem

a immortalidade: queremos a vida, o turbilhão perigoso da vida.

Tão ridiculo se tornara esse passadismo que se pensava já por schemas. Quando se falava em poesia, brilhava logo na memoria uma determinada forma:

Metrificação

Soneto-f- Ballada+ Ode=

Rima

Critica significava: Taine, Brunetiére, France, l'emaitre. Sem conhecer o grego nem o latim, via-se Grécia e Roma através de Paul de Saint-Victor, de Pierre Iyouds e daquelle famosa "Oração"... Da linguagem dos escriptores, os preferidos eram os femininos, como Anatole France, cujo estylo macio e sensual, depois que adormece o espinto, fatiga a sensibilidade, como, em seguida á posse, morre o desejo satisfeito rapidamente. De Barrés ou de Gide, raros se approximaram. Aos nossos passadistas repugna a surpresa. Ehes quem o logar-commum, elegante e correcto, aquil-le que os não obrigue a pensar. Barrés cansa. Seu estylo é anguloso, varonil, voluptuoso, mas sem lascivia, construido com uma lógica interior impossivel de ser ultrapassada. O autor do "Deracinés" usa o adjectivo com aspereza e discute com o leitor, antes de convencel-o. Com os mestres inglezes, allemães e russos, as conversas, em geral, são fiadas. Os fiadores são ainda os francezes. Por isso, temos um Shakespeare mal digerido, um Goethe cm molho "Gerard de Nerval" e um Dostoievsky incompleto, quando as versões inglezas e germanicas do romancista russo são excellentes.

E são esses, por via de regra, os que *e insurgem contra a arte moderna, em nome da cultura, do bom gosto e do bom senso. A beleza é a verdadj, dizem elles gravemente. E citam Platão. Mas o grego subtilíssimo, nunca lhes ensinou onde estava a verdade... Confundindo as "palavras em liberdade" de Marinetti, com o "lyrismo simultâneo" de Mario de Andrade, o cubismo de Leger com o dynamismo de Boccioni, os passadistas vociferam tristemente contra tudo que lhes vem quebrar o rythmo lento das digestões cerrbraes. Pois se elles só agora haviam chegado a Samain, a Claude Monet e a Debussyl

O fundamento das "palavras em liberdade" está na suppressão total do adje-



ctivo e do adverbio. "Je crois nécessaire supprimer l'adjectif et l'adverbe... l'adjectif et l'adverbe ont une triple fonction, explicative, décorative et musicale, par laquelle ils indiquent l'allure grave ou légère lente ou rapide, du substantif qui se meut dans la phrase... Ce procédé purement explicatif, dénué d'imprévu, imposé d'avance à tous les arabesques, zigzags et cahots de la pensée n'a plus raison d'être. Il est partant à peu près sur que l'on ne se trompe pas en faisant tout le contraire. Il est indéniable qu'en abolissant l'adjectif et l'adverbe on redonnera au substantif sa valeur essentielle, totale et typique." (Supplément au Manifeste technique de la Littérature Futuriste. F. T. Marinetti. Milan. 11 Août. 1912).

A technica do lyrismo simultâneo ou simultaneismo lyrico, é perfeitamente o contrario dessa. O adjetivo e o adverbio têm uma larga função no "Dix-neuf Poèmes Elastiques", de Blaise Cendrars, no "Alcools", de Guillaume Apollinaire e na "Paulicéa Desvairada". As imagens são, frequentemente, representadas por um adjetivo ou por um adverbio, que, por vezes, perde até a sua categoria grammatical invariável, para se transformar em um substantivo.

Quando, nos "Epigrammas", empreguei o verso baseado no rythmo puro, abandonando os systemas de metrificacão e outras "doçuras" do estylo acadêmico, foi, justamente, para dar á poesia toda a largueza de motivos que ella deve comportar. ÁTguns homens de boa vontade falaram, entretanto, em "desordem apparente". Mas, que é "ordem", em arte? Será clareza? Então, Shakespeare é irmão da Sybilla. Sefá medida? Então Rabelais e Miguel Angelo são monstros. Será bom gosto? Então, Wagner é um philisteu. Será bom

senso? Então, o Grecco é um degenerado. Remy de Gourmont quasi resolveu o problema, quando disse que "o génio era uma bella desordem". O artista é, por excellencia, um deformador, um individuo que inventa uma super-realidade. O hexanetro latino, o alexandrino francez, o decassylabo ibérico, são deformações, recursos artificiaes de eurhythmia. A propria palavra é uma deformação da idéa. Ora, por que chicanar com essa "ordem", e não declarar, desde logo, que ella é uma pura limitação á intelligencia livre do artista? Libertar as formas, é libertar o pensamento. "Sur des pensers nouveaux faisons des vers "nouveaux". Vigny corrigiria o seu conceito.

Sejamos livres, portanto, para affimar o nosso ser, ou "alegres", como queria Spinoza. Essa alegria ante os preconceitos infecundos, é a que nos mostram Mario de Andrade, fazendo poesia pamphletaria na "Paulicéa Desvairada", ou esse agil Paulo Silveira, rindo como Gargantua no enterro dos nossos manipanços passadistas. Essa "alegria" foi a que sempre nos prégou Graça Aranha, principalmente no symbolico Malazarte, Mephistopheles jovial dos nossos Faustos, mais timoratos que o doutor medieval, porque, não acreditando nem no céu nem no inferno, estão condemnados irremediavelmente ao purgatório incolor das proprias almas. O nosso riso é a alegria do Brasil.

"Tu te zangas, homem da verdade? Vem ver a mentira... A alegria é o bem, a tristeza é o mal. Tu te diminues na agonia. Vem commigo, vamos desta prisão, fujamos de tudo isto... Eu te mostrarei outros mundos..."

Ronald de Carvalho.

("O Jornal" — Rio).

UMA GRANDE DESCOBERTA

Nada é mais difficil do que falar em publico ácerca de certa moléstia, tida por vergonhosa e a cujo nome é quasi impossivel alludir em certos jornaes.

Espero que os leitores do "O Estado de S. Paulo" me hão de permittir que não use de circumloquios para designar a moléstia, tão grave para o individuo e para a

absoluta segurança, tendo tido o melhor êxito, sem excepção, as innumeradas experiencias feitas com animaes e as que se praticaram no homem.

A sciencia franceza acaba de descobrir um agente therapeutico que permite preservar a humanidade contra esse mal terrivel, e preserval-a, ao que parece, com



absoluta segurança, tendo tido o melhor êxito, sem as inúmeras experiencias feitas com animaes e as que se praticaram r.o homem.

Além disso, esse processo de preservação é de extrema commodidade pratica. Não se trata, realmente, de injeções intravenosas, de execução sempre delicada e que exigem a intervenção de um medico experimentado. E' á simples absorção, pela bocca, de um medicamento apresentado sob a forma de comprimido, bastante innocuo para ser posto á disposição do publico e que, tomado dois ou tres dias seguidos, depois da exposição ao contagio, basta para garantir com segurança a preservação.

Eis ahi, em primeiro lugar, a affirmação. Resta dar-se a prova. Mas, antes de tudo, quero dizer até que ponto nos é preciosa semelhante descoberta e qual a gravidade da syphilis, gravidade insufficientemente conhecida do publico em geral.

E' ella uma doença para o individuo que a tem, para os membros da sua familia, que a todo momento se arriscam a contaminar-se, e para a sua descendencia. Considerável é o numero de abortos espontâneos, de que é ella responsável; c não menos o é o das crianças que perecem com tenra edadc e o das cuja saúde geral é para sempre comprometida pela heredo-syphilis. Todos os orgams de um homem ou de uma mulher, infectados pelo treponema, podem ser por elle gravemente alterados: o rim, o figado, o coração, todQ o systema arterial. A syphilis das artérias do cerebro é a causa de um grande numero de paralyrias; a meningo-encephalite diffusa ou paralyisia geral chamada também demencia paralytica, não tem outra causa que não a infecção treponemica; a mais frequente das moléstias da medulla espinhal, a ataraxia locomotora, tem invariavelmente a mesma origem.

Vê-se de que formidável importancia é essa grande moléstia, geradora de vinte castas diversas de enfraquecimento orgânico, sem contar o papel que ella representa certamente na genese de um certo numero de producções cancerosas.

Quanto á sua frequencia, não se pôde avaliar senão aproximadamente. Entretanto eis alguns dados: Balasobko affirma ^{na} ^{ia} ^{Siuc} na Allemanha, antes da guerra,

8 por cento dos commerciantes, 5 por cento dos operários, 25 por cento dos empregados e estudantes, 29 por cento das moças de confeitarias estavam contaminadas: Bayet é de opinião que, na Bélgica, 15 por cento das pessoas de mais de 25 annos são infectadas de treponemas, do que resultariam 70.000 doentes para Bruxellas e 400.000 para a Bélgica. Os algarmos dados pela sra. Doria Sandberg, para a Rússia, são tão elevados que parecem inverosímeis. O que importa considerar é que a syphilis é quasi tão frequente quanto a tuberculose, muito mais frequente que a diptheria, o sarampo ou a typhoide; que os individuos delia atacados morrem, segundo as estatísticas de Bayct, em maior numero que os de todas as outras castas de moléstias; que, segundo Kasso-vitz, um terço dos rebentos oriundos de paes syphiliticos succumbe antes de mascar, que outro terço succumbe no correr dos primeiros mezes de edade. E' um balanço verdadeiramente terrivel.

As prostitutas toleradas e, mais ainda, as prostitutas clandestinas, são a causa mais frequente da contaminação.

Esse lamentavel estado de coisas, commum a todos os paizes, ou quasi, está, aliás, em vias de melhorar grandemente graças aos inumeros progressos realizados de alguns annos para cá no tratamento dos doentes. A cicatrização rapida das lesões contaminadoras, que se obtém hoje graças ao emprego rápido do arsenobenzol e do bismutho, supprime, está visto, um grande numero de contágios novos; os consultorios especiaes nos nossos hospitaes, nossos institutos de prophylaxia, prestam, deste ponto de vista, os melhores serviços.

Quero louvar aqui os médicos dos hospitaes, srs. Queyrat, Jeanselme, Hudelo, Luiz Fournier, Ravant, que organisaram, em seus serviços, consultorios nocturnos, aonde, depois do dia de trabalho, podem ir os doentes, sem perda de tempo nem de dinheiro, e o sr. Vernes, que realisou progressos importantes no Instituto Prophylactico do Boulevard Arago.

Numa bella conferencia feita no mez de Abril ultimo no Instituto Pasteur, o sr. Levaditi dedicava algumas linhas ás tentativas feitas, principalmente na Bélgica, para instituir uma prophylaxia moral e educativa pela predica da continência. E



cora razão juntava: "Considerar o homem como elle é, e não como se quereria que fesse, eis o primeiro dever que nos toca aos médicos. E' preciso que contemos muito mais com o instincto sexual, o mais encarniçado inimigo da prophylaxia moral, do que com os efeitos, muitas vezes alleatorios, dessa prophylaxia. Preconisemol-a cada vez que se nos apresente en-sejo para isso, mas não deixemos de procurar incansavelmente meios que permit-tam evitar a syphilis, quando já esteja commettido o peccado de que fala S. Pau-lo.

Aqui, como em toda parte, é preciso re-correr á prophylaxia individual. Como deve haver memoria. Roux e Metchnikoff preconisaram o emprego de uma pomada de calomelanos, a qual incontestavelmente preserva, com a condição de ser utiliza-da cuidadosamente. A demonstração da sua efficacia foi feita em macacos e tam-bém num estudante de medicina, que permittiu que lhe fizessem uma escarifi-cação infectante e que foi preservado por uma fricção prolongada, durante 5 minu-tos, com a pomada alludida.

Resultados analogos se obtiveram com a pomada de Gauducheau, que contém thy-mol, calomelanos, cyaneto de mercúrio, va-selina e lanolina; e com a pomada de Le-vaditi e Sazerac, de tartro-bismuthato de sodio e de potássio.

E' sabido que o doutor Magin (de Manchester) tendo-se inoculado pela sy-philis, fez uma hora após a escarificação infectante, uma injeccção de 60 centigram-mas de Salvarsan, com o que se preser-vou. No serviço de Cochín, o dr. Luiz Fournier e seus collaboradores Lacapère e Guénot obtiveram, pelo mesmo processo a preservação de 35 mulheres, apesar das relações quotidianas que tinham todas, com maridos doentes. Mas se a efficacia deste methodo não offerce nenhuma du-vida, não é elle excellente, do ponto de vista pratico, visto que muitas pessoas ex-postas pelas suas relações conjugaes ao perigo da contaminação, se recusam a deixar que se lhes pratiquem injeccões intravenosas, quando ainda não apresen-tam nenhum symptoma.

Chego enfim á descoberta importan-tíssima, annunciada no começo deste ar-tigo.

EUa é devida ao sr. Fournau, mem-bro da Academia de Medicina, professor do Instituto Pasteur e um dos chimicos mais eminentes da actualidade. Já se ha-via elle illustrado com a descoberta da "Stovaina". Sua gloria nascente crescerá bem mais ainda com a descoberta do "Sto-varsol". (E' sabido que o termo "stove" é, na lingua ingleza, a traducção do termo "fourneau").

Ha alguns annos o sr. E. Fournau teve a idéa de reencetar, com precisão ri-gorosa, as grandes pesquisas inauguradas por Ehrlich no Instituto de Francfort, acerca da chimiotherapia e, principalmen-te, acerca dos medicamentos arsenicaes. Ehrlich e seus collaboradores julgavam que os arsenicoes eram dotados de uma especificidade maior contra os parasitas trypanosomas e spirochetas, que os áci-dos arsenicaes aromaticos, e as pesqui-sas de Hata, acerca das spirilloses o ha-viam firmado nessa concepção; enfim, se-gundo Ehrlich, os ácidos arsenicaes ain-da tinham, além disso o inconveniente de determinar perturbações oculares no ho-mem e de produzir nos camondongos a agitação giratória (camondongos dansa-rinos).

O professor Fournau começou por mos-trar que certas preparações dos labora-torios de Francfort deviam a toxidez e a variabilidade dos efeitos therapeuticos á sua impureza chimica. Tendo estudado com minucioso cuidado um grande nume-ric de ácidos arsenicaes (cerca de 300), com seu grau de toxidez e seu poder the-rapeutico experimental, o sr. Fournau, auxiliado pelo sr. Navarro Martin, pelo sr. e sra. Tréfouel, decidiu-se pelo acido acetyl-oxyaminophenylarsenico, a que cha-mou "190" ou "Storvarsol", preparação estável, facilmente manejavel, rica de ar-sênico e pouco toxica. Este medicamen-to cura a syphilis, mas não melhor, certa-mente, do que o arsenobenzoi; mas rem-tem a propriedade particularmente pre-ciosa.

Tomado pela bocca, algumas horas ou mesmo alguns dias depois de um contacto sexual duvidoso, supprime invariavel-mente o contagio nos animaes e no ho-mem. As experiencias feitas nos coelhos, repetidas muitissimas vezes, são absoluta-mente concludentes; quer seja o trepone-ma communicado por inocuação experimen-



tal, quer por via de contactos sexuaes, não ha nunca contagio quando o medicamento se mistura com os alimentos das fêmeas empregadas nas experiencias.

No serviço do dr. Luiz Fournier no hospital Cochín, fizeram-se pesquisas, simultaneamente, da maneira mais cuidadosa, e num grande numero de pessoas. Tenho sob os olhos os resultados de duas dezenas de observações feitas com invariável regularidade. Sempre se verificou a presença do spirocheta no marido, sempre se verificou que a mulher estava indemne e que não tivera syphilis anteriormente. Estava ella sem duvida na imminencia do contagio, e bastou que se lhe dessem, pela bocca, duas grammas de "190", algumas horas depois do contacto, ou 4 a 7 grammas ao cabo de 5 a 6 dias, para que a contaminação se tornasse impossível.

Ainda ha mais: alguns estudantes se fizeram contaminar pela moléstia mediante

escarificações, e algumas doses de Stovarsol os preservaram invariavelmente do contagio, ao passo que nos macacos, submettidos ao mesmo tempo a inoculações semelhantes, o mal teve seu curso característico.

Folgo em honrar os nomes de Fournier, de Fournier e de Lcvaditi, que tiveram a excellente idéa do tratamento pela via buccal.

Está feita a prova, não é mais possível a duvida. Quem quizer doravante preservar-se da syphilis, conseguiu-o-á de um modo facilimo. A geração que desponta verá desaparecer da face do mundo dos deus males que mais desolam a humanidade.

Pariz, Janeiro.

Dr. Maurice de Fleury
da Academia de Medicina

"Estado de S. Paulo".

SUA ALTEZA A CIGARRA

La cigale ayant chanté tout l'été..." diz-nos o velho e bom La Fontaine naquella sua fabula mansa e terrivel, que interessa a um só tempo as cigarras ingênuas, e os homens imprevidentes. E' a lição desse Papa Noël dos bichos e das crianças, que me occorre agora, depois da leitura amarga dos últimos infortúnios de um poeta, num dos bairros de Paris.

As noticias que chegam da Europa descrevem a penosa situação em que se encontra Mr. Paul Fort, principe dos poetas de França, escolhido por unanimidade para deter o sceptro de uma realza ephemera e bella.

Não sei por que a fidalguia se tem tornando, nestes últimos tempos, uma fôrma de supplicio. Não vale o brasão que enobrece os homens o padecimento que os homens soffrem. Andam por ahí, á feição de vagabundos lyricos, rebentos das mais fulgurantes dynastias, transformados em caixeiros viajantes. E qualquer aventureira ou louca, exhausta de soffrer silenciosamente as intemperies, julga-se no direito de empunhar um sceptro falso e vir para a rua, para a grande avenida da publicidade, escancarar as janellas de sua

desventura, sob o disfarce de princeza russa.

Com a corôa de louros de um principado, muito bello sem duvida, mas sem duvida alguma pouco produtivo, o poeta das "Ballades françaises" não escapou ao tiiste destino dos monarchas sem reino. Lsse homem totalmente romântico, que eu conheci entre expressões de um grande acolhimento á porta de uma livraria, perto dos seus domínios, domínios que lhe ja não dão, todavia, o tributo generoso que os principes de sangue azul costumam usufruir, está pagando em difficuldades a culpa de não ter comprehendido sufficientemente a sua gloria.

Effectivamente, Mr. Paul Fort desco-nhece o segredo das victorias modernas. Collocando á frente ampla a grinalda com que o festejaram seus irmãos em Apollo, o rhapsodo francez contentou-se divinamente com o titulo que lhe era concedido e com o sceptro que pertencera a Leon Dierx e Verlaine.

Nada mais quiz, nada mais pediu. Envolto nessa clamyde principesca, sorrindo ás musas com um sorriso de amena felicidade, continuou a cantar com a velha



alegria dos seus antepassados bohemios, certo de que o pão do corpo é tão fácil como o pão do espirito e que aquelle que nos dá um nos dá egualmente outro, sem que para alcançá-lo tenhamos de despende esforço demasiado e vão.

Enganara-se o poeta. E a prova de seu engano temol-a agora na confidencia com que as informações de além mar distrahem a curiosidade de todos os que se interessam pelo assumpto europeu.

Nunca imaginaram esse, romântico, ao receber no templo de Montmartre, refugio das musas bohémias, o sceptro da immortalidade, que annos depois dessa consagração, de que também participaram Xavier Privás e Georges Porto Riche, soffreria dentro de sua grandeza nobiliarchica o vexame das privações, o veneno das renuncias, vendo-se quasi mendigo na cidade luxuosa dos grandes prazeres universaes. Coroado em 1912, elle nem sequer tratou de obter o aconchego académico, natural compensação que officialisa os méritos, e que, hoje, mais do que isso, transformado em gorgona generosa, é, por assim dizer, um monteio da intelligencia, uma caixa economica do talento. Escapando da Academia, atrahido pelo dispersivo lyrismo que o elevou á "Collina Sagrada". Paul Fort crystallizou no seu isolamento como uma figura á parte. Os da sua geração fizeram a invasão productiva da sociedade, e foram políticos, diplomatas, elegantes e mundanos. Elie preferiu conservar aquelle typo romântico que todos conhecemos, trajando roupas negras, com um grande chapéu de feltro desabado á testa, como se quizesse esconder os olhos cheios de melancolia á curiosidade profana.

Essa dôr que o afflige, e que o focalisa de uma fôrma nostalgica, faz com que eu medite, com que todos meditemos na obra que elle compoz, uma obra de lyrismo piedoso, apparentemente revolucionário, mas que guarda, no intimo, a doçura dos santos. EW effectivamente, o autor dos "Idyl

lios antigos" um desses personagens para quem o mundo estava apenas no minuto que lhe inspirava uma bailada. Dentro desse minuto é que elle sentia a vida, sem deter-se á analyse do que ella é, realmente, e do que é preciso fazer para comprehendê-la. Quasi esquecido no infortúnio que o persegue, o suave poeta de Reims merece agora que o retiremos, ao menos, desse obscurantismo em que a sua pobreza afogou o seu principado. Na onda dos reformadores, elle emerge elegantemente, e, na vertigem das reformas que têm agitado o jardim das musas universaes, assume um papel de consoladora evidencia. Um dos nossos jovens escriptores, o Sr. Peregrino Júnior, que preparou dignamente um logar para o poeta em um de seus livros, disse com felicidade que, vasando as suas emoções e os seus pensamentos em versos polymorphos ou em alexandrinos largos, o poeta das "Bailadas" estabeleceu os fundamentos de uma nova esthetica na poesia contemporânea. O seu maior desejo teria sido sempre a maior liberdade, a liberdade absoluta em arte, porque para elle "no jardim da poesia nenhum fruto é prohibido".

Esse é o variado e suggestivo interprete que soffre, nesta hora, os cardos de uma inexperiencia digna de sympathia. Cigarra desprevenida! Como poeta, elle poderia repetir, deante da vida, o verso de Musset: — "Muse, contemple ta victimel" Pobre, sem mais amigos que lhe ensinem a agitar com a elegancia dos dias felizes o sceptro de principe, que em suas mãos é um instrumento de impiedosa ironia, Paul Fort tem ainda, neste instante passageiro de sua gloria atormentada, o carinho da musa que o acompanha e a cuja solicitude se poderia applicar a ponta doirada do Decálogo de Gabriella Mistral: "Tua belleza se chamará também misericórdia e consolará o coração dos homens..."

Oivaldo Orica.

Do *Jornal do Brasil*.

A MODERNA LITERATURA BRASILEIRA

"*Brutos e Titans*" — Romance por Altamirando Requião.

O illustre escriptor brasileiro Altamirando Requião é uma entidade literaria

das mais ricamente dotadas, entr. as modernas gerações do seu grande e prospero paiz.

Simultaneamente jornalista de combate, polemista, cronista, poeta, dramatur-

go, orador, publicou, agora, o seu primeiro romance, *Brutos e Titans*, em que reconstituiu com grande esplendor de tintas e subtil observação, uma vasta e movimentada série de quadros da vida sertaneja do Brazil: — e, de todas estas múltiplas modalidades do seu nobre talento ressaltam, luminosamente, facetas brilhantes, pela variedade do saber, pela acuidade da visão critica ou filosofica, pela sensibilidade estética, pela originalidade, pela nitidez e beleza da fôrma.

A dispersão da vida mental de Altamirando Requião força-o a trabalhar vertiginosamente, na febre da improvisação, concedendo-lhe pouco tempo para a meditação lenta da bela obra que vai realizando e em que a sua personalidade se revela a toda a luz. Ainda assim, que paginas cheias de inspiração, espontaneas, rutilantes, oferece dia a dia, ás letras da sua nacionalidade, que já possui uma das mais belas poesias do mundo, depois da inglesa, e que conta individualidades, eminentes no romance, nas sciencias históricas e especulativas, na critica, na filologia, no theatrol

Como novelista, Altamirando Requião não é um lirico, mas um dramatico, de forte intensidade, por vezes.

Também neste artista, tam pessoal que não trai as mais vagas reminiscências dos volvidos tempos de iniciação, o colorista, o plástico, o pintor de admiraveis sceasografias exteriores é mais notável, de certo, do que o analista paciente das intimidades moraes e dos singulares estados psíquicos ou o dissecador das paixões humanas. Dispondo de um sentimento muito vivo das realidades envolventes, consegue reproduzi-las com todos os tons e valores t nos seus mínimos detalhes. Todavia, se os scenarios em que os seus tipos actuaem e se movem são dum esplendor raro, fazendo empalidecer a acção, de quando em quando — sobretudo em certas passagens em que a paisagem adquire o seu desenvolvimento pleno — Altamirando Requião põe de pé as suas figuras, dando-lhes sangue e nervos, transmitindo-lhes, com uma consciência, uma vida.

Em *Brutos e Titans*, livro que é uma victoriosa afirmação, apparecem duas personagens, totalmente opostas por sua índole, sua feição essencial, seu caracter — Pedro Romão, caboclo hercúleo e bru-

tal, sanguineo, rude, aggressivo, vivendo pela carne e não pelo espirito, que administra, como senhor absoluto e despotico, a "fazenda" em que a intriga do romance se desenrola, e Manoel, um rapaz atraente, chefe das vaquejadas. O que no primeiro é grosseria, violência, animalidade, é no segundo intelligencia, delicadeza, abnegação. A' sensualidade de Pedro Romão, que Altamirando Requião desenhou com traços vigorosos e incisivos, contrapõe-se o temperamento equilibrado e de saúde normal de Manoel. O catloco, em face da mulher, não sente erguer-se na alma uma aurora espiritual: — deseja-a, bestialmente, por tudo quanto nele ha de terrestre, de material, de impuro. Manoel, porém, amará essa mesma mulher candidamente, com uma ternura feita de reconhecimento, de gratidão, de alegria, de renuncias dignificadoras...

Através de todo o volume, num permanente contraste de sombra e de luz, passam constantemente estas duas personagens que se hostilizam e odeiam com rancor que não perdôa até ao instante em que uma delas — Pedro — cai, numa lucta formidável, que impressiona fundamentalmente, pela sua dramatização e pela intensidade do descriptivo.

E' no conflicto fulgurante entre estes dois homens que o romancista dos *Brutos e Titans* encontrou o thema de seu bello livro. Tanto um como outro querem Maria Rosa, rústica flôr, de graça angélica, filha única do fazendeiro: — Romão, por interesse, por calculo, porque, possuindo-a, possuirá, também, vastas propriedades, florestas, manadas de gado, ouro; Manoel, castamente, sem que no seu amor — que se occulta, que se esconde timidamente, por pudor de revelar-se — entre qualquer coisa de perverso, de utilidade, de desleal. O moço de "fazenda", humilde e sensível, contempla de longe Maria Rosa, sentindo-se feliz só com isso, porque, para elle, até o soffrimento que lhe viesse da mulher venerada tinha um encanto irresistível!

Altamirando Requião, traçando a tessitura da sua novela, não se demorou no estudo minucioso das scenas secundarias: — foi direito ao fim apressadamente, atitando pinceladas magnificas de côr para a direita e para a esquerda, num crescendo empolgante do drama que se advinha e

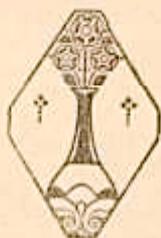
que constantemente nos mostra os dois adversarios frente a frente, de olhos fuzilantes, uivando de cólera, ameaçando-se. O brilhantíssimo escritor apenas amenizou a sombria sucessão dos episodios trágicos do seu romance com uma suave, uma doce aguarela de idílio, em que os coloridos resplandecem de luz, ao narrar a paixão amorosa de Luiz, um magistrado que Maria Rosa encontra no seu caminho, quando a crise em que se debatia já ia tornar-se mais aflitiva. Esta encantadora e rapida tela, tocada duma tam fina e humana emoção, é uma florida clareira de repouso na diversidade dos quadros violentos em que perpassam, com esplendor, e impetuosidade, as energias criadoras, as seivas ascendentes duma natureza virgem e de flanco inexaurível, a selvageria de almas rudimentares e tenebrosas de bandidos e a grandeza de espiritos excelsos que a fatalidade do meio

não deixou expandir livremente até a floração maravilhosa, porque os comprimiu sem tréguas!

Brutos e Titãs, em que se denuncia uma vivaz e fértil organização de romancista, é uma novela brasileira que não tem as menores influencias estranhas a desvalorisa-la. A sua acção decorre sempre em terras do Brasil: e são ainda brasileiras as personagens que interveem no conflito. O livro, que se destaca soberbamente, por uma realização em que se refletem altos dons artisticos, pela sua forma sempre harmônica, sóbria, transparência literaria de saliente relevo e dum regionalismo que o enriquece excepcionalmente, imprimindo-lhe uma nota bem intensa e carateristica.

João Grave

(Transcripto do *Jornal de Notícias*, do Porto, de 12 de Janeiro cadente).





DEBATES E PESQUIZAS

UMA GRANDE RIQUEZA A EXPLORAR

Recem-chegado do Maranhão, aonde o levára a curiosidade de medir *in-loco* as possibilidades industriaes, commerciaes e agricolas do côco-babassú, o engenheiro José Witzler bem que nos poderia fornecer uma interessante reportagem a esse respeito. Amável em extremo, s. s. realmente nos disse, em torno do assumpto, coisas que merecem, de facto, a mais ampla divulgação, por parte de nossa imprensa, e a maxima e patriótica atenção, por parte do governo do paiz.

— A exploração do *babassú* — começou o sr. Witzler — data de 1915, tendo atingido em 1920, conforme consta das estatísticas officiaes, a cifra de 3.500.000\$, que em 1922 augmentou sensivelmente. A piocura desse côco é superior á quantidade que os produtores podem offerecer. Primeiramente, a amêndoa *babassú* era empregada tão só no fabrico do sabão. Mas depois, ficando provado prestar-se o seu oleo ao fabrico da manteiga e do azeite (elle substitue perfeitamente a manteiga natural e o azeite de oliveira), os industriaes de Europa tomaram-se de grande interesse pelo seu cultivo.

Até hoje não foi possível uma grande exploração desse côco simplesmente porque os habitantes do Maranhão, Estado onde elle nasce de preferencia, não conheciam o >ethodo pratico de quebral-o, ainda usando

o antigo systema, moroso e sem resultado, que é de, para fazel-o, utilizar-se do machado. O máximo que um trabalhador pôde produzir, dessa maneira, são cinco kilos de amêndoas, por dia. E é por isso que as cifras da exportação do *babassú* não estão, absolutamente, em relação com as possibilidades, esplendidas que elle nos offerce.

Basta que lhe diga o seguinte: uma palmeira produz duas vezes por anno, e, de cada vez, tres a quatro cachos, com 250 a 300 cocos cada um. Um cacho pesa, mais ou menos, 150 a 200 kilos, que dá, para cada arvore, uma média de 1.000 kilos por anno. Representando a amêndoa a oitava parte do peso total do côco, conclue-se que uma palmeira produz, annualmente, 100 kilos de amêndoas, mais ou menos. Nas mattas virgens que se estendem ás margens dos rios, para os lados da cidade de São Luiz, pôde-se dizer que, cm uma légua quadrada, se erguem 72.000 palmeiras, produzindo annualmente 7.200.000 kilos de amêndoas. As mattas de *babassú* que eu adquiri medem 20 léguas, podendo, portanto, fornecer 144.000.000 de kilos de amêndoas por anno. Tenho ou não tenho, pois, motivos bastantes de estar plenamente satisfeito com a empresa a que resolvi dedicar todos os meus esforços e energias, e a qual, espero, resultará victoriosa, para o pro-



prio bem do paiz, cujos lucros, é claro, serão maiores do que eu possa desejar? Trata-se, meu amigo, de desenvolver uma industria que, no futuro*, será o mais poderoso factor da riqueza nacional. O *babassu'* daqui a annos, não se illuda, será para nós o que é hoje o café. A quantidade de oleo nelle existente é muito grande, ultrapassando mesmo a do côco chamado da Bahia. Prova-o a analyse. Quer ter a certeza? Pois, então, escute. Ella é a seguinte:

Analyse da amêndoa — Humidade, 4.21; oleo, 66.12; albuminóides, 7.18; carbonidra-
tos digestiveis, 14.47; fibra lenhosa, 5.99; matéria mineral, 2.03.

Analyse do oleo — Ponto de ebulição, fusão incipiente, 72 % F.; fusão Completa, 79 % F.; ponto de solidificação, 72.8 F.; valor de saponificação, 247.7; valor Ester, 242.9; valor iodino, 16.83; acido gorduroso livre, 1.98%; index refractivo (escala Zeiss a 40 c.) 36.9; valor Kierschner, 1.3.

Como, com os machinismos empregados na fabricação do oleo de *babassu'*, mais ou menos 2 % do oleo ficam no residuo da amêndoa, pode-se contar com 60 % de oleo, na exploração total, o que, numa quantidade de 144.000.000 de kilos de amêndoas, dará 86.400.000 kilos de oleo. O preço para a amêndoa, nas *estações actuaes do mercado*, é de 60 réis por kilo o que, segundo os mencionados algarismos, nos dará 86.400.000\$. O oleo, calculado em 1\$500 por kilo, dará réis... 129.600.000\$. Como se verifica desses algarismos, a exploração de tal industria representa uma nova fonte de riqueza, tendo-se ainda em conta que as despesas com ella são diminutas, pois o *babassu'* não requer nem plantação, nem conservação, não tendo mesmo épocas determinadas para a colheita.

Experiências interessantes feitas com a casca do *babassu'* demonstraram que, transformando-a em coke, o mesmo desenvolve tal quantidade de calor que se torna apto a ser empregado na fabricação do aço. Conto no Estado do Maranhão ha também grandes jazidas de manganez, o coke obtido do *babassu'* teria applicação immediata. O preço da venda dos residuos e cascas do

babassu', como combustível, seria equivalente ao da lenha, isto é, de 7\$000 por tonelada. Este preço cobre mais ou menos as despesas da apanha e entrega do côco e é esta mais uma das vantagens do processo de entregar o côco para quebral-o nas fabricas.

Para entregar o côco, seriam estabelecidas estações e nomeados agentes em diversos logares, á margem dos rios navegáveis, onde já existem proprietários de grande numero de embarcações. Isto consta de declaração da Capitania do Porto, que diz chegarem diariamente a S. Luiz, vindas dos arredores, mais de 70 embarcações. Com um maior desenvolvimento da industria, poder-se-ia contar com 300 embarcações por dia. Para principiar a exploração, seria bastante entrar em um accordo com os proprietários das embarcações, para o serviço de entrega de côco. As embarcações comportam geralmente 30 a 40 toneladas. Tendo-se 50 barcas por dia, com uma media de 30 toneladas cada uma os proprietários das mesmas poderiam entregar diariamente 1.500 toneladas de côco. A amêndoa representando 8 % do peso total de côco, segue-se que se poderia ter uma entrega diaria de 360 toneladas de amêndoa de *babassu'*, que, ao preço de 600 réis por kilo, dariam 216:000\$000, além de lucro que se teria com a venda do residuo como combustível, — 1.140 toneladas a 7\$000, 8:000\$000.

Alem da applicação vantajosa das cascas e do residuo da amêndoa, como combustível, ainda se obtém um outro producto, que é igualmente de grande applicação industrial. É a farinha que se obtém na quebra da amêndoa. Esta farinha é um optimo producto de alimentação, que, depois de convenientemente trabalhado, constitue, por sua grande quantidade de albuminóides, um alimento mais nutritivo do que a maizena feita do milho.

Para levar avante os meus projectos, nesse sentido, aqui me acho, afim de organizar uma companhia.

Creio que serei bem succedido, porquanto se trata de uma obra que, se é lucrativa, também é patriótica — terminou o sr. Witzler.

("Correio da Manhã" — Rio).

O FUTURO DA BORRACHA NO BRASIL

Em uma conferencia que tivemos occasião de fazer em Washington, a convite da Pan Americana Union, perante a Universidade de Georgetown, na qual, de passagem, alludimos ao futuro da borracha no valle do Amazonas, tivemos occasião de citar o Sr. Harvey A. Firestone, presidente da Firestone Rubber, Tire Company, muito interessado no cultivo, em grande escala, da borracha, com capitaes americanos.

Assim, pois, as considerações abaixo merecem ser lidas pelos habitantes, não só dos Estados do Pará e do Amazonas, como de outros, onde a nossa *hevea* poderá ser cultivada com igual êxito. Assim se exprime o Sr. Sidney Story, um dos americanos mais esforçados em favor da expansão das relações commerciaes entre o Brasil e os Estados Unidos:

"Na edição de novembro do "Export Shipper and Commerce", publicada pela American Association of Chicago, apparece um artigo escripto pelo Sr. Victor Pezet, do Perú, aliás de grande importância, não só ás industrias de borracha nos Estados Unidos, como a todo o americano individualmente interessado no assumpto.

Este grande americano chama a attenção do povo dos Estados Unidos para as grandes possibilidades que o Brasil, o Peru' e outros paizes latinos, offerecem para o desenvolvimento e cultivo da borracha de que temos a maior necessidade, sempre em augmento.

As fabricas de Tio Sam exigem, presentemente, 500.000 toneladas de borracha crua, sendo de esperar que, daqui a 10 ou 15 annos, a procura seja de um bilhão de toneladas.

Harvey A. Firestone, presidente de Firestone Rubber, Tire Company, de Akron, Ohio, escreveu um pamphleto dizendo que o Estados Unidos está pagando aos productores britannicos da india, na opinião do senador Meddil Mc Cormick, um imposto que, no decurso de uma década, chegará a cinco bilhões de dollars. Que por investigações feitas verifica-se, na opinião do Sr. Firestone, que o Estados Unidos está presentemente consumindo 75 % da producção mundial.

Não contente com o monopolio de vender-nos annualmente 400.000 toneladas de borracha crua, desde a guerra, o governo britannico adicionou uma taxa de exportação que o consumidor americano de borracha terá de pagar, crua ou manufacturada.

Grandes negociantes são estes inglezes, cuja sagacidade no commercio é só excedida pelos seus esportos politicos. Se a Inglaterra não pôde plantar a bandeira no nosso solo, nem por isso deixa de afincar a sua espôra economica no nosso pescoco. Assim, pois, não admira que os inglezes no Oriente estejam a perceber dividendos na collocação de seus capitaes de 250 a 375 %. E' triste realmente que os Estados Unidos estejam a pagar lucros colossaes do lombo do seu proprio povo.

O Sr. Victor Pezet, antigo cônsul do Perú neste paiz, mostra do modo mais claro, mais convincente, de que modo Tio Sam poderia emancipar-se dessa escravidão humilhante, desenvolvendo o cultivo da borracha em paizes como o Brasil, Perú e outros paizes limitrophes.

Desenvolvendo o cultivo da borracha nesses paizes, não só tiraremos bons dividendos que se irão augmentando, como iriamos contribuir para que os paizes latinos nos comprassem mais dos nossos productos manufacturados, commercio este que de direito nos pertence, pelas proximidades em que nos achamos, não fallando do gráo de estima e amisade que nos unem a esses paizes. Isso seria, não ha duvida, um passo mais acertado que o de comprar á Inglaterra, nosso competidor commercial.

Imagine-se o infinito numero de artigos manufacturados no qual entra a borracha. Todas as vezes que estamos usando um lápis de borracha, uma roda para automoveis, saccos com o mesmo producto, e uma infinidade de artigos, estamos, indirectamente, pagando um tributo á Inglaterra, que monopolizou a borracha.

No sempre memorável 4 de julho fazemos gritar a nossa guia, entregando-nos em orações pyrotechnicas, emquanto que o inglez, á surdina, se diverte á nossa custa, aproveitando-se da nossa sinceri-



dade, e — por que não dizer? — da nossa ingenuidade.

E' chegado o momento dos nossos *leaders* na politica, eleitores, industriaes, negociantes, banqueiros, arregaçarem as mantas, aprendendo as verdadeiras lições do estadista e do homem de negocios. Conquererem-se de que o governo e o commercio devem formar um só corpo, ambos puxando na mesma canga. Por esta razão ás nações da Europa fazem trabalho constructivo, suas respectivas bandeiras cobrindo os sete mares do mundo. Seus concidadãos são respeitados em toda a parte, porque a sua politica exterior é uma só — fixa e invariavel.

Se todo o tributo que a cegueira americana está pagando á Inglaterra fosse computado, formaria este um montão de cifras. Por enquanto não sentimos os effeitos dessas sangrias annuaes, porque a nação é nova e dá grandes recursos, mas, em poucas décadas, os effeitos e desvantagens desse monopolio no nosso commercio, finanças e transporte marítimo, se farão sentir extremamente. Nesa occasião a nossa reabilitação commercial será muito mais difficil. Em lugar de estarmos a legislar a regularização do nascimento de crianças e outras leis asnaticas, sendo uma delias a *prohibição*, já não era sem tempo, lançarmos nossas vistas para outros povos que julgamos estarem levando uma vida inglória, vagarosa, quando é sabido que elles, systematicamente, estão, todos es dias arrancando a nossa cauda economica."

Para quem ler com attenção o arrazoado do Sr. Sidney Story aliás um convencido amigo do Brasil, verá logo que a lição pôde muito nos aproveitar. Pois não persiste o grande Estado de São Paulo em cobrar réis 7\$500, mais ou menos, por cada sacca de seu principal producto — o café — que, por isso mesmo, deveria ser o menos sobrecarregado, o menos castigado? Mas como tudo é relativo (sejam mais benignos para com a terra de nosso nascimento), o que havemos de dizer desse grande Estado da nossa Fede-

ração — a Bahia — que deveria dar lições a todo o Brasil, cuja administração cobra, actualmente, vinte e cinco por cento sobre o valor official de seu principal producto — o cacão — por este facto exportando menos do que uma ilhota na bocca do rio Orenoco — a Trindade?

Já um governador da Bahia dizia, com a maior *sans facon*, na sua mensagem ao Congresso, que esse corpo dcliberante deveria ter muito em consideração o "Erário", não diminuindo os impostos de exportação, quando esse mesmo governador deveria já saber, que quanto menor fosse o desfogo do contribuinte, tanto mais solido, tanto mais resistente se tornaria a posição do mesmo erário, do qual, é de se concluir, parecia ser a sua única preocupação...

Os factos ahí estão claramente desenhados. Se o Brasil não chegar ao apogeu da sua grandeza, a que tem justo direito neste continente, não será por culpa da Inglaterra, que, habilmente, lhe arrancou o monopolio da borracha, nem dos Estados Unidos, prompto a entrar de sociedade conosco na partilha para o desenvolvimento do producto mais procurado hoje e amanhã, no mundo inteiro.

Ao terminar estas considerações, vamos revelar ao leitor um incidente a que assistimos em Tatuhy, São Paulo, entre um advogado e um cliente. Aquelle deu todos os passos para o encaminhamento de sua causa, a que este ouviu com a maior attenção, promettendo cumprir á risca o conselho do advogado. Mais tarde, appareceu o caipira queixando-se que as coisas não haviam corrido a seu sabor, Pftorquiu-lhe promptamente o advogado, procurando saber se o seu conselho havia sido observado. "Nhôr não", foi a resposta. "Pois agora, respondeu-lhe calmamente o advogado, ha só um meio, é você enforçar-se. E não me appareça mais neste escriptorio."

Nova York, 18 de janeiro de 1914.

José Custodio Alves de Lima.

D''O Paiz".

A PROPAGANDA DOS "TOURISTES"

Observa-se, nesses últimos tempos, em vários grandes paizes da Europa, particularmente na Italia e, também, na Fran-

ça, uma propaganda intensa do "tourisme" como elemento efficientissimo na aproximação dos paizes pelo conhecimento mais



amplo e mais íntimo das suas possibilidades e da índole do seu povo. Do contacto, rápido embora, dos estrangeiros que buscam, por mero prazer ou movidos por curiosidade forte e insaciável, conhecer todos os recantos encantadores da terra, tirar-se-iam, de facto, resultados práticos consideráveis, se houvesse da parte dos governos uma acção combinada, para facilitar o transitio aos "tourists". São elles que levam a toda a parte, com o seu depoimento sincero, espontâneo, gratuito, e, por isso mesmo salvo um ou outro erro de visão perfeitamente comprehensivel, justo, a narração colorida do que viram nos paizes por que passaram, e não apenas isto, mas o que observaram, as energias que, num relance, descobriram na physionomia de seu povo, as riquezas que transpareciam na exuberancia do seu sólo, o futuro que o aguarda por tudo isto e pela capacidade de trabalho dos seus filhos, fácil de avaliar pela maior ou menor agitação dos grandes centros commerciaes. Ora, nenhuma parte do mundo offerce, nesta hora de inquietações profundas para a Europa, tantos e tão variados attractivos e seduccões aos olhos fatigados do estrangeiro em procura de scenarios tranquillos e de sensações de belleza desconhecidas, do que a America. Deste lado do continente, onde se ergue, esplendente, uma civilização que encontra na riqueza inexplorada do sólo solidos sustentáculos, e caminha, impulsionada pela mentalidade sã e moça de homens formados no trabalho, para bellos ideaes, apresenta-se-lhes, fô deslumbramento de uma natureza de quadros imprevisitos, um espectáculo único.

Se pretendermos chegar ao falso syllogismo de José Bonifacio, permita-se, entretanto, á nossa vaidade destacarmos, por exigência, também, da finalidade deste artigo, do continente americano, o Brasil. Para dizer das suas attracções, deixamos a palavra aos excursionistas inglezes, uma

centena delles, que aqui chegaram, ha pouco, vindos de Liverpool, no vapor "Oropesa", da Mala Real Inglesa Interrogados pelos directores dessa grande empresa, foram unanimes em manifestarem o seu enthusiasmo pelo nosso paiz, proclamando o Rio de Janeiro um dos recantos mais maravilhosos da terra Dir-se-á, talvez, devido á prevenção injusta com que costumamos ouvir esses conceitos lisonjeiros, que a delicadeza dos visitantes exige sempre as mesmas phrases... Não cabe aqui, entretanto, a desconfiança irônica. Os nossos hospedes de agora proferiram tal julgamento particularmente, a compatricios seus, acrescentando que partiam com o dever de repetir em sua patria e fóra delia a impressão magnifica que tiveram da nossa terra e da nossa gente.

Sahiram, pois ha dias, desta capital, cem propagandistas anonymos e efficacissimos do Brasil. Apesar disso, até hoje, não dêmos um passo, sequer, para acolher obsequiosamente os "touristes" que aqui aportam. Ao contrario, os governos tratam-os como viajantes isolados, e, mesmo, como immigrants... E' doloroso. A Saúde do Porto, a Policia Marítima, a Alfandega crêam-lhes embaraços torturantes, difficuldades innominaveis, exigencias acabrunhadoras, chegando ao ponto de impedir-os de desembarcar com pequenas machinas photographicas e binocolos a tiracollo... Uma examina, com sua débil sciencia, pulso por pulso, enquanto as outras vasculham as bolsas e as malas.

Apesar disso, os "touristes" inglezes, que dispunham de pouco tempo para visitar-nos, sahiram daqui dizendo bem do Brasil e do seu povo, mesmo da sua burocracia... Não ha, em verdade, como a serenidade, a flegma indefectivel dos inglezes, para julgar os homens e as coisas.

("Rio Jornal" — Rio).



CURIOSIDADES

O NEGOCIO DO COLLAR

Sob os titulos acima, Funck-Bren-tano, o eminente historiador publicou lio "Excelsior", de domingo, 3 de junho de 1923, a seguinte narrativa da famosa "scroquerie" da condessa de la Motte, sob o reinado de Luiz XVI:

"Por uma clara manhã de abril do anno de 1763, sob uma atmosfera fresca, banhada de uma luz argentea, a marquezia de Boulainvilliers subia, na sua carruagem, a encosta de Passy, quando do vehiculo se aproximou uma mendigasinha, que carregava às costas, presa por uma mantilha esfarrapada, um menino dos seus dois ou tres annos. Ella estava, lamentavelmente vestida e repetia, estendendo a mão aos que passavam:

— Uma esmolinha por amor de Deus para duas pobres orphãsinhas do sangue dos Valois!

Essa mendigasinha que se chamava, realmente, Joanna de Valois, descendia com effeito, em linha recta masculina, de Henrique II, rei de França, do ramo dos Valois, ascendente do ramo Bourbon que, na pessoa de Luiz XV, reinava, então, em França.

A marquezia de Boulainvilliers fez educar a Joanna de Valois, com a sua jovem irmã, na abbadia de Long-champs, onde só se recebiam moças de nobres famílias.

Vários annos se passaram até que, numa certa noite, as duas creaturinhas pularam o muro do claustro e fugiram para o seu paiz, Bar-sur-Aube, onde as recolheu mme. de Sumont, mulher do preboste de la Chatellur. Em Bar-sur-Aube, Joanna de Valois fez relações com um jovem gentilhomem, official de gendarmes, o conde Nicoláo de la Motte, com quem se casou. Descontentes com a vida mediocre que levavam em Luneville, sécd da guarnição, elles resolveram ir tentar a fortuna em Paris.

Mme. de la Motte era uma creatura fina e delicada, de uma graça encantadora. Cabellos castanhos ondulavamlhe a frente. Os olhos eram azues, cheios de expressão, muito vivos, sob sobrancelhas negras, bem arqueadas. O seu sorriso penetrava o coração, dizia o conde Beugnot, que, aliás, falava por experiencia própria...

"A natureza, escreveu um roman-cista contemporâneo que foi seu conhecido, Bettee d'Eticville, a natureza prodigalizou-lhe o dom perigoso de persuadir."

Por intermedio da marquezia de Boulainvilliers, Mme. de la Motte travou relações com o príncipe Luiz de Kohan, cardeal-arcebispo de Strasbourg e grande esmoler de França.



.Este, por conta da caixa da esmolaria, fornecia-lhe, de tempos em tempos, alguns recursos, porquanto a de Ja Motte, que se havia demittido do seu cargo, faltavam os meios de subsistência.

O cardeal de Kohan, por motivos que seria fastidioso enumerar aqui, incorrera no desagrado de Maria Antonietta. Por outro lado, elle era muito ambicioso e sonhava galgar as mais altas posições do Estado. A desconfiança da rainha era-lhe um obstáculo.

Esperta, intelligente, Mme. de la Motte não tardou a aproveitar-se, de uma parte, do caracter invrosivelmente crédulo do cardeal, de outra, do desespero que lhe causaram a attitude da rainha a seu respeito e o ardente desejo que o possuia de reconquistar-lhe as boas graças.

Por essa mesma época, os joalheiros da corúa Boechmier e Bassenge tinham fabricado — reunindo as pedras mais bellas de toda a Europa — um collar de diamantes, de um valor inestimável. Elles insistiram junto a Maria Antonietta para que ella pedisse ao rei que o comprasse. Era na época em que se trabalhava na reconstrucção da marinha franceza. A resposta de Maria Antonietta ficou celebre:

— "Nós temos mais necessidade de um navio de que uma jóia."

Entretanto Boechmer, que não conseguia desfazer-se desse adorno, no qual immobilizara um capital importante, queixava-se disso, e amargamente, a todo mundo.

Esses lamentos chegaram aos ouvidos de Francisco Achet, procurador geral das requisições, sogro do sr. Laporte, advogado que frequentava á casa de mme. de la Motte. Esta, para dar-se ares de importancia, não se cansava de fazer garbo das suas pretensas relações com a rainha, "sua prima". Laporte falou-lhe do collar. Após alguns momentos de reflexão, Joanna de Valois, isto é, a condessa de la Motte, concebeu o mais audacioso dos projectos.

Em julho de 1871, o conde de la Motte, conhecera, nos jardins do Pa-

lais Boyal, uma linda creatura, que se distraia a brincar com uma creança. Ella tinha vinte e tres annos, era orphã de pae e mãe exercia o officio de costureiro.

Chamava-se Nicole Leguay. O conde de la Motte, introduziu-a nos salões de sua mulher, que a fez adoptar o nome de "baroneza d'Oliva.

A semelhança entre a baroneza d'Oliva e Maria Antonietta, semelhança que encheu de espanto todos os contemporâneos, fez conceber o mme. de la Motte o projecto ao qual acabamos de fazer illusão:

Persuadir o cardeal de Itolian de que a rainha desejava adquirir o collar de diamantes, mas que por medo do rei que lhe censurava a inclinação para o luxo, desejava também que a acquisição fosse feita secretamente até o dia em que ella pudesse obter as economias necessarias para pagal-o.

— A rainha, dizia mme. de la Motte ao cardeal, pensou em vós para intermediário secreto; servireis de garantia junto ao joalheiro, recebendo em seguida, em prestações, o total da divida.

Uma noite, mme. de la Motte pediu bruscamente á baroneza d'Oliva que a acompanhasse a Versailles e, uma vez ali, fizesse tudo o que lhe dissesse. Em recompensa, receberia 15.000 libras, que era, para a época, uma somma bastante elevada. O que ella lhe pedia era, aliás, pouca coisa: entregar de noite, numa das aléas do parque de Versailles, um bilhete a um fidalgo que deante delia se inclinaria, beijando-lhe a mão.

A 11 de agosto de 1874, a condessa de la Motte, seu marido um tal Retaux de Villette, secretario particular da condessa, e Rosalia, sua camareira dirigiam-se a Versailles, em companhia da joven baroneza d'Oliva. Em Versailles, no Hotel Lambese, Oliva foi vestida e penteada pela própria mme. de la Motte, que, para o fazer, se inspirou no retrato de Maria Antonietta, pintado, por mme. Vigée Lebrun, o qual acabara de fazer sensacção no "Salon" de 1783. Antes de sair, mme. de la Motte lançou sobre as es-



paduas da sua amiga um manto branco, de lã fina, e cobriu-lhe a cabeça com um véo também branco, de gaze de Italia.

No grande parque deserto reina o silencio da noite. Ouve-se somente ao longe, na sombra o ruido da agua que cãe nos tanques. O céu está sombrio, sem lua nem cstrellas. O grupo encaminhava-se para o bosque de Venus. Nillite tem inído c se apoia fortemente ao braço do conde Da Ja Motte. Subitamente, como uma sombra, chega um homem a quem o conde diz:

— Ah! é você...

E o homem desaparece. (Era Itc-taux de Villette).

Um minuto, e outros três homens apparecem. Um delles avança, alto, magro, apertado no seu redingote meio occulto sob um manto, o chapéo puxado para a frente. O conde e a condessa afastam-se. Mme. d'Oliva fica sosinha. Ella treme. O homem do manto inclina-se profundamente e beija-lhe a fimbria do vestido. Nicola murmura meia dúzia de palavras inintelligiveis. O cardeal julga ouvir:

"— Podeis ficar certo de que esquecerei o passado". Elle se inclina novamente, pronunciando palavras de reconhecimento e de respeito que mille. d'Oliva não escuta.

Bruscamente, surge um individuo, que exclama:

— Depressa! Depressa! Eis aqui Madame e a condessa d'Artoisl (Era ainda Betaux de Villette...)

Mlle. d'Oliva é conduzida pelo conde de la Motte emquanto o cardeal se retira, acompanhado da condessa. Esta havia convencido o cardeal de que a rainha lhe concedera essa entrevista no silencio e llo segredo da noite, para demonstrar-lhe os seus sentimentos de amizade e de gratidão pelo serviço que elle lhe prestara.

Tal foi a famosa scena do Bosque. Ella tornou-se celebre. Ella é o "pivot." de toda a historia.

Imagina-se facilmente o resto. ~ O cardeal faz a aquisição do Collar para a rainha, cuja assignatura mine. de la Motte encarrega Betaux de Villette de falsificar.

O collar é entregue a Villette, disfarçado em official da casa da rainha. Mme. de la Motte manda desmontar a joia, que faz vender em fragmentos, em Paris, em Londres e em Amsterdam.

A sua vida passa a ser, então a mais louca e faustosa.

Chega, porém a data fixada para o primeiro pagamento, de 100.000 libras: 1.º de agosto de 1875. Os joalheiros não são pagos. Os cardeal é detido a 15. festa tia Assumpção, em hábitos pontificaes, llo momento em que se preparava para celebrar a missa lla capella do Castello de Versailles. Mme. de la Motte, por sua vez, é detida em Bar-gur-Aube e internada na Bastilha, onde se lhe vão reunir seus cúmplices, excepto o conde de la Motte, que consegue refugiar-se lla Inglaterra.

O processo teve uma repercussão formidável. A multidão não podia acreditar na innocencia da rainha, que, entretanto, fôra completamente extranha ao caso. O cardeal foi absolvido e mme. de la Motte condemnada, unanimemente, a ser ferreteada e internada, para o resto da vida lla Salpêtrière de onde comtudo, se evade, fugindo para a Inglaterra. l'a Inglaterra, a "seroe" move contra Maria Antonietto uma terrivel campanha de pamphletos, que foram os primeiros rugidos revolucionários. . .

Mirabeau dirá mais tarde:

"O processo do collar foi o preludio da Revolução".

E Napoleão, meditando, em Santa Helena, sobre esses trágicos acontecimento, tirá, por sua vez:

"A morte da rainha data desse dia".

("Correio tia Manhã", Rio).

A PRINCEZA DE MONACO QUER MORALIZAR MONTE CARLO

A princeza Carlota, de Monaco, linda e interessante, passeava uma

manhã, ha pouco tempo, nos jardins do seu diminuto dominio. Seu pae,



o soberano do pequeno principado, essa pequena parcella de terra que jámais poderia sustentar-se como Estado livre, se não fôra o ouro do grande Casino, com cujo producto o príncipe e sua família mantêm o boato de multimillionarios.

Nada mais afastado da mente juvenil da príncesa, que o jogo, a ruína e o suicidio, quando naquella formosa manhã de verão passeava pela margem do azulado Mediterrâneo. A príncesa, além de ser feliz com seu esposo, não carece de coisa alguma. Seu passeio era, pois, o de uma pessoa livre de preocupações, que gosava a fresca brisa e o maravilhoso panorama.

Ao chegar a areiosa avenida que conduz ao Casino — o antro da perdição — seus olhos tropeçaram com um espectáculo. Estendida sobre um canteiro de relva, acliava-se uma mulher, trajando uma rica "toilette" de gala. Intrigada a príncesa aproximou-se. A mulher sustinha numa das mãos um pequeno frasco, cujo conteúdo havia, sem duvida, ingerido. Alarmada, a príncesa inclinouse sobre a mulher e verificou, com horror, que se tratava de uma de suas amigas, a joven condessa de Licaulieu, que se encontrava em Monte Carlo, gosando a sua lua de mel. A condessa havia contraído enlace algumas semanas antes, com um dos roais distinctos nobres da Inglaterra.

Iniciados as averiguações do caso, a príncesa Carlota soube que sua amiga, na ausência de seu esposo, havia sido chamada urgentemente á Paris e fôra presa de horrível tentação do jogo, e, uma vez envolvida no pélagio, perdera enormes sommas, o

que reduzia o novo casal á negra pobreza.

Em seu poder, foi encontrada uma carta de seu esposo, em que este lhe annunciava o seu regresso naquell dia.

Sem duvida, a pobre moça, horrorizada com a Idéa de apresentar-se ante elle e confessar-lhe a verdade, suicidára-se.

••ol um golpe doloroso para a príncesa Carlota, que a conduziu a interessar-se pelas coisas que occorrem em Monte Carlo. E foram tantas e de um caracter tão terrível as coisas que soube — coisas de que jámais a sua alma de moça teria suspeitado — que immediatamente se pôz em campo para combater o furor do vicio do grande balneário, emprehendendo uma l'orte cruzada para moralizar os dominios de seu pae. »

O príncipe escutou as pretensões de sua filha e exclamou:

— Minha filhai... é de tudo isso que nós vivemos!...

— Prefiro morrer de fome a comer com o producto do crime e da maldade — respondeu a príncesa.

Ao que o pae contestou:

—Além disso, os concessionários do jogo tem uni contracto que os autoriza a explorar o Casino até 1917.

Todavia, o soberano concordou em que se podiam e deviam fazer algumas modificações.

Era Impossível fechar os salões do jogo, mas a príncesa com os seus protestos, conseguiu que se fizessem grandes reformas nos costumes, e declarou que não descansará enquanto não fôr abolido por completo o jogo em Monte Carlo'.

DE QUE MORREU O "ALEIJADINHO"

Estão em moda agora os diagnósticos retrospectivos.

•Julio Dantas, em clínicas magníficas, tem diagnosticado as moléstias 'lue levaram ao tumulo os rris de Portugal, alguns fallecidos ha séculos. Nessas paginas brilhantes a gente não sabe qual mais admirar: se o scien-

tista arguto, se o literato encantador que lios prende a attenção do começo ao fim das suas maravilhosas clínicas.

No Brasil, esse genero literário não tem tentado os muitos médicos que occupam cadeiras na Academia de Letras. E, no entanto, nada ha mais in-

interessante do que, pelos dados que chegaram até nós da agonia e morte dos grandes homens, descrever a marcha da moléstia que os aniquilou e que foi, 110 tempo, desconhecida pelos cirurgiões.

Se, entre a avalanche de médicos literatos que temos, algum quizesse explorar esse interessante gênero de literatura, o caso pathológico do "Aleijadinho", o maior e mais antigo escultor mineiro, se imporia logo pela brutalidade da moléstia que o deformou e pela perfeição dos dados que temos a respeito da evolução do seu mal.

Antonio Francisco de Lisboa, o "Aleijadinho", nasceu perfeito e descendia de troncos robustos.

Até aos quarenta e sete annos gozou de saúde invejável.

Um dos seus melhores biographos, Rodrigo José Bretas, diz o seguinte:

"Até á idade de 47 annos elle ("Aleijadinho") passou a vida no exercicio da sua arte cuidando sempre em ter boa mesa e no gozo de perfeita saúde; e tanto que era visto muitas vezes tomando parte nas danças vulgares".

Exactamente nessa idade, o "Aleijadinho" foi atingido pela moléstia que o deformou, tornando-o hediondo.

O seu historiador esclarece como, no tempo (1777), foi explicado o mal:

"De 1777 em diante, as moléstias provindas talvez em grande parte de excessos venreos começaram a atacar-o fortemente. Pretendem alguns que elle tenha soffrido o mal epidemico que sob o nome de — Zamparina — pouco antes havia grassado nesta provincia (Minas Geraes) e cujos resíduos, quando o doente não succunbia, eram quasi infalliveis de formidades e paralsias; e outros que elle se havia complicado o humor gallico com o escorbuto".

Nos documentos que nos restam dessa época, não ha a menor referencia da estranha moléstia — Zamparina — que grassou, como epidemia, na provincia de Minas, pouco antes de 1777.

Depois da terrivel doenca, o "Aleijadinho" tornou-se um verdadeiro monstro. O perfil do artista foi assim descripto por um contemporâneo seu:

"Antonio Francisco Lisboa perdeu todos os dedos dos pés, do que resultou não poder andar senão de joelhos; os das mãos atrophiaram-se e curvaram, e mesmo chegaram a cair, restando-lhe somente, e mesmo assim quasi sem movimento, os pollegares e os indices. As grandes dôres que de continuo soffria nos dedos e a acrimonia do seu humor choleric o levaram, por vezes, ao excesso de cortal-os, elle proprio, scrvindo-se do formão com que trabalhava!

As palpebras inflammaram-se e, permanecendo nesse estado, offerciam-lhe a vista a sua parte inferior; perdeu quasi todos os dentes e a boca entortou-se, como succede frequentemente ao estuporado; o queixo e os lábios inferiores abateram-se um pouco; assim, o olhar do infeliz adquiriu certa expressão sinistra e de ferocidade que chegava mesmo a assustar a quem quer que o encarasse inopinadamente". (Bev. Do Archivo Pco. Mineiroi.

Como se vê, não pode ser mais impressionante e minuciosa a descripção dos estragos produzidos pela terrivel moléstia. Mas que doenca seria essa?

No seu tempo ninguém soube diagnosticar-a.

Zamparina, syphilis, escorbuto, morphéa, ninguém conheceu, naquella época remota, o terrivel mal. Até as feiteiras davam a sua opinião.

Bodrigo Ferreira Bretas diz, na esplendida biographia que fez do Infeliz artista:

"Quando, em Antonio Francisco, se manifestaram os efeitos da terrivel enfermidade, consta que certa mulher de nome Helena, moradora na rua Areião, desta cidade (Ouro Preto), dissera que elle havia tomado grande dose de Cardina (assim denominou a substancia a que se referia) com o fim de aperfeiçoar os seus conhecimentos artisticos, e que dahi lhe havia provindo tão grande mal".

Não se poderia com taes elementos fazer um diagnostico dessa enfermidade tão desconhecida naquelle tempo?

Ha um ponto essencial, que preciso pôr em relevo para maior firmeza nessa pesquisa: o "Aleijadinho" morreu com 28 annos: — quer



isso dizer que 38 annos soffreu o formidável mal!

Durante o longo periodo da sua moléstia, trabalhou incessantemente em serviços ásperos, esculpindo em pedra de cantaria, só descansando, por entrevado e cego, nos últimos annos da sua vida.

Não serão sufficientes esses dados para a revelação da inexorável moléstia ijue passou desconhecida em 1777?

Alli fica a descripção da horrenda enfermidade, até que um medico arguto se resolve a fazer o diagnostico retrospectivo que, se de nada mais serve para o infeliz artista, nem por isso deixará de ser interessante o quinhão dos escidapios modernos nos antigos cirurgiões de Villa Hica.

Djalma Andrade

("Correio da Manhã", Rio).

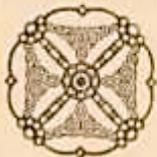
AS CONSTRUCÇÕES EM S. PAULO

A cidade de S. Paulo constituo um desses milagres de rapidez, com que tanto se orgulhavam os americanos, citando as metrópoles que em sua patria se haviam improvisado. Veja-se, por exemplo, que a capital paulista ha meio século contava mais de 23 mil habitantes. Em 1910 a sua população alcançava a 375 mil habitantes. Pelo ultimo recenseamento, a cidade contava 837.823 pessoas na sua população.

As habitações acompanham esse desenvolvimento da população. Hasta vêr que, de Janeiro até o fim de Setembro de 1923, foram construídos em S. Paulo 3.293 edificios novos. Isso quer dizer mais de 364 prédios por mez, mais de doze casas por dia: omi summa, uma casa nova de duas em duas horas.

Quando as construcções tomam esse extraordinário surto, o problema do inquilinato não apresenta nenhuma gravidade. Ao contrario, e a prova é que os alugueis não se elevam muito na cidade de S. Paulo. Estão por um preço muito mais baixo do que nesta capital. Em S. Paulo entretanto não lia lei de inquilinato. Se os alugueis estão inferiores aos daqui, é devido a factores de ordem natural.

No Rio os legisladores se apuram na factura de leis repressivas do que o inquilinos chamam a "ganância do senhorio". Mas as leis, na pratica, fallham completamente, sem eficiencia, como se vê da elevação constante dos alugueis, apezar das proliibições legais, tornadas inoffensivas como os espantalhos.





NOTAS DO EXTERIOR

A NOSSA VIDA DENTRO DE DEZ ANOS

I

A conceituada revista parisiense *Je sais tout* fez um grande inquérito sobre o desenvolvimento que, normal e logicamente, pôde receber o progresso do curso dos dois próximos lustros, no que concerne às modificações da vida no lar, às transformações das cidades, ao sistema de viagens e outros problemas interessantes.

Daremos aqui um resumo desta excelente reportagem:

A vida no lar — O inventor **Breton**, membro da Academia de Ciências, pensa que dentro de dez anos não é possível sonhar em ter creados. Só os possuidores de milhões poderão se dar a esse luxo. Não haverá mais quem abra a porta para receber um visitante. Mas este far-se-á anunciar, declinando nome e qualidade, assim como o fim da visita, num transmissor microplônico, que, no caso de ausência do pessoal da casa, registrará a comunicação em um aparelho igualmente incumbido de registrar os recados telepônicos: a hipótese da visita ser recebida, bastará calcar um botão para que a porta se abra e indicadores luminosos indiquem o caminho e introduzam o visitante.

O serviço doméstico é rapidamente feito: um aspirador leve, que se faça passear por qualquer compartimento, absorverá em poucos instantes toda a poeira nele depositada. Os ladrilhos e mosaicos serão lavados e estricilados facilmente com o auxílio de uma escova com água injectada, água que é aspirada e ao mesmo tempo expellida para o esgoto com as impurezas existentes. Os soalhos serão esfregados e encerados no tempo necessário ao gasto em percorrel-os, mediante um aparelho electrico de fácil manejo.

Lustrar as botas é operação trabalhosa e sem encantos. Bastará introduzil-as numa caixa, girar um comutador, para recebel-as, dois segundos depois, por uma abertura, tão brilhantes como sahiram da loja.

Será preciso tão somente collocar, uma vez por mez, algumas gottas de óleo nos motores, nos eixos das escovas, e no ventilador que expelle a poeira desprendida no curso das operações, e mudar de três em tres meses o tubo amovível que contem a provisão de graxa.

Para lavar a roupa nada mais se precisará que a depositar numa tina fechada. Por meio de torneiras e de alavancas, ella sahirá, instantes

depois, lavada, enxagoadá, esticada, prompta a ser recolhida nos armários.

A cozinha não impedirá a dona de casa de passear. Antes de sahir, c só collocar a carne para assar no forno, os legumes, preparados mecanicamente, nos utensílios proprlos, depois regular us agulhas do commutador automatico para que durante a ausência o forno receba o calor indispensável. Assada a carne, o fogo diminue de intensidade, conservando as calorias indispensáveis a que os pratos se conservem quentes, esperando a volta.

A lavagem da louça offerece a mesma cominodidade. Os pratos voltam á cozinha, como de lá sahiram, cili vagonetes, e na passagem de um túnel recebem uma serie de jactos d'agua quente que os lava c esterilisa na perfeição, sem que sejam tocados por ninguém. Uni ventilador incumbe-se de seccal-os.

A vida urbana — l'aul lligot, o eminente architecto autor tio celebre Plano de reconstituição da Roma antiga pensa que as cidades modernas deverão ser concebidas, embora em detrimento da belleza, sob um plano essencialmente racional, lleferindo-se ás difficuldades de circulação lias grandes cidades, onde d'aquí a dez annos será difficil dar uni passo, diz Bigot que o problema tem todos os característicos de uma questão insolúvel. Sem duvida á força de muito trabalho c procurando crear, onde for possível, passagens subterrâneas, chegar-se-ia a melhorar um pouco semelhante estado de cousas. Tratando-se porém de uma cidade a construir em terreno livre o problema muda de aspecto.

O architecto encarregado da construção de uma cidade moderna, nestas condições favoraveis, deveria começar por estabelecer o plano subterrâneo, que comporta tudo o que eleve e pôde desembaraçar a cidade. Nesta cidade subterranea deveriam ser collocadas as linhas metropolitanas, os passeios movediços, as linhas terminaes dos caminhos de ferro, as estações das grandes linhas, em uma palavra todos os grandes meios de transporte em commum, sem esquecer, bem

entendido, no segundo subsolo, os esgotos, as Unhas telephonicas e todas as canalisações necessarias.

Acima deste plano subterrâneo, e por superposição, é que se deverá estabelecer o plano da cidade com os seus grupos de immoveis, separados por avenidas reservadas á circulação pedestre c aos vehiculos leves.

A cidade nova será saneada e bem arejada porque tudo que l'or trabalho de usina será feito fora de porta. Os quarteirões possuirão cada um, edificios necessários aos serviços publicos. Serão reservados quarteirões especiaes para a administração por agrupamento dos ministérios, c para a Universidade por agrupamento em uma cidade universitária. de todas as faculdade, laboratorios e tudo que for indispensável aos trabalhadores intellectuaes. Haverá ainda o vasto quarteirão commercial, no qual se reúnirão as industrias de luxo e as casas de commercio. A tudo isso juntar-seão jardins, praças, parques, isto é, bastante ar.

Os automoveis — O senhor de Knyff diz-nos que em dez annos, isto é, amanhã, o automovel será o instrumento de todos, e cada um lerá o seu carro proprio. O auto decididamente deixou de ser o instrumento do rico.

O elemento força, que outrora era indispensável á condução de um automovel, desaparece cada vez mais: a prova é que se encontra lije a cada passo automoveis conduzidos por senhoras e por moças, sósinhos nos carros. liste detalhe prova que o progresso da construcção nos garante agora vehiculos cujo manejo é ao mesmo tempo fácil e seguro. O que se chama um hello carro será, de mais a mais, reservado a uma minoria eniquanto que o pequeno automovel leve, agll que passa por toda parte, irá se multiplicando, porque é economiclo. O preço de um automovel individual, que pôde ser adquirido por amortisações, está ao alcance de toda a gente.

Por outro lado o carro é conduzido c manejado por seu proprietario, e o que até então custavva caro era o mecânico, que além do mais não trabalhava senão oito horas. Para as re-



parações o automobilista individual encontra a garage colectiva onde os operários concertam rapidamente, em quanto o proprietário está occupado em seus affazercs.

O auto individual vac ter uma repercussão directa e considerável na vida das cidades: a posse de um carro particular permite morar longe em logar de bons ares, sem deixar de **TÍ** diariamente e rapidamente ao centro urbano.

Evidentemente esta utilização de pequenos automoveis em numero considerável produzirá modificações profundas nos nossos hábitos de circulação e de estacionamento. Finalmente o automovel individual promette resolver a crise das habitações pelo alargamento das cidades, cujos suburbios se estenderão a uma immensa periplieria.

("Jornal do Brasil" — Bio).

UM EPISODIO CURIOSO DO THEATRO JAPONEZ

O ultimo terremoto destruiu por completo o theatro Kawa-Kami, de Tokio. Esse theatro tem sua historia.

Grande admirador de Antoine, cuja obra teve occasião de apreciar numa viagem á França, Kawa-Kami propöz-se renovar por sua vez a arte scenica no seu paiz. Renunciando á politica, de que era personagem já considerável, decidiu ccyisagrar parte da sua fortuna á criação de uma escola dramatica e á construção de uni grande theatro.

Kawa-Kami não era um desconhecido para a Europa, pois representára lio theatro Rejane, em Paris, ao lado da esposa, á celebre atriz Sada Yacco, a Sarah Bernliardt, do Japão.

O casal, porém, não podia exliibr-se em Toklo, devido á interdicção expressa das mulheres se mostrarem no palco. Os papeis femininos são sempre confiados a jovens actores. Foi o acaso que decidiu da carreira artistica de Sada Yacco.

O casal havia emprehendido uma viagem á America e uma noite que o joven actor que desempenhava o papel de heroina do drama ficou subitamente indisposto, a linda japoneza, que tinha assitido a todas as repetições, propöz-se substituil-o. Foi uni triumpho indescriptivel e o cônsul do Japão, em São Francisco, que assistira ao espectáculo, applaudindo com entusiasmo, fez lembrar, comtudo, aos seus compatriotas que elles tinham incorrido no rigor das leis japonezas e que não poderiam regressar a Toldo. Em Londres, repetiu-se o êxito, com o mesmo aviso official, até que a rainha Victoria interveiu junto ao Miliado, em favor dos esposos interdctados.

O imperador, então, revogou a lei, concedendo autorização para que as mulheres pudessem representar no palco.

Foi o inicio da fortuna do theatro Kawa-Kami.

UNAMUNO

O sol não restringe a sua claridade ao ponto do céu em que brilha: diffunde-a largamente em todo o espaço, desde a altura do Ether até o algar mais profundo «Jj terra e ainda com ella assiste piedosamente aos astros mortos para que appareçani dentro da noite.

Assim o pensamento, clarão d'alma, não é patrimônio deste ou daquelle povo: onde quer que appareça refulge para a Vida

e todos os espiritos se lhe achegam com alisia do seu beneficio.

Os guias que vão á frente das grandes marchas levantam os fachos para que a claridade se estenda tanto quanto possível na distancia, não se limitando a aclarar aos que caminham na sua proximidade, mas alcance aos das ultimas filas que são, áustamente, os que mais delia carecem.

Assim, é crime que offende c prejudica



a toda a Humanidade o acto do tyranno que retira da vanguarda um de taes guias pretendendo, com isso, fazer escuridão. Melhor será deixa-lo livre, em marcha, porque enquanto caminha leva o brandão erguido, mas se o prendem, algemando-lhe os pulsos, cahe-lhe das mãos o archote e em terra, de rasto, com a chama viva e rebellada, o que era esplendor no espaço torna-se incêndio e lavra e ai! da floresta dos conciliábulos e dos tyrannos que nella conspiram contra a Consciência Humana.

Enganam-se os que imaginam poder apagar com cinzas uma fogueira; o mesmo seria cuidar que as nuvens sepultam o sol ou que uma violência contenha a Idéa.

Depois da tempestade rompe mais rebrilhante o sol; das cinzas exsurgem com mais impeto as labaredas e o pensamento, quanto mais opprimido, mais força adquire, não fosse elle gérmen, como a semente, que primeiro dorme enterrada para depois rebentar, vir á flux, crescer em arvore de flor e fruto.

Foi do martyrio e do fundo das catacumbas que saiu victorioso o Christianismo.'

O que a Espanha actual, com o governo da espada, anda a fazer, é, justamente, o contrario do que fez outrora quando a governavam os carrascos do *san bonito*. Os inquisidores accendiam braseiros nas praças e expunham ás chammas dos *autos da fé* os que ousavam contrariar a monita de Santo Ignacio ou aquelles que, por conveniência da politica freirática, deviam ser supprimidos.

Em todo o caso, Torquetnada cercava-

se de luz, ainda que de *quemadros*. A Inquisição illuminou sinistramente a Espinha.

Agora a espada versátil do grande Anjo fardado expulsa os rebeldes da Patria, apaga todos os lumes e pretende fazer a escuridão na terra do heroismo. Não lhe saia errado o golpe!

Quem flagella archotes ou quem com elles bate em terra é como quem fêre rochedos — provoca centelhas e, assim como uma só faísca, dando em palha muito tempo exposta ao sol, basta para inflamma-la levantando incêndio, que tudo arrasa, assim um povo longamente opprimido se lhe chega uma faúlha ao animo logo se accende em revolução.

A condenação de Unamuno está revoltando a Consciência Humana. E' o Pensamento que está em causa e Pensamento é Luz, pertence ao espaço e ao tempo.

Não se trata somente da Espanha, mas da Alma, espirito dos povos, da Liberdade affrontada e ferida na pessoa de um dos seus maiores apóstolos.

São todos os corações que se insurgem e protestam contra a iniquidade.

D'ahi, quem sabe? Deus escreve direito por linhas tortas. Talvez que Unamuno, em degredo, seja mais util á Espanha do que se nella permanecesse.

Apartado da Patria, o philosopho falará mais alto, e para o mundo todo e. . . de longe é que os pharões illuminam.

Coelho Netto

(Da Acedemia Brasileira.)

"A Folha" — Rio.

"VOCABULÁRIO DE RUY BARRBOSA"

Tendo sahido gravissimos erros de revisão no "Vocabulario de Ruy Barbosa", recentemente editado^ inserimos a seguinte *errata*:

No Prefacio:

Onde se lê *á inveja rancorosa*, pag. 27, leia-se *a inveja rancorosa: uma caudal* de expressão, pag. 30, leia-se *uma caudal de expressões: entregadas 110 debuxo*, pag. 36, leia-se *entretidas no debuxo: prosa*

symphonia vibrará sempre harmonia, pag. 46, leia-se *prosa symphonica vibrará sempre harmonias*.

No Vocabulario:

Vocábulo — *autophographia* (nota), onde se lê *substituto*, leia-se *substantivo*; vocábulo — *geminado* (nota), onde se lê *o facto de dispor dois*, leia-se *o facto de dispor dois a dois*; vocábulo — *hallali*,



corrija-se assim o texto truncado de Ruy: "como um hallali de trompas alvoroçadas"; vocábulo — *meia cara* (nota), onde se lê *batemos pé*, leia-se *batemos fé*; vocábulo — *ncval*, onde se lê *Revista de Linguagem Portuguesa*, leia-se *Revista de Língua Portuguesa*; vocábulo *papalatria*, corrija-se *papolatria*, conforme o graphou Ruy Barbosa; vovabulo *privatitico*, emende-se *privatístico*, como o escreveu o Mestre; vocábulo *rata* (nota), onde se lê ?

como o *burlesco substantivo*, leia-se e como o *burlesco substantivo*. Na palavra *superstruir* concerta-se a definição, que é fazer *superstrueturas* e não — fazer *superstructurar*. Na definição de *cntrelinhista*, leia-se *entrelinhado*; na de *ministrificação*, leia-se *elevação*.

Outros lapsos, mas de fácil correcção, deparam-se nos vocábulos — *desfibratizo*, *espadarão*, *estratarquia*, *imanizado*, ot' *chesographia* e *retrodatar*"





RADIO NOTAS

bessse^

Em matéria de pintura estamos atrozadíssimos.

Nosso grandes mestres pertencem às escolas antigas e os nossos "novos" não sentem curiosidade pelo que se passa no estrangeiro. Tarsila do Amaral é uma excepção. Vai realizar, dentro de pouco tempo, uma exposição de seus quadros mais modernos. O publico terá assim a ocasião de admirar, ou pelo menos de conhecer, uma pintora brasileira que pinta "em brasileiro". O caso é raro e digno de ser notado. Para julgar-se o valor de nossa patricia basta que se reproduzam aqui as palavras que Maurice Raynal, um dos melhores criticos francezes, lhe dirigiu ao sair do seu atelier: "Vous avez réus-si".

S

Ha algumas semanas que se acha entre nós o poeta Blaise Cendrars. Todos que se preocupam com o movimento da poesia moderna, conhecem de sobra a sua forte e original personalidade.

Theophile Gauthier dizia que, para o seu dilettantismo, artistico o mundo visivel existia; para Cendrars, o mundo de hoje — *Le monde entier* — existe realmente, na sua integral universalidade, desde o fogo de artificio da Place Clichy, em Montmartre, até os verdes varjões dos Campos da Vaccaria.

Saudemo-lo na sua meteórica passagem por este 23° 36' de latitude e 3° 27' de longitude, que é São Paulo.

II

A Inglaterra deve ser um paiz de grande arte e de muito gosto. Si não o fosse não ameaçaria o Egypto de rompimento de relações só por causa da múmia de Tut-Ank-Amen.

Dizem as más linguas que ha no tumulto descoberto por Carnavon uma maior quantidade de ouro do que a existente no Banco de Inglaterra! Isso não passa de calumnia...

Seja o que for, o pharáo tem um caracter vingativo. A multiplicidade das coincidências de morte, contrariedades, complicações, encontradas no decorrer dos trabalhos de excavação, é significativa.

II

Marcello Tupinambá que é, com I.évy e Nazareth, um dos mais sinceros compositores brasileiros realizou uma festa da canção. Nada mais louvável.

Nossa modinha deve ser cultivada, porque na sua melodia estão todas as nossas possibilidades musicas.

Portanto toda a parte da festa consagrada a esse genero de musica foi agradável e necessaria. O que,

porem, é desagradavel e desnecessário é a tendencia do Sr. Tupinambá para o puccinismo e a falsa musica seria. Tupinambá e Catullo são dois gênios que a celebridade está desen-caminhando. Voltem os filhos pró-digos á casa paterna! Não escutem os máos conselhos da semi-cultural

S

Wilson e Lenine morreram! Seria dos mais interessantes estudos, um paralelo das vidas e obras desses chefe de estado. Duas grandes mtelligencias profundamente opostas que são paralelas, quer dizer que não se encontram nunca apesar de serem eguaes. Ambos idealistas aguda e doentiamente; ambos tiveram uma imaginação vigorosa e inquieta. Nenhum delles foi grande escriptor ou orador. Ambos falliram na realisação pratica de suas idéas grandiosas: Liga das nações e Republica dos Soviets. A Liga encontra em seu caminho a má fé das grandes potencias, c, cada assembléia traz novas desillusões. Quanto á Rússia, emburgueou-se.

a

Gerard d'Hourville, escriptora bernal e bastante desabusada pelo modernismo, achou uma nova definição do T. S. F.: Tempo sem fadas! A triste questão das fadas! Tempo sem fadas! Com effeito, mas não tempo sem fé.

De mais a mais as fadas não desapareceram; foram simplesmente substituídas por outras de nomes diferentes: a electricidade, o motor, o telephone, etc. Mas o desaparecimento das fadas não nos deve entristecer. Para que fadas se cilas não interessam mais as creanças avidas de outros mysterios. Nas lojas de brinquedos só se vêem, hoje em dia, aeroplanos, automoveis, jogos mecânicos.

O proprio trem já sahiu de moda. Os bonecos grotescos tomaram-lhe o lugar. A sensibilidade infantil cultivada agóra a ironia e as sciencias exactas. Cultiva também o esporte

e, crescendo, dará uma raça sadia, couraçada contra o romantismo embriagante.

a

Nesta epocha excitada de Mussolinis e sub-Mussolitiis, ha um ensinamento a tirar do livro recente de Albert Guerard, sobre a "Lenda Napoleonica". A obra é de um americano e é um protesto contra o culto persistente de Napoleão, nos Estados Unidos. Diz Guerard que essa idolatria se observava sobretudo nas tropas americanas que estiveram em Pariz por ocasião da guerra. Logo ao desembarcar o *Sammy* americano pedia que o levassem ás duas grandes curiosidades da França: ao tumulo do Imperador... c ás *Folies-Berjtjeres*.

Eram os dois pólos do prestigio francez.

Diz Guerard que o americano admira antes de tudo em Napoleão o *self-made num*, o seu patricio typico, o grande reclamista, o grande especulador, o maior *fiarvenu* que o mundo tem conhecido.

Ha em todo o livro uin bello estudo de psychologia internacional e podemos recomnienda-lo aos que se interessam pelo problema da "fascinação napoleonica".

m

A conferincia de Baise Cendrars no salão do Conservatorio interessou apenas umas sessenta pessoas. E' triste. A falta de curiosidade dos brasileiros pelas cousas de arte é uma realidade pavorosa. Nem, ao menos, existe em São Paulo, esse snobismo dos yankees que é um facto necessário no desenvolvimento da intelligencia de um povo. E' muito triste.

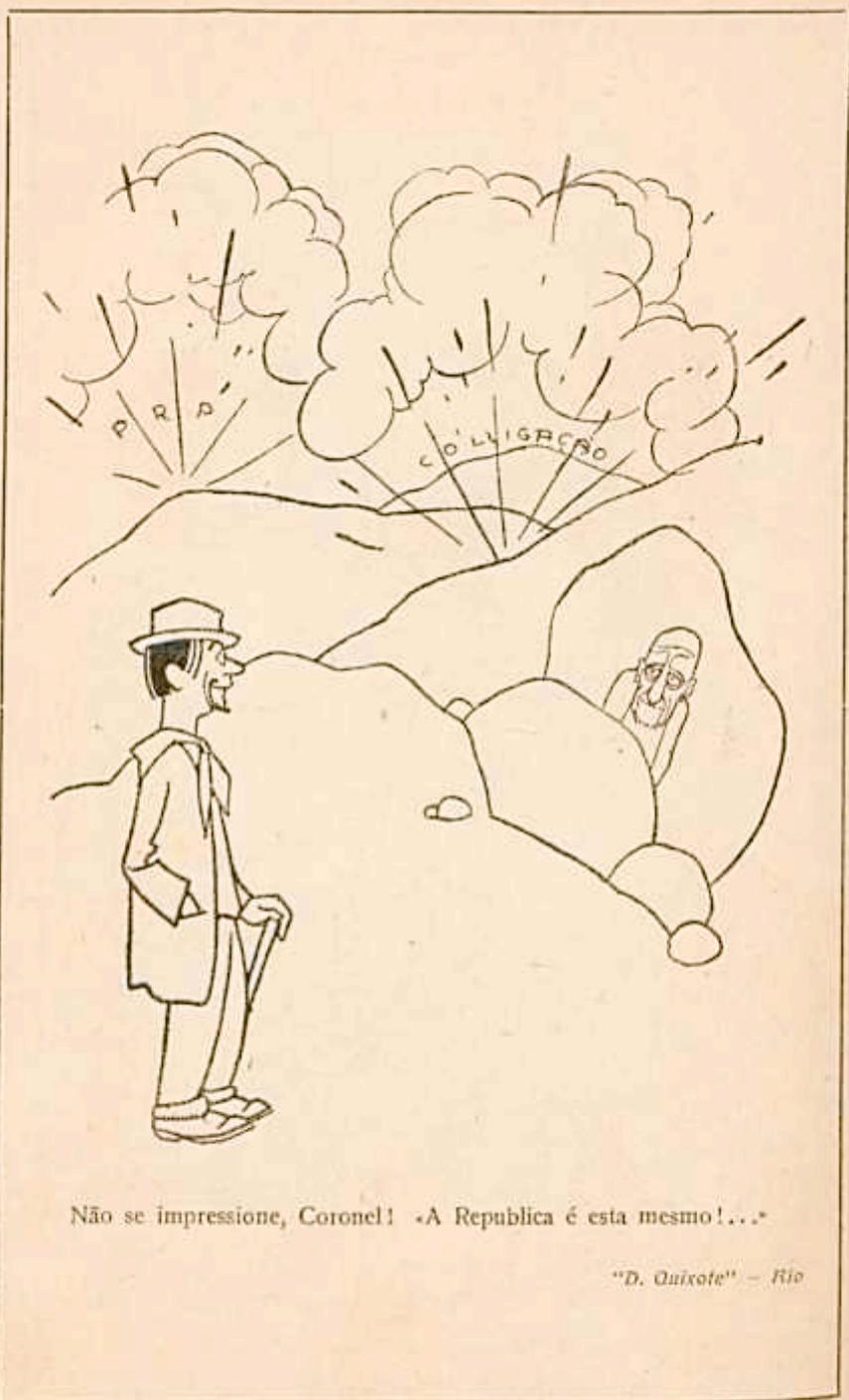
As cotações da Bolsa de Mercadorias, o cambio e o foot-ball não devem açambarcar a curiosidade de uma nação. E' preciso que ao lado disso, que aliás é muito interessante, sobre ainda um lugarsinho para meditação e o goso da belleza. Ln' São Paulo não existe esse lugarsinho. E' tristissimo.

ÀS CARICATURAS DO MEZ



As cortinas da Light

"D. Quixote" - Rio



Não se impressione, Coronel! «A Republica é esta mesmo!...»

"D. Quixote" - Rio

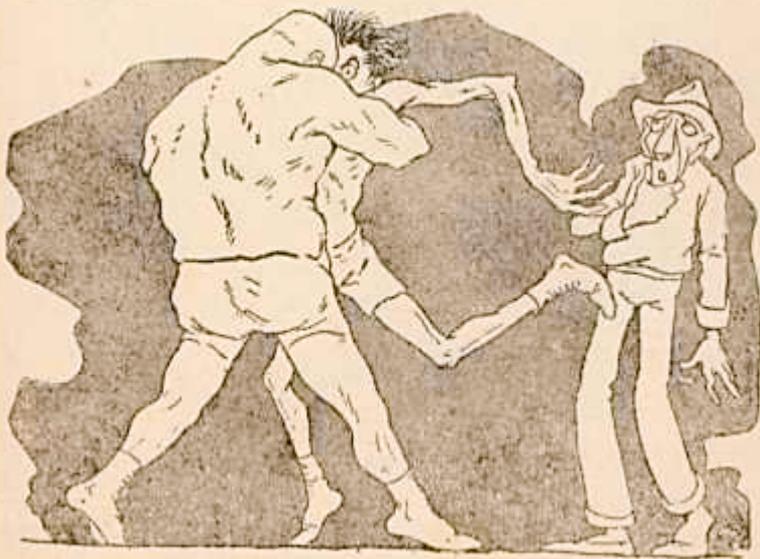
NA REPARTIÇÃO DE AGUAS



— Seu doutor, lá em casa não ha agua desde quinta-feira.
— Não é lá só. Todo o Rio está assim. Mas para que agua ? Co este calor precisamos é de gelo.

"D. Quixote" - /T/o.

RECEITA VERSUS DEFICIT



3é — E' excusado torcer... Sempre é sabido qual delles tem a vida apertada...

"D. Quixote" - Rio.

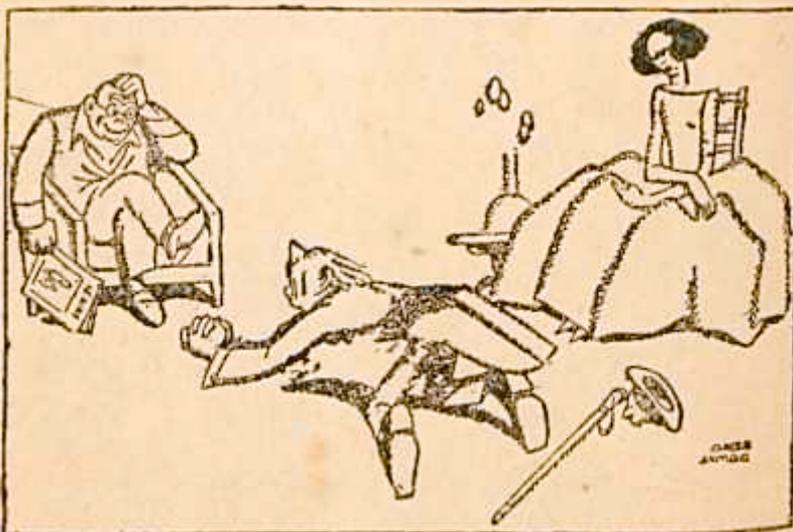
COWD TODW GENTE...

Mussolini vae sustentar these na Universidade de Bolonha para receber o titulo de doutor.



— Ah, freguez, o Mussolini está me desgostando. Foi condecorado, agora vae ser doutor... Não tem mais nada de extraordinário.

"D. Quixote", - Rio



O pretendente — Dê-me a mão de sua filha I Eu não posso viver sem ella.

O pae — Case, caro ainigo, case, porque eu não posso viver com ella I

"Jomar-rtio.____

I LOTERIA DE S. PAULO

28 de Março

Sexta-feira

30:000(000)

f = » O R 2 \$ 7 0 0

Os Bilhetes já se acham á venda em
toda a parte.

Canio e Mello

*o festejado romancista que com tão bellas
obras tem enriquecido as letras patrias
acaba de publicar um novo romance*

"Recordações

*que merece ser lido por todas as pessoas
de bom gosto.*

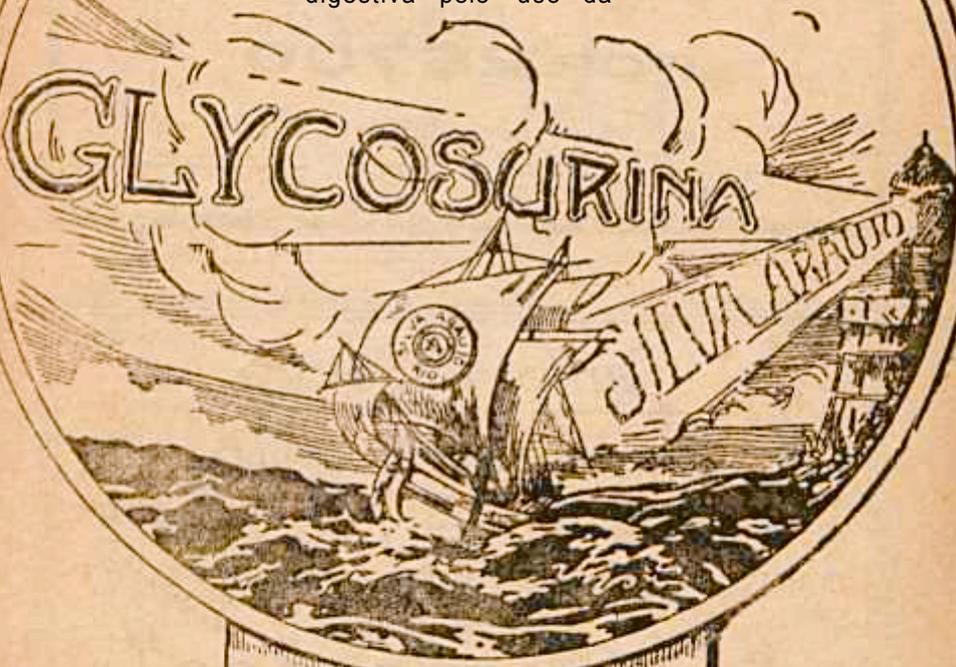
Pedidos, **MONTEIRO LOBATO & C.**

CIITOTIIJII - S. PAULO

DIABETICOS

7 / vV) I C PRECISO combater a perda
L — d e assucar. tonificar o or-
ganismo. regulansur as funcções dos orgãos internos
essenciacs a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA

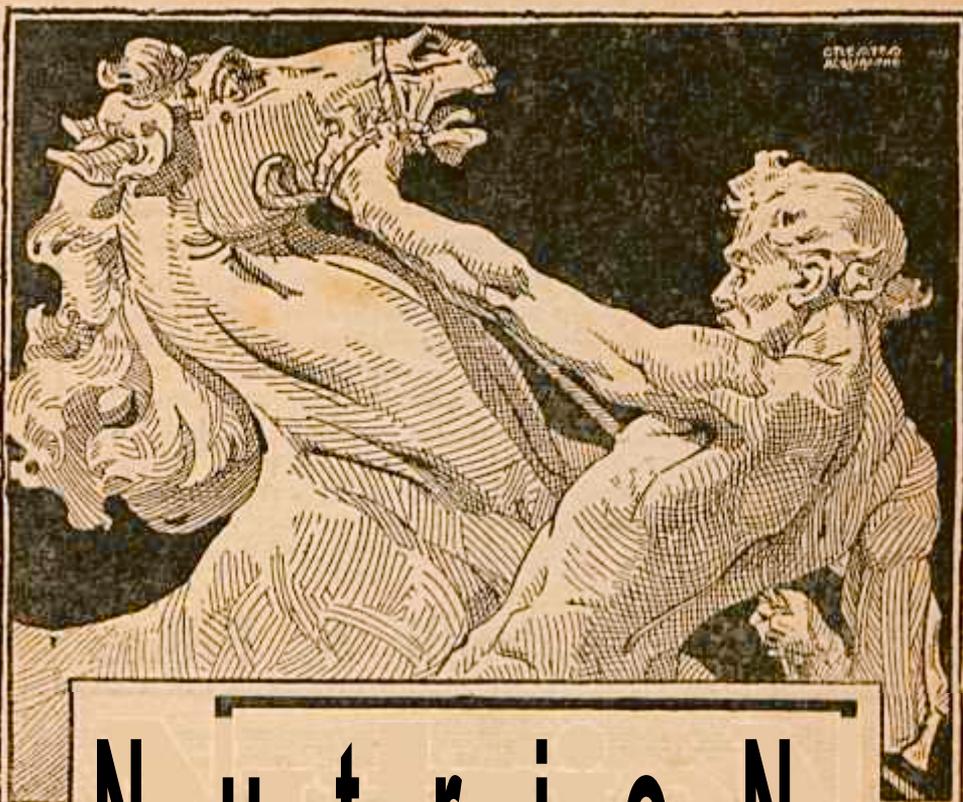


heroico medicamento composto d-
plantas indígenas brazilciro*

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO E OUUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres SP
de chá por dia em agua ^--^^



N u t r i o N

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E* o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

R [^] e g i n a H o t e l

Endereço Telegraphico : REGINA ..

Largo de S. Ephigenia, 8 [^] SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejável. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui elevadores, rede telephonica para todos os andares, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escurpulosamente escolhido e a cozinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietários, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Revisã da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos que se interessarem pelo assumpto didáctico.

Kodaotore « s

Dr. A. Almeida Junior

Prof. Léo Vaz

Prof. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Editores : MONTEIRO LOBATO & Co.

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

« Annuul lüSOOO



Monteiro Lobato & Cia.

têm no prelo, prestes a sahir, utilissimos livros escolares e jurídicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores :

Olavo Freire	Chorographia do Brasil.
Alvaro Rodrigues .	Geometria Descritiva.
» » » .	O Ensino Profissional.
Synesio de Faria. .	Lições de Álgebra:
	Decomposição em Factores.
.. .. .	Calculo Differential.
.. .. .	Calculo Integral.
Dr. Moncorvo Filho .	Hygiene Infantil.
Othoniel Motta . .	Anthologia Portugueza.
Dr. Reynaldo Porchat.	Direito Romano.
.. .. .	Da Retroactividade das Leis Civis.
.. .. .	Pessoa Physica e Direito Romano.

Desde já accéitam-se pedidos.

Rua Victoria N. 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato

C.

.IM.

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato	Broch. 4 \$000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida	Broch. Em papel fôfo 5\$000 Em papel jornal 3\$000
FACUNDO, de Sarmiento	Broch. Em fôfo 5\$000 Em jornal 3\$000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia.	Broch. 4\$000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, de Oswaldo Barroso	Broch. Em fôfo 4\$000 Em jornal 2\$500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do P.idre Heliodoro Pires	Broch. 5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna	Broch. 8^000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha	Broch. 10\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimarães	Broch. 3\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	Broch. 4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, contos de Amando Caiuby	Broch. 4 \$000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins.	Ene. 7\$000
JUCA MULATO, (4.* edição) de Menotti dei Picchia	Broch. 3\$000
O PRINCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa	Broch. 3\$000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl	Ene. 20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira	Broch. 51000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage	Broch. 4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	Broch. 5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay	Broch. 5\$000
O PADRE EUZEBIO, de Antonio Celestino.	Broch. 4\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, por João Leda, br	5\$000
DISSE, por Altino Arantes, edição do Grémio XI de Agosto, br	8\$000
ENCYCLOPEDIA JURÍDICA, por Laudelino Baptista, br	5\$000

Pedidos a Rua Victoria, 47 - Caixa, 2-B - S. PAULO